

FILARMÓNICA RECREIO DOS ARTISTAS: PROCESSOS DE SOCIABILIDADE EM CONTEXTOS DE EXIBIÇÃO E PERFORMANCE

Ana Rita Oliveira Lopes

**Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários
à obtenção do grau de Mestre em Antropologia – Especialização em
Culturas Visuais, realizada sob a orientação científica de**

João Aires de Freitas Leal

Março, 2012

FILARMÓNICA RECREIO DOS ARTISTAS: PROCESSOS DE SOCIABILIDADE EM CONTEXTOS DE EXIBIÇÃO E PERFORMANCE

Ana Rita Oliveira Lopes

**Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários
à obtenção do grau de Mestre em Antropologia – Especialização em
Culturas Visuais, realizada sob a orientação científica de**

João Aires de Freitas Leal

Março, 2012

RESUMO

O presente estudo tem como objectivo principal dar a conhecer em especial uma das filarmónicas graciosenses actualmente em actividade, a Filarmónica Recreio dos Artistas, destacando a sua importância na vida social da população, as práticas e discursos de sociabilidade inerentes, e dos meios através dos quais se procura uma representação social e identitária.

A ilha Graciosa, a ilha mais pequena do grupo central do arquipélago açoriano, constitui o terreno privilegiado deste estudo por apresentar uma actividade cultural intensa numa área com menos de 5.000 habitantes em relação às ilhas circundantes. Para além das quatro filarmónicas actualmente em actividade, sediadas em cada freguesia, a ilha conta com outros grupos associativos de outra natureza.

Para os eruditos, as filarmónicas graciosenses assumem uma grande importância na participação das festividades locais, quer religiosas quer profanas, nas procissões e arraiais e sobretudo no acompanhamento das festas do Divino Espírito Santo.

No contexto de exibição e performance que se insere este estudo, a participação das filarmónicas nas festividades constituem um momento de grande representatividade visual através das várias encenações rituais (nomeadamente a execução em festas locais, procissões, arraiais, etc.) e sob outras formas visuais (o vestuário e a marcha).

A participação nas festividades da ilha representa também um momento de intensa rivalidade entre as Filarmónicas que competem por uma identidade local através de um significativo desempenho musical.

Tendo como ponto de partida a realização de um enquadramento histórico, pretende-se analisar os contextos e processos sociais que estão na origem das práticas de sociabilidade em observação, os discursos da identidade local e o lugar específico das filarmónicas nas encenações rituais, a sua visibilidade e impacto visual que transmitem a uma determinada audiência.

Palavras-chave: Bandas Filarmónicas, Tradições musicais, Filarmónica Recreio dos Artistas, processos de sociabilidade, Identidade local, Encenações rituais locais, Rivalidades

ABSTRACT

This study is focused mainly in particular on Graciosa brass band, *Filarmónica Recreio dos Artistas*, highlighting its importance in people social life, practices and discourses of inherent sociability, and the means by which is looking for a social representation and identity.

The Graciosa island, smallest island of the central group of Azorean archipelago, is the privileged terrain of this study due to an intense cultural activity in an area with less than 5,000 inhabitants compared to the surrounding islands. In addition to the four brass bands , based in each village, the island has other associative groups of the other kinds.

For scholars, the Graciosa brass bands are of a great importance in the participation of local festivals, whether religious or secular, in the processions and festivities and especially in Holy Ghost Festivals.

In the context of display and performance that is part of this study, the participation of the brass band in festivities are a moment of great visual representation of various scenarios through rituals (including the enforcement of local festivals, processions and festivals, etc) and others forma of visual (clothing and gear).

Participation in the festivities of the island is also a moment of intense rivalry between brass band competing for a local identity through a significant musical performance.

Taking as starting point the realization of a historical framework, we intend analyze the context and social process the gave rise to the practices of social observation, the discourse of local identity and specified place in staged rituals of the brass band, its visibility and visual impact that transmit a particular audience.

Key-words: brass bands, musical tradicional, Filarmónica Recreio dos Artistas, sociability, identity, local festivals, rivalry.

Ao Tio Baltasar

AGRADECIMENTOS

A primeira pessoa a quem devo a este estudo é sem dúvida ao professor e orientador João Leal. Este estudo só ganhou forma com a sua proposta desafiante em desenvolver este estudo na Ilha Graciosa, nos Açores. Só mostra o quanto sempre estive atento aos interesses pessoais dos seus alunos. Um muito obrigado por todas as vezes que teve de suportar as minhas dúvidas – ao que lhes chamava de “estados de alma” – à sua tolerância, ao seu encorajamento e o seu sempre bom-humor.

Um muito obrigado a todos os músicos da Filarmónica Recreio dos Artistas, em especial à maestrina Vânia Bettencourt pelo seu interesse prestado desde o início deste estudo, muito antes da deslocação para o terreno, igualmente ao André Simas, colega de trabalho e amigo, pela sua disponibilidade em colaborar neste estudo. A colaboração de todos, por mais pequena que tivesse sido, foi preciosa.

Aos meus pais e irmão por suportarem as saudades, pela troca de correspondências, pela tolerância à minha instabilidade emocional. Em especial à Tia Graça e primas Ana e Sara por todo o vosso apoio e bons conselhos.

Aos amigos de sempre, aqueles que Coimbra guardou, em especial à Guida, à Xana, à Thaís, à Cathy, numa última fase deste processo, ao Daniel, pela vossa paciência, pela nossa amizade, por permanecerem ainda em Coimbra para vos poder visitar.

À Ana Isabel, a que devo em muito a sua breve passagem na Ilha Graciosa, à tua presença, dedicação e preocupação constante. Àqueles dias em que suportaste comigo toda esta inquietação.

À República Desordem dos Engenheiros de Lisboa por terem albergado os meus bens na vossa casa aquando da minha ausência. Um especial obrigado ao Nuninho, por todas as vezes que me levou a passear de carro e pelas idas ao Macdrive.

Aos irmãos Bruno e Vítor pela vossa sempre presença e incentivo. Ao Tiago e camarada Alice pelo mesmo apoio e pela vossa visita à Ilha Graciosa.

À Diana, pela força, pelo teu carinho, pelos chás e cafés, pelas noites a escrever a Tese e pela tua boa companhia na nossa sempre casa.

À Ana, colega de trabalho e amiga, pela força imensa nesta última fase do processo, um pouco atribulada e com acontecimentos menos felizes.

À Sara, pela nossa amizade de longa data e por todo o teu apoio.

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| 1. ILHA GRACIOSA: UMA ILHA DE TRADIÇÃO MUSICAL | 6 |
| Ilha Graciosa: descoberta, geografia e povoamento..... | 6 |
| Santa Cruz | 7 |
| São Mateus da Praia | 8 |
| Guadalupe | 10 |
| Luz | 11 |
| Paisagens e Património da Ilha Graciosa | 13 |
| Freguesia de Santa Cruz: aspectos gerais..... | 13 |
| Sociedades recreativas..... | 19 |
| 2. FILARMÓNICA RECREIO DOS ARTISTAS | 22 |
| Filarmónica Recreio dos Artistas: aspectos gerais | 22 |
| A Família Bettencourt na Instituição | 25 |
| Constituição da Filarmónica Recreio dos Artistas | 28 |
| Contributo dos músicos na Filarmónica Recreio dos Artistas..... | 29 |
| Sede | 32 |
| Os músicos da Filarmónica Recreio dos Artistas | 33 |
| Processos de integração na Filarmónica Recreio dos Artistas | 34 |
| Outras actividades | 43 |
| Conclusão..... | 44 |
| 3. O LUGAR DAS FILARMÓNICAS NAS FESTIVIDADES LOCAIS..... | 46 |
| Boas vindas ao Padre | 49 |
| Aniversário de uma Filarmónica | 50 |
| O Carnaval | 54 |
| Festas do Divino Espírito Santo | 60 |
| Coroação da Escola Básica e Secundária da Graciosa | 63 |
| Coroação da Filarmónica Recreio dos Artistas | 66 |
| Visibilidade das Filarmónicas nas festividades locais | 70 |
| Participação nas festividades..... | 72 |
| As reacções do público..... | 73 |
| 4. SOCIABILIDADES E RIVALIDADES | 77 |

| | |
|---|-----|
| Modos de sociabilidade..... | 79 |
| Rivalidades dentro de uma freguesia | 83 |
| Rivalidades entre freguesias..... | 86 |
| Discursos de identidade local..... | 91 |
| CONCLUSÃO | 97 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 102 |
| ANEXOS..... | 106 |

INTRODUÇÃO

O interesse significativo pelas práticas musicais – que se desenvolveu com a frequência dos conservatórios de música desde a infância – revelou ser um território familiar que não tardou em ficar a descoberto durante o percurso académico em Antropologia. Na sequência desse interesse e a recomendação de um olhar sobre um dos mais complexos rituais que integram o calendário cerimonial de Portugal, as Festas do Divino Espírito Santo nos Açores, surgiram questões em torno da representatividade e da visibilidade que as filarmónicas assumem nas festividades locais assim como a importância que assumem para a população local nas suas diversas manifestações, e outras problemáticas inerentes.

Surgiu assim a proposta de desenvolver um estudo de caso no domínio musical e artístico sobre as Bandas Filarmónicas da Ilha Graciosa, nos Açores. Em particular, esta pesquisa propôs-se desenvolver um estudo no seio de uma Banda Filarmónica, a Filarmónica Recreio dos Artistas – sediada na freguesia de Santa Cruz da Graciosa – centrando o estudo dos processos de sociabilidade e identidade a ela associadas visando também reflectir e compreender a lógica da sua construção e operacionalização em contextos de exibição e performance.

A origem das filarmónicas em Portugal é geralmente situada no século XIX, “por um lado por influência da passagem dos ingleses pelo território português, e por outro pelos franceses, a que não terá sido alheia também, na opinião partilhada por muitos, a criação de formações militares, que terá sido o primeiro modelo” (Louro, 2006:7).

A Banda Filarmónica, também conhecida por Banda Civil ou Banda de Música é assim definida por Lameiro (1997) como um “conjunto de instrumentistas de sopro e percussão, amadores, associados em colectividades a partir de meados do século passado no nosso país, que actuam com fardas mais ou menos próximas das militares, numa grande diversidade de acontecimentos públicos, profanos ou religiosos” (Lameiro, 1997:2)

A partir da década de setenta, as bandas filarmónicas, até então maioritariamente masculinas, começam a modificar a sua estrutura com a introdução de elementos

femininos “provocando mudanças significativas no comportamento dos seus elementos e modificando os requisitos logísticos necessários à performance” (Vasconcelos, 2007).

As Bandas Filarmónicas – cujas configuração e função foram sendo alteradas ao longo do tempo – foram consideradas durante muito tempo o único instrumento de divulgação e aprendizagem de música acessível a todas as classes sociais (Lourosa, 2009).

Contudo, apesar da sua inquestionável importância tanto nas festas religiosas como nas festas seculares, muitos são os autores que sublinham a escassez de trabalhos científicos sobre as Bandas Filarmónicas, destacando em geral apenas alguns dos trabalhos de carácter monográfico da autoria de Pedro de Freitas (1946).

Tendo em conta a dimensão populacional da região autónoma dos Açores que regista o maior número de grupos por 10.000 habitantes comparativamente com os distritos do continente – segundo informações do banco de dados do INET (Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos de Música e Dança) relativas a 1998 – o arquipélago açoriano configurou-se por essa razão como um terreno privilegiado para desenvolver o presente estudo (Castelo-Branco, 2001).

Para a concretização desta pesquisa apresentaram-se os seguintes objectivos mais particulares:

- Realização de um estudo de natureza histórica e etnográfico inserido sobre a Banda Filarmónica Recreio dos Artistas;
- A análise dos contextos e processos sociais inscritos na Filarmónica: análise da vida social da banda, dos tipos de sociabilidade que propicia essa vida social e como se articula com outras linguagens (parentesco, vizinhança, etc.);
- A análise da relação entre Bandas Filarmónicas e discursos de identidade local, com particular relevo para as rivalidades existentes entre Bandas Filarmónicas pertencentes a freguesias distintas;
- Perceber em termos de exibição e performance, o lugar específico das Bandas Filarmónicas nas encenações rituais locais.

De forma a concretizar os objectivos supramencionados tomou-se como referência a bibliografia existente e pertinente sobre este tema, recorrendo também, e essencialmente, à investigação e trabalho de campo. O contacto pessoal com os intervenientes das filarmónicas e outros potenciais informantes, a realização de

inquéritos, a realização de entrevistas, a participação e acompanhamentos das actividades e ensaios da filarmónica alvo, foram também ferramentas pertinentes para a realização da pesquisa.

Este estudo é um resultado de um trabalho de campo que decorreu entre Outubro de 2010 a Julho de 2011 na Ilha Graciosa. Servindo-me dos conhecimentos musicais adquiridos, passei a integrar a Filarmónica Recreio dos Artistas como instrumentista de oboé, possibilitando assim um maior contacto com o objecto de estudo, conseguido com a participação nos ensaios e nos concertos. Em alguns momentos do trabalho de campo decidi abdicar da participação como instrumentista para conseguir a obtenção de registos visuais da Filarmónica Recreio dos Artistas tanto em contexto de performance como em contexto de convívios. Da mesma forma viu-se como sendo igualmente pertinente o registo da participação das restantes Filarmónicas da Ilha, em contextos de performance assim como nas suas sedes.

Durante o trabalho de campo, realizado no tempo previsto, encontrei-me igualmente a lecionar aulas de violino e formação musical na Escola Básica da Ilha Graciosa – na freguesia de Santa Cruz - no âmbito do ensino artístico especializado e na Academia Musical da Ilha Graciosa, na freguesia de São Mateus da Praia.

Para além de um trabalho académico, esta tese é, na sua essência, uma acumulação de experiências no terreno. É sobretudo um olhar, o meu olhar sobre os intervenientes deste estudo. Trata-se simplesmente da minha forma de me relacionar com as pessoas e do modo como vejo as pessoas relacionarem-se entre si.

O presente estudo estrutura-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo intitulado a «Ilha Graciosa: uma ilha de tradição musical» dedica-se à apresentação das principais características do terreno (geográficas, demográficas, sociais e culturais) onde se desenvolveu a pesquisa. São descritas em pormenor as quatro freguesias que compõem o único concelho da Ilha, com um maior destaque à freguesia de Santa Cruz, por constituir o local onde se encontra sediada a Filarmónica Recreio dos Artistas, objecto central desta pesquisa e onde se desenvolveu uma recolha mais pormenorizada e prolongada da informação relevante. Com uma área de menos de 5.000 habitantes e uma intensa actividade cultural, a ilha Graciosa tem uma população de cerca de 4.393 habitantes, distribuídos pelas quatro freguesias (freguesias da Luz, de Guadalupe, de Santa Cruz e São Mateus da Praia) com um único concelho, de Santa Cruz da Graciosa. Cada freguesia tem uma Filarmónica e para além das Filarmónicas existem ainda outros

grupos associativos de diferentes características. Por essa razão, a ilha é assim muitas vezes caracterizada, pelos mais eruditos, como uma ilha de tradições musicais.

Depois de uma caracterização geral do terreno, segue-se o segundo capítulo intitulado «Filarmónica Recreio dos Artistas», onde é apresentado em pormenor, o objecto de estudo em que se centrou esta pesquisa. Em primeiro lugar, é apresentado o percurso histórico da Filarmónica Recreio dos Artistas marcado por sucessos e insucessos, em destaque para a reactivação da Filarmónica, que remete para a importância que este grupo associativo assume na vida social dos seus intervenientes assente no esforço em perpetuar a sua actividade e representatividade. São alvo de análise as questões relacionadas com a vida social das filarmónicas, as relações estabelecidas entre os músicos, e os tipos de sociabilidade a elas associadas. São sucessivamente abordadas as motivações que levam aos músicos a integrar a filarmónica, os processos de recrutamento do grupo, o contributo de cada músico para a dinamização da actividade da filarmónica.

O terceiro capítulo intitulado «O lugar das Filarmónicas nas festividades locais» centra-se na importância das filarmónicas quando em contexto de exibição e performance, testemunhada pelos informantes locais, assim como a visibilidade e impacto que transmitem a uma determinada audiência. São enumeradas algumas das manifestações musicais individuais de cada filarmónica – na sua maioria da Filarmónica Recreio dos Artistas – e igualmente, mas em menor frequência, apresentações colectivas das quatro filarmónicas, todas elas alvo de observação e registo fotográfico durante o período dedicado ao trabalho de campo. Uma vez que o trabalho de campo compreendeu o período de Outubro a Julho, e que as festividades locais só têm lugar a partir da data assinalada pela Páscoa, são aqui apresentadas as actividades dinamizadas, em particular, pela Filarmónica Recreio dos Artistas, durante um período em que os concertos são escassos. Na sequência da celebração da Páscoa, as Filarmónicas começam a ter maior visibilidade em resultado da sua participação nas Coroações do Divino Espírito Santo. Em especial, nessas festas, as Bandas Filarmónicas procuram expressar-se através da performance musical, que é cuidadosamente encenada e preparada durante a época invernal. Novamente, os discursos dos informantes locais apresentados são fundamentais para o entendimento destas práticas musicais colocadas em exibição e performance para uma audiência diversa.

Finalmente, o quarto capítulo, subordinado ao título «Rivalidades e Sociabilidades» centra-se no estudo de mecanismos de sociabilidade mais alargados associados às actividades das filarmónicas, com destaque para as rivalidades entre as bandas filarmónicas de uma mesma freguesia ou de diferentes freguesias. São apresentados alguns testemunhos desse fenómeno num passado longínquo, relatado por um dos autores locais que desde há muito se dedica ao estudo das tradições musicais da sua Ilha, bem como opiniões dos entrevistados segundo as quais o fenómeno das rivalidades parece assumir hoje formas mais moderadas comparativamente com o verificado há muitos anos atrás.

1. ILHA GRACIOSA: UMA ILHA DE TRADIÇÃO MUSICAL

Ilha Graciosa: descoberta, geografia e povoamento

A Graciosa é uma ilha situada no extremo noroeste do grupo central do arquipélago dos Açores, com centro nas coordenadas geográficas, aproximadamente, 28° 05'W e 39° 05' N, a 37 km a nordeste da Ilha de São Jorge e a 60 km a noroeste da Ilha Terceira.

A Ilha Graciosa é relativamente maior do que a Ilha do Corvo, mas é a ilha mais pequena do grupo central, com uma dimensão de 61,66 Km² e um formato grosseiramente oval, com 12,5 km de comprimento e 8,5 km de largura máxima.

É de todas as ilhas do arquipélago a menos montanhosa e húmida, atingindo os 400 metros de altitude. Na zona central, nas serras, atinge os 350 metros mas “94,3% da sua superfície situa-se abaixo dos 300 metros” (Daniel, 2004:11).

É desconhecida a data exacta de descoberta e povoamento da Ilha. Afirma Daniel (2004) que “apesar de alguns autores se inclinarem para o dia 2 de Maio de 1450, sabe-se que, na verdade, já seria conhecida em 1439, ano em que D. Afonso V concedeu liderança ao seu tio, o Infante Dom Henrique, para mandar povoar as 7 ilhas conhecidas (Flores e Corvo só seriam descobertas por volta de 1452).”

Em 1460, “o Infante D. Henrique dava conta, no seu testamento, de ter mandado construir uma igreja na Graciosa, mas alguns autores são da opinião de que, apesar dessa ordem, só mais tarde seria construído esse templo – até porque, ao contrário do que sucede nas outras ilhas, não foi nomeado o orago deste templo no Testamento do Infante. As datas mais verosímeis, para muitos autores, da chegada dos primeiros povoadores, situam-se entre os anos de 1465 e 1485” (Daniel, 2004:11).

Alguns autores afirmam que Vasco Gil Sodré, navegador português natural de Montemor-o-Velho, terá sido o primeiro povoador “que ali chegou numa expedição organizada a partir da Terceira, com a família e criados” (Daniel, 2004:11). Algumas fontes crêem que terá desembarcado no Carapacho, localidade situada na freguesia da Luz, “como mostra uma placa identificativa no local. Outras inclinam-se para um desembarque um pouco mais a norte, na zona da Praia. Este terá, contudo, sido um povoamento espontâneo, anterior à existência de uma capitania na Ilha” (Daniel, 2004:12).

A Ilha Graciosa constitui um único concelho, o de Santa Cruz da Graciosa, dividido em quatro freguesias: a Vila de Santa Cruz, sede do concelho e onde se encontra maior concentração populacional; a Vila da Praia, uma vila histórica que foi sede do concelho com o mesmo nome mas extinta no século XIX; Guadalupe, considerada a maior povoação rural da Ilha; e a freguesia da Luz, localizada ao longo da costa sul da Ilha.

Desde muito cedo “duas zonas foram-se evidenciando, a de Santa Cruz e da Praia. As duas foram feitas Vilas: a de Santa Cruz em 1486, a da Praia em 1546. Mais tarde, em 1867, a Praia perdeu essa categoria, em virtude de serem limitados os seus rendimentos” (Pacheco, 2005:11).

As freguesias de Santa Cruz e de São Mateus da Praia são das quatro freguesias, os únicos aglomerados com carácter urbano: em termos de distribuição populacional, ao contrário do que é habitual nas restantes ilhas do arquipélago, a população concentrou-se mais no interior, “o que foi facilitado pelas características geográficas da Ilha, nomeadamente a sua baixa altitude” (Daniel, 2004:20).

Como escreveu Vitorino Nemésio (1956) na sua obra intitulada *Corsários das Ilhas*: “Aqui dir-se-ia que o homem se foi cansando do mar, procurando silêncio e assento no interior” (Daniel, 2004:20).

Santa Cruz

Localizada a norte da ilha, a vila de Santa Cruz, sede do concelho de Santa Cruz da Graciosa, é “das poucas povoações açorianas com importância (centros administradores) com esta localização geográfica (Vila do Porto, Ponta Delgada, Lagoa, Povoação, Angra do Heroísmo, Velas, Calheta, Lajes do Pico, Horta, Lages das Flores e Vila Nova do Corvo estão localizadas a Sul)” (Daniel, 2004: 35).

É descrito, pelo guia da cidade, como um centro “pleno de história e encanto de ruas típicas, pitoresco casario e monumentos como a bela Igreja Matriz do século XVI, com diversos elementos Manuelinos, a elegante Igreja de Santo Cristo da Misericórdia do séc. XVI; os vários fortes e fortins espalhados pela costa para a proteger, em séculos idos, de ataques de Piratas e Corsários, a torre da Igreja da Nossa Senhora dos Anjos, parte restante de uma estrutura conventual destruída no século XX, as ermidas da Nossa Senhora da Ajuda, a de São João e a de São João Salvador, situadas no (...) Monte de Ajuda, as várias casas senhoriais da região, verdadeiras jóias arquitectónicas que

denotam a importância da agricultura na Ilha, ou o interessante Museu da Graciosa, retratando a história e etnografia da Ilha, dono de um rico espólio, que interessa conhecer, que alberga as tradições vitivinícolas e baleeira da Graciosa”.¹

É sobretudo na Vila de Santa Cruz que se encontra “o melhor conjunto de casas de expressão erudita (...) Estas casas sofrem influência de estilos estilísticos europeus – e, em menor escala, norte e sul-americanos – mas também se nota originalidade, sobretudo nas mais antigas. (...) Estas casas têm frequentemente janelas de duas folhas, em vez das tradicionais janelas de guilhotina” (Daniel, 2004: 35).

No que respeita ao património civil, em particular na Vila de Santa Cruz, pode-se falar de uma divisão em períodos diversos: “os conjuntos dos imóveis construídos até meados/finais do séc. XVIII e aqueles que foram construídos (ou reconstruídos, incorporando inovações) a partir de finais desse século e durante todo o século XIX. As casas mais antigas caracterizam-se pela sua horizontalidade: apresentam um pé direito, são austeras e pesadas, e mostram uma rede negra de grossas cantarias que se cruzam entre as verticais das portas (...) e as horizontais que dividem os pisos” (Daniel, 2004:35).

São representativos dos finais do século XX e do século XXI, edifícios públicos como o Centro Cultural, o Novo Tribunal e a Escola Básica e Secundária, localizados estes dois últimos na Rua do Rebentão, estrada que aflui para o centro histórico da Vila de Santa Cruz.

São Mateus da Praia

Situada a sul da Vila, a freguesia de São Mateus da Praia “tal como Santa Cruz localiza-se numa zona plana e abrigada, mas sem características diversas: estrutura-se a partir de uma via marginal, que constitui o eixo de uma pequena estrutura urbana linear, com vias de ligação a uma rua interior, onde se localizam as duas Igrejas do centro. (...) Na rua marginal, defronte para a praia, existe uma linha bem organizada de edifícios, de cores claras e fachadas simples, com dois e três pisos, dando um ar de homogeneidade ao conjunto” (Daniel, 2004: 35).

¹ <http://cm-graciosa.azoresdigital.pt/Default.aspx?Module=ArtigoDisplay&ID=234>

É na Vila da Praia que se localizam os principais imóveis da freguesia, com destaque para o quarteirão instalado ao longo da muralha de protecção costeira. Aí encontram-se duas instituições de extrema importância sociocultural, ambas com sede própria: a Sociedade Filarmónica União Praiense, fundada a 12 de Maio de 1889, instituição já centenária e detentora de uma moderna sede, e a Academia Musical da Ilha Graciosa, com data de fundação a 21 de Abril de 1988, uma instituição de ensino artístico, especializada em música, sediada em parte do edifício da escola primária da freguesia da Praia.

Ainda nessa rua marginal, encontra-se mais dois edifícios de significativa importância local, que são a Casa do Povo e o edifício da Santa Casa da Misericórdia, este último operando como um lar de idosos para além de igualmente prestar apoio domiciliário à própria freguesia e à freguesia vizinha que se situa a Sul (freguesia da Luz).

Apesar da freguesia apresentar o nome oficial de São Mateus da Praia, é geralmente denominado pelos seus habitantes de “Praia da Graciosa”, nome histórico do concelho de que foi sede. Para além da Vila da Praia, a freguesia é ainda constituída pelas seguintes localidades: a Vila da Praia, Fenais, Fonte do Mato e Rebentão da Lagoa.

A Vila da Praia é a segunda localidade mais importante da Ilha, com características marcadamente urbanas, onde se concentram os principais centros administrativos e socioculturais, e ainda o porto comercial, construído em 1970, substituindo os outros portos existentes nas freguesias de Santa Cruz (Barra) e da freguesia da Luz (Folga).

Em 1998, depois de uma tempestade de mar, o porto da Praia voltou a ser reconstruído e alargado sendo incluída no projecto de reabilitação de áreas de recreio (a zona balnear) e de pescas. O porto da Praia constitui assim uma das principais infra-estruturas da Ilha que tem contribuído para o aumento da frequência das ligações marítimas de passageiros ao Porto da Praia.

Nas suas imediações, encontra-se a Igreja de São Mateus construída no século XVI reconstruída e ampliada em finais do século XIX, onde anteriormente havia existido, no mesmo local uma outra Ermida dedicada a São Mateus, para alguns autores, considerada a primeira construção religiosa da Ilha (Daniel, 2004). É considerada uma das construções mais imponentes na paisagem da freguesia.

Na Rua da Matriz/Travessa de Santo António, onde se inscreve o edifício da Igreja Matriz, encontra-se a Ermida de Santo António, construída no século XVII, local onde o

coro de São Mateus, dirigido por José Gabriel Martins, maestro do coro, se reúne para a realização de ensaios.

Uma das atracções da Ilha Graciosa é sua Caldeira abrangida pelo território da freguesia de São Mateus da Praia. Trata-se de uma grande e imponente caldeira vulcânica que tem no interior a Furna do Enxofre e o seu lago subterrâneo, bastante profundo, que pode ser visitado quando os níveis de monóxido de carbono na atmosfera o permitem.

Actualmente, dispondo de um sistema de monitorização permanente, ligado ao sistema de vigilância sismo-vulcânica dos Açores, assegura aos seus visitantes uma visita mais segura. O acesso ao seu interior, construído no início do século XX faz-se por uma torre com cerca 37 metros de altura que contém uma escada em caracol que se prolonga por 183 degraus ligando diversos patamares com varandas abertas sobre a gruta.

É assim considerada pelo decreto Legislativo Regional número 24 /2004/A (Governo Regional dos Açores) uma estrutura geológica de grande interesse, onde as necessidades de protecção, preservação e de partilha dos valores biológicos, estéticos, científicos e culturais se fazem sentir, tornando necessário a sua contínua protecção.

São Mateus da Praia é uma freguesia que continua a assentar nas actividades portuárias e na pesca, assumindo igualmente um papel importante na produção das tradicionais queijadas da Graciosa, exportadas para as principais cidades açorianas.

Guadalupe

A sudoeste de Santa Cruz, no centro da Ilha, situa-se a freguesia de Guadalupe à qual pelas suas vastas culturas de vinha e outras como a do trigo, do centeio, da cevada, da batata e do feijão, foi atribuída a designação, de «celeiro da Graciosa», uma vez que as suas produções “alimentaram e ainda hoje continuam a alimentar este povo” (Pacheco, 2005:77).

O vinho é produto muito apreciado nesta Ilha. A cultura da vinha “ iniciou-se aqui com os primeiros povoadores. (...) Aí se fizeram os primeiros plantios. Mais tarde, esses terrenos foram divididos por paredes de pedra, formando pequenos quadrados, que tanto caracterizam esta paisagem. O verdelho sempre foi o vinho típico desta terra que, ao longo dos anos, foi ganhando fama, pela sua qualidade. Pisado nos lagares, guardado

em pipas de carvalho e de castanho, este vinho amadurecia, criava aquela cor de oiro e tornava-se apetecível e delicioso” (Pacheco, 2005:77).

Diz-se que o nome da freguesia “terá tido origem numa ermida ali construída para albergar uma imagem desta invocação trazida do México por um dos primeiros povoadores daquele local. A paróquia da Nossa Senhora de Guadalupe foi a terceira da Ilha, criada em 1602” (Daniel, 2004: 96).

Luz

Ocupando o extremo sudoeste da Ilha, encontra-se a freguesia da Luz, que se estende pelo largo vale entre a Serra Dormida e o maciço da Caldeira, e pela costa sul da Ilha desde a Ponta Branca, no extremo da Serra Branca, até ao Carapacho.

A freguesia da Luz é sobretudo conhecida pelas suas Termas e piscinas naturais anexas que se situam na localidade do Carapacho, localizada no litoral do extremo Sul da Ilha e umas das localidades pertencentes à freguesia,

O crescente interesse pelo termalismo e os seus benefícios para a saúde, particularmente a partir da década de 1750 e o surgimento da hidrologia médica nos princípios do século XIX, conduziram à redescoberta dessas águas termais, que a partir da década de 1810 passaram a ser utilizadas com regularidade.

O imóvel inicial das Termas foi construído entre 1947 e 1951, tendo sido sujeito a posteriores adaptações e novas instalações. Recentemente com novas instalações (2010) as termas do Carapacho são a grande atracção da população local, da mesma forma que o são para os visitantes, que recorrem não só às suas propriedades terapêuticas mas também as usam para desfruto de momentos de lazer.

Para além do Carapacho, a freguesia da Luz é constituída ainda por outras localidades, entre as quais a Luz, a Folga, e Pedras Brancas. É na Luz que se situa o centro da freguesia, onde estão concentrados os principais equipamentos sociais e administrativos da freguesia, como a escola primária, a casa do povo, inclusive a sede da Filarmónica da freguesia (Filarmónica União Popular Luzense) e outros imóveis de extrema importância do ponto de vista religioso, como a Igreja da Nossa Senhora da Luz e a sua Irmandade do Divino Espírito Santo.

Próximo do centro da freguesia, encontra-se a Folga, um pequeno povoado piscatório, que foi o principal porto da pesca da Ilha, conhecido como o mais seguro e mais abundante em pescado na Ilha. Mesmo depois da construção das modernas instalações portuárias na freguesia de São Mateus da Praia, o porto da Folga continuou a ser utilizado como alternativa para carga de passageiros quando o estado do mar impede a utilização do porto da freguesia de São Mateus da Praia e dos Portos da freguesia de Santa Cruz. Detém igualmente um conjunto de instalações industriais ligadas à pesca e múltiplas pequenas adegas que agora são testemunhos da importância que a viticultura teve nessa localidade.

Na elevação mais próxima do porto, ergue-se uma ermida, conhecida como a Ermida de Santo António, uma construção do século XX rodeada por vinhedos e voltada para o mar, tendo como seu santo padroeiro Santo António, patrono dos marítimos do Porto da Folga.

Na fronteira da freguesia de São Mateus da Praia com a da Luz, situa-se uma outra localidade, nomeadamente, Pedras Brancas, um povoado dividido entre as duas freguesias na qual se tem acesso a umas das paisagens mais sublimes quando estão reunidas as melhores condições atmosféricas: um panorama do triângulo de ilhas turisticamente mais requisitadas do grupo central do arquipélago açoriano, São Jorge, Pico e Faial.

Das quatro freguesias da Ilha Graciosa, a freguesia da Luz foi a mais afectada pelo último sismo ocorrido em 1980 provocando a destruição de grande parte do seu parque habitacional, em particular nas localidades do Carapacho e Folga, zonas da Ilha de grande susceptibilidade sísmica violenta.

A actual Igreja paroquial da Nossa Senhora da Luz, construída para substituir a igreja primitiva do início do século XVII, foi um dos exemplos de construções mais abaladas pela intensa actividade sísmica, a primeira na década de 1717, seguindo-se a do dia 13 de Junho de 1730 e a última já na década de 1980.

Apesar da destruição provocada por esse último sismo, a freguesia da Luz mantém casas de arquitectura típica, marcada pelas janelas de guilhotinas de dois panos e portas com uma barra decorativas, muitas vezes encimadas por enormes chaminés no modelo típico da Graciosa, com janela lateral sobre o lar e abertura rectangular (Daniel, 2004).

Paisagens e Património da Ilha Graciosa

A Ilha Graciosa é igualmente conhecida por Ilha Branca pela tonalidade esbranquiçada que apresenta, em parte “devido à sua toponímia (Barro Branco, Pedras Brancas, Serra Branca) e aos seus conjuntos arquitectónicos onde esta cor domina” (Daniel, 2004).

A baixa pluviosidade que durante muitos anos provocou a secura na Ilha (o que igualmente explica a razão da cor branca predominante) exigiu aos habitantes a construção de cisternas e reservatórios de água de forma a obstar à difícil obtenção de água potável.

As cisternas fazem parte dos conjuntos arquitectónicos que integram a paisagem da Ilha. São “construções impermeáveis, revestidas interiormente de pedra, barro, areia e cal, destinadas ao aproveitamento de água da chuva para o uso doméstico. Na Ilha Graciosa podem encontrar-se encostadas às habitações recolhendo a água da chuva directamente dos beirais” (Daniel, 2004:40).

Os reservatórios de água, com características idênticas às cisternas, “serviam (e servem ainda) para o armazenamento de água, mas destinada a populações inteiras. O seu interior surpreende pelo cuidado extremo colocado na construção, com um pé direito alto e amplo com grandes áreas, e pilares de pedra trabalhada de muita boa qualidade” (Daniel, 2004:41).

Uma outra construção com utilidade idêntica às construções supramencionadas são os tanques ou poços, semelhantes a uma cisterna, constituem também um espaço para lavar de roupa e um espaço aberto impermeável e escavado na terra destinados à recolha e armazenamento de água (Daniel, 2004).

Deste tipo de construção descrita, são mais conhecidos as da freguesia de Santa Cruz onde recebem a designação de paus. Situados no centro histórico da Vila de Santa Cruz, os dois grandes paus situados na Praça Fontes Pereira de Melo, fazem parte, nos dias de hoje, da própria estrutura urbana da Vila, e integram-se naquele que é o maior espaço público urbano da Ilha.

Freguesia de Santa Cruz: aspectos gerais

É precisamente no centro histórico que um roteiro urbano na Vila de Santa Cruz pode ter início: na sua maioria, os guias turísticos sugerem que se inicie o roteiro a partir do

Largo Vasco da Gama, junto à Câmara Municipal, que se encontra defronte do vasto largo com os pauis.

É ainda sugerido a exploração das suas imediações, que ficam a poucos quilómetros do centro, onde se pode encontrar uma parte significativa do património edificado da ilha. No lado oposto aos pauis encontra-se a ampla Praça conhecida como a Praça Fontes Pereira de Melo (nome atribuído em honra de Fontes Pereira de Melo pelo seu apoio à extinção do vizinho concelho de São Mateus da Praia,) que no seu centro é ornada por um coreto construído em 1945, substituindo um anterior que ali existia desde 1886.

Nessa zona encontram-se vários imóveis de interesse como a Torre da antiga Igreja da Nossa Senhora dos Anjos (também designada como Igreja de São Francisco), onde existia um convento, agora convertido num jardim infantil; o edifício da Biblioteca Municipal, imóvel que anteriormente às obras de adaptação em Março de 2005, funcionava como Tribunal da Comarca e Câmara Municipal, e na área circundante os serviços administrativos que servem a população da ilha.

Seguindo, a partir do centro a Rua Marquês de Pombal, chega-se pouco depois a um outro largo onde se encontram duas das mais importantes edificações religiosas da freguesia, a Igreja da Misericórdia (também conhecida como a Igreja do Santo Cristo) e a Igreja Matriz, ambas localizadas muito próximo uma da outra (Daniel, 2004).

Regressando ao Largo Vasco da Gama, num largo contíguo a este, encontra-se o largo de Santo António, onde se apresenta mais uma Ermida, com a mesma denominação do largo. No mesmo largo, do lado direito, percorrendo o edifício da Câmara Municipal, encontram-se as novas instalações do Museu da Graciosa, recentemente inaugurado em Dezembro de 2010.

Situado na Rua do Mercado, na Vila de Santa Cruz, o Centro Cultural é um edifício público representativo do século XX dotado de um grande auditório com capacidade para 260 lugares sentados, um foyer, e sala de exposições temporárias, “um espaço multifuncional onde se podem concretizar as mais variadas manifestações culturais, desde as exposições de teatro, passando pelos concertos musicais, festivais ou ainda conferências ou congressos”.²

Nos seguintes capítulos são enumerados alguns momentos em que o Centro Cultural foi palco de muitos concertos assegurados pelas Bandas Filarmónicas, assim como outros

² <http://cm-graciosa.azoresdigital.pt/Default.aspx?Module=ArtigoDisplay&ID=234>

grupos musicais da Ilha e artistas convidados de várias regiões de Portugal Continental e Ilhas.

Um outro edifício representativo do século XX é a Escola Básica e Secundária da Graciosa, sucessora da antiga Escola Preparatória Coronel Veríssimo de Sousa e da Delegação Escolar de Santa Cruz da Graciosa. É a única escola da ilha com ensino para além do 4º ano de escolaridade administrando hoje toda a rede escolar da Graciosa, ficando cada uma das freguesias com uma escola do 1º ciclo integrando jardim infância.

A antiga Escola Preparatória Coronel Veríssimo de Sousa, fundada em Outubro de 1971, tinha como patrono António Veríssimo de Sousa, um antigo governador civil de Angra de Heroísmo, da Ilha Terceira.

O edifício onde funcionava a escola preparatória consistia numa antiga casa de habitação, que anteriormente já tinha servido para aulas do ensino primário. Na sequência da Revolução 25 de Abril, a escola acabou por ser fundida em 1978 com a Secção Liceal do Liceu Nacional de Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, passando a ministrar até ao final do 3º ciclo do ensino básico.

Em 1985, a escola integra o ensino secundário apoiado pela autarquia a partir de 1995, passando em 1998 para Escola Básica e Secundária Integrada, incorporando então a Delegação Escolar do concelho. Em 2005, passa a beneficiar de modernas instalações, passando a denominar-se, até hoje, Escola Básica e Secundária da Graciosa.

É portanto na freguesia Santa Cruz que se concentram alguns dos principais serviços administrativos e socioculturais da Ilha, alguns dos quais já referidos, como a Câmara Municipal, a Biblioteca Municipal, o Museu da Graciosa, a sede da Filarmónica Recreio dos Artistas e todo um conjunto de património cultural de importante interesse público.

Inaugurada em Dezembro de 1993, a casa etnográfica da Graciosa como era antes assim designado o actual museu, consistia numa casa senhorial do séc. XIX, com dois pisos e jardim integralmente aproveitados para as funções museológicas” (Daniel, 2004) que serviu durante muitos anos de lagar e granel.

Para além do edifício principal, anteriormente localizado na Rua das Flores, numa das imediações do centro da Vila de Santa Cruz, a casa etnográfica detinha duas casas de botes (designação dada a barracões de canoas baleeiras) localizadas nas freguesias de Santa Cruz e de São Mateus da Praia, e ainda um moinho de vento no lugar das Fontes, localidade pertencente à freguesia de Santa Cruz (Daniel, 2004).

Preservou ao longo dos anos um espólio de peças “provenientes de toda a Ilha e referentes às diferentes actividades socioculturais e económicas que a caracterizam. Pretende ser «o espelho das actividades do seu povo». Nele se encontram diferentes secções, sobre a vida rural e agrícola, incluindo transportes; a casa graciosense tradicional, artes e ofícios, entre outras, num espólio com mais de 2,500 peças” (Daniel, 2004:54).

Recentemente, em Dezembro de 2010, foram inauguradas as novas instalações do Museu resultado de um projecto que procurou requalificar o edifício pré-existente e “integrar o espaço de um terreno anexo entretanto adquirido beneficiando assim de uma ampliação de instalações (...) e um acréscimo de área útil, distribuída por áreas, de acolhimento e administrativa, áreas de exposição permanente e temporária, e salas de Serviço Educativo”.³

Um dos artefactos em exposição que perfeitamente retrata a vida rural graciosense, entre muitos, é a atafona, um rudimentar engenho de moer constituído por duas pedras (mós) e uma estrutura de madeira, que, movidas por tracção animal, faz com que as pedras rodem sobre si mesmas, triturando os cereais e produzindo por sua vez a farinha (Daniel, 2004).

Em resposta ao progresso evolutivo, surgiu a necessidade de construir outras estruturas, em parte semelhantes à atafona quanto à função, mas com capacidade de produção maior, que actualmente ainda tem a sua utilidade no dia-a-dia. Entre essas estruturas estão os moinhos de vento, imóveis de interesse municipal e um dos ex-líbris da Ilha, que têm hoje no dia-a-dia uma utilização sobretudo decorativa (veja-se as imagens que são utilizadas na maioria dos postais, nos guias turísticos e nos souvenirs comercializados).

Segundo alguns autores, os tipos de moinhos existentes na ilha têm “influências flamengas, embora actualmente se pense que terão mais influência do Médio Oriente, sobretudo nas cúpulas, pelas suas características bizantinas” (Daniel, 2004). Estes moinhos apresentam “um tronco em forma de cone, geralmente caído, encimado por uma cúpula giratória, em madeira, que termina em bico. Na cúpula, encaixam os quatro mastros, com quatro velas, e também os paus do” rabo do moinho”, que permitem

³ <http://noticias-acoeres.blogspot.com/2010/12/novas-instalacoes-do-museu-da-graciosa.html>

manobrar a estrutura superior, fazendo-a girar e fixar-se, no sentido de maximizar a força motriz do vento” (Daniel, 2004:45).

Ainda em funcionamento, o moinho de vento da localidade das Fontes, uma outra extensão do Museu da Graciosa, está disponível para visitas proporcionando assim a possibilidade de conhecer em detalhe os moinhos de vento e seu funcionamento (Daniel, 2004).

Dentro do património edificado que caracteriza a ilha, o religioso é sem dúvida, o que mais ressalta. Este é realçado da seguinte forma por Daniel (2004) no seu guia do património cultural da Graciosa por si desenvolvido “Mais do que pela sua grande monumentalidade, o património religioso da Ilha salienta-se pela quantidade (é extraordinário que, numa ilha com menos de 5.000 habitantes, se encontrem quase 50 construções religiosas contando com Igrejas, Ermidas, Impérios e outras edificações), pelo excelente estado de conservação em que a maioria dos edifícios se encontra, e pela história que lhe está associada” (Daniel, 2004:64).

Situada no centro histórico, a Igreja Matriz da Vila de Santa Cruz é “ um dos mais antigos (ou talvez mesmo o mais antigo) templo de culto na ilha Graciosa, encontrando-se situada na área onde o primeiro Capitão-do-Donatário da ilha fez erguer a sua casa. A construção original será dos finais do século XV inícios do século XVI, com características manuelinas, embora tenha sido reconstruído na sua maior parte, o que lhe deixou marcas indeléveis do barroco, visível na frontaria e nos altares. A data de fim desta reconstrução foi-lhe colocada na fachada” (Daniel, 2004: 70).

Nos seguintes capítulos são descritos alguns momentos no decurso dos quais a Igreja Matriz é local privilegiado para concretização de festividades religiosas, entre as quais as mais conhecidas são as Festas do Divino Espírito Santo, que contaram com a participação da Filarmónica da freguesia, a Filarmónica Recreio dos Artistas.

A poucos metros da Igreja Matriz, situa-se outro edifício da mesma importância, a Igreja da Misericórdia ou Igreja de Santo Cristo, como é mais conhecida. A igreja de Santo Cristo “construída no século XVI ou em inícios do século XVII, é um templo de pequenas dimensões, com uma fachada simples embora equilibrada, ostentando o escudo real” (Daniel, 2004: 80).

Segundo fontes, nesta mesma Igreja, o Padre António Vieira rezou uma acção de graças juntamente com os seus cerca de quarenta companheiros, que atracaram na Graciosa por

mero acaso, após um naufrágio ocorrido perto da ilha do Corvo, numa viagem que realizavam desde o Brasil com destino a Lisboa. Resgatados por um navio corsário Holandês, foram trazidos para a Graciosa, onde permaneceram dois meses a cumprir a missão de pregadores.

Igualmente situado no centro histórico, localizado precisamente no lado sul da praça Fontes Pereira de Melo, junto à biblioteca municipal, encontra-se um outro elemento de significativa relevância histórica e patrimonial: a torre da Igreja da Nossa Senhora dos Anjos. A torre, único elemento intacto, marca o local da primitiva Igreja da Nossa Senhora do Anjos que integrava um convento Franciscano, ambos extintos e posteriormente demolidos (1946) na sequência do decreto da Regência de Angra do Heroísmo de 30 de Maio de 1834, que levou os Frades, que viviam no convento, a abandonar a Ilha em Setembro desse mesmo ano.

Alguns autores defendem que as pedras e a madeira que resultaram da demolição do convento foram reaproveitadas e utilizadas na construção de muitas casas da freguesia de Santa Cruz.

Todo o conjunto patrimonial da Vila de Santa Cruz assim como o da parte da sua freguesia vizinha, Guadalupe, podem ser contemplados no topo de uma elevação localizada a 1 km da Vila de Santa Cruz.

Situado a cerca 280 metros de altura acima do nível médio do mar, o monte da Nossa Senhora da Ajuda não só oferece uma vista considerada deslumbrante como igualmente alberga uma das mais singulares ermidas da Ilha, classificada como um exemplar da arquitectura religiosa fortificada: a Ermida de Nossa Senhora da Ajuda, que viria a dar o nome ao próprio monte.

Erguem-se também no monte a ermida de São João (séc. XVI) e a mais recente, a Ermida de São Salvador (séc. XVIII).⁴ A Ermida da Nossa Senhora da Ajuda está associada a uma lenda que envolve a imagem da Nossa Senhora da Ajuda. Segundo essa lenda “a imagem da Nossa Senhora da Ajuda apareceu no monte e (...) sendo trazida para a Matriz de Santa Cruz, desaparecia e voltava ao local onde havia sido encontrada. Foi então decidido construir-se uma ermida no Monte (...). Optou-se pelo topo do monte, mas desconhecia-se se esse local seria aceite pela nossa Senhora. A dúvida permaneceu, mas iniciaram-se as obras até que misteriosamente, apareceram dois

⁴ <http://tv2.rtp.pt/icmblogs/rtp/graciosa/index.php?k=Procissao-de-24-de-Maio.rtp&post=33453>

rapazes que ofereceram dois sacos, e desapareceram sem deixar rasto. Verificou-se depois, que os sacos estavam cheios de dinheiro. A população interpretou o acontecimento como um sinal do céu em como a imagem queria ficar nesse local e as obras continuaram com alento” (Daniel, 2004:87).

A ermida da Nossa Senhora da Ajuda é conhecida, desde há muitos séculos, como local de romaria, o que levou anos mais tarde à construção de uma casa de romeiros anexa à ermida para receber o grande número de pessoas que a ela recorriam (Daniel, 2004).

Por ocasião de uma violenta crise sísmica que devastou o norte da ilha a 24 de Maio de 1717, a ermida da Nossa Senhora da Ajuda recebe todos os anos um numeroso número de peregrinos que cumprem o voto de uma procissão de penitência realizada num percurso de 10 quilómetros que sai da Igreja de Guadalupe (freguesia de Guadalupe) em direcção ao Monte da Nossa Senhora da Ajuda, em Santa Cruz.⁵ Este é igualmente conhecido por ter constituído um dos locais mais importantes de vigias das baleias. Durante o período dedicado à baleação, na Ilha Graciosa existiram, para além do Monte da Ajuda, outros três locais de vigias, nomeadamente, o Pico Negro, Pico das Terças (freguesia de Guadalupe) e a Restinga (freguesia da Luz), precisamente quatro locais de maior elevação da Ilha: “O êxito da actividade baleeira deveu-se em grande parte ao papel desempenhado, em terra, pelos vigias. O trabalho destes homens (...) desenvolvia-se em imóveis situados nas costas altas ou em montes próximos da costa de onde tinham boa visibilidade do mar (as vigias). Com ajuda de binóculos podiam alcançar 20 a 30 milhas da costa” (Daniel, 2004: 28).

Sociedades recreativas

Em termos histórico-culturais, a Ilha Graciosa apresenta uma actividade musical e artística muito reconhecida por alguns autores locais que defendem que o «gosto pela música» se encontra presente na «alma da gente» da Ilha: “Na alma deste povo, pacato e bom, está o gosto pela música e pelas diversões. Isso levou-o a fundar diversos agrupamentos musicais que, ao longo dos anos, tiveram uma função de alegrar, recrear e cultivar. Aí estão as Filarmónicas, os grupos de Folclore e Bailado, a demonstrar isso mesmo, embora passando por dificuldades” (Pacheco, 2005: 71).

⁵ <http://tv2.rtp.pt/icmblogs/rtp/graciosa/index.php?k=Procissao-de-24-de-Maio.rtp&post=33453>

Numa ilha recentemente reduzida a 4.393 habitantes, segundo resultados divulgados pelos censos 2011 realizados em Abril, torna-se surpreendente o número de grupos associativos existentes na Ilha.

Actualmente encontram-se em actividade quatro Filarmónicas, cada uma delas sediada numa das quatro freguesias da ilha, o que em termos numéricos e comparativos se revela muito significativo. São as seguintes essas Filarmónicas: Sociedade Filarmónica União Praiense (fundada em 1889), Filarmónica União Popular Luzense (fundada em 1938), Filarmónica Recreio dos Artistas (fundada em 1913) e Filarmónica União do Progresso Guadalupense (fundada em 1963) (Pacheco, 1997).

Houve outras Filarmónicas que foram extintas, dando eventualmente origem a algumas que se encontram em actividade actualmente: “Segundo reza a história desta ilha e de acordo com relato de Canto Moniz, no seu livro *Ilha Graciosa*, a primeira filarmónica que apareceu nesta ilha, veio do Brasil, trazida por Timóteo Espínola de Sousa Bettencourt, emigrante no Brasil, e era constituída por negros e actuou na Festa de São Miguel Arcanjo, nas Almas (Guadalupe), 1818. Ainda, de acordo com o citado autor (...) a primeira Filarmónica, formada verdadeiramente com gente desta ilha, por santacruzenses e praienses, foi organizada em 1857 e dirigida por Joaquim Alberto da Lança. (...) A segunda foi organizada em 1868, tomando o nome de Graciosense, e segundo notas históricas ainda existia em 1883” (Pacheco, 1997:83).

Para além destes grupos associativos, existem outros de semelhante relevância inscritos na história musical e cultural da ilha. Entre eles estão cinco grupos corais, os coros de São Mateus e o coro Irmandade da Capela do Espírito Santo de Nossa Senhora da Guia da Freguesia de São Mateus da Praia (Freguesia de São Mateus da Praia), o coro da Igreja Matriz de Santa Cruz da Graciosa (Freguesia de Santa Cruz), o coro de Guadalupe e o coro do Espírito Santo de Nossa Senhora da Esperança (Freguesia de Guadalupe) e o grupo coral da Nossa Senhora da Luz (Freguesia da Luz).

A Ilha Graciosa conta também com uma Academia Musical, sediada na freguesia da Praia, um projecto que surgiu por iniciativa de José Gabriel em 1985, inicialmente sediado numa dependência da Casa do Povo e mais tarde o Centro Paroquial da freguesia da Praia, onde se concretizou a sua fundação, a 21 de Abril de 1988.

Em 1989, a Academia passou para as dependências do edifício das Escolas Primárias da freguesia onde até hoje se encontra a desenvolver o trabalho de acordo com os seus

Estatutos: “...a dinamização, divulgação e democratização da música e dos valores musicais através da Escola de Música, bem como através de concertos, conferências e actividades afins”.

Em 12 de Agosto, de 1996, a Academia Musical da Ilha Graciosa em acordo com a Secretaria regional da Educação e Cultura, por assinatura de um Protocolo de Associação conseguiu a oficialização do ensino de música permitindo assim formação equiparada aos conservatórios (Pacheco, 1997).

É de realçar a organização de temporadas musicais durante todo o ano, que a Academia Musical em conjunto com a Direcção Regional do Assuntos Culturais que apoia igualmente o coro da de São Mateus, da qual o Presidente da Direcção da Academia Musical, nomeadamente José Gabriel Martins é maestro. Recentemente, o ensino especializado de música para 2º e 3º ciclo de ensino, passou a ser integrado na Escola Básica e Secundária da Ilha Graciosa, permitindo o paralelismo pedagógico que a Academia Musical outrora tinha alcançado.

Apesar da implementação do ensino especializado da música na Escola Básica e Secundária da Graciosa, a Academia Musical continua a promover o ensino de música no seu estabelecimento dirigido contudo a um público reduzido e mais específico, constituído por alunos do primeiro ciclo.

As Filarmónicas actualmente existentes contam com um extenso percurso histórico, marcado por dificuldades e rivalidades inerentes, a principal das quais se prende com a emigração ou a ausência prolongada dos músicos.

Contudo, apesar dessas dificuldades, as Filarmónicas continuam a desempenhar o seu trabalho no meio e para além dele (nomeadamente com as viagens realizadas nas outras ilhas e Portugal continental) reunindo esforços para se manterem em actividade, afirmando vincadamente o seu papel e contributo ao movimento associativo.

Nas festividades locais, quer religiosas quer profanas, procissões e arraiais e nas Coroações do Divino Espírito Santo, estes grupos associativos, sobretudo as Filarmónicas assumem uma importância inquestionável para a população local confirmada pelo trabalho de campo por mim desenvolvido no seio das Filarmónicas, com destaque a filarmónica Recreio dos Artistas.

2. FILARMÓNICA RECREIO DOS ARTISTAS

A obra intitulada «Tradições Musicais da Ilha Graciosa», da autoria de Norberto Cunha Pacheco (1997), assume uma significativa importância na presente dissertação pela extensa pesquisa realizada pelo autor em torno dos grupos associativos, actualmente existentes ou já extintos, que ao longo do tempo, pela sua história, pela sua actividade, pelas pessoas envolvidas e sua dedicação, contribuíram para a construção da vida sociocultural da população local de uma Ilha prestigiada pelo seu autêntico “gosto pela música” (Pacheco, 1997).

São muitos os grupos associativos mencionados na obra, entre os quais, as Filarmónicas (Filarmónica União Praiense, Filarmónica Luzense, Filarmónica Liberdade, Filarmónica Rival, Filarmónica Recreio dos Artistas, Filarmónica União Popular, Filarmónica União Popular Luzense, Filarmónica União Guadalupense), os ranchos Folclóricos (Rancho Folclórico da Casa do Povo de Guadalupe, Grupo Folclórico da Praia, Rancho Folclórico da Casa do Povo de Santa Cruz da Graciosa, Rancho Folclórico Juvenil da Vitória, Grupo de Folclore Infantil da Escola Primária de Santa Cruz da Graciosa, Grupo Folclórico da Casa do Povo da Praia) os grupos corais, os conjuntos musicais (“Selvagens do Ritmo”, “Não te Rales”, “Disco Ritmo”, “Conjunto Luzense”, “Ritmo 2000”, “Pedras Brancas”, “Europa”, “S. Jovens”, “Strangers”) e a Academia Musical da Ilha Graciosa (entidade que colaborou com a edição da obra), que são descritos em pormenor pelo autor, quanto à sua origem e fundação, e à sua actividade particularmente em ocasiões festivas da Ilha.

No que diz respeito às Filarmónicas, o autor faz um enquadramento histórico de cada uma, daquelas já extintas e outras que se encontram actualmente em actividade, realçando a sua origem, a sua história a sua importância na vida social da população local, a sua dinâmica, intervenção e os modos de sociabilidade a elas inerentes.

Filarmónica Recreio dos Artistas: aspectos gerais

Quanto à Filarmónica Recreio dos Artistas – segundo o autor – tem a sua data de fundação a 1 de Janeiro de 1913, e é a segunda Filarmónica mais antiga da Vila de Santa Cruz da Ilha Graciosa (cf. Foto 1). Tem como seus fundadores Francisco Augusto Cordeiro, João Medina, Manuel Lima, Tomaz Serafim da Cunha, António Ramos,

Edmundo da Cunha Ribeiro, Hermenegildo José Aranha, Francisco Augusto Cordeiro Jr., António Bettencourt da Silva Jr., Armando Augusto Ávila e Frederico Cunha Bettencourt (Pacheco, 1997). Norberto Pacheco defende que o seu surgimento desta Filarmónica está intimamente relacionado com uma outra Filarmónica, a Filarmónica “Liberdade”, fundada em meados de 1903 que, devido a conflitos políticos e sociais da época, terminaria a sua actividade a 1914.

No excerto dedicado à Filarmónica Recreio dos Artistas, o autor resume os conflitos ocorridos da seguinte forma: “Como acontece com todas as coisas criadas pelo homem, estabelecem-se divisões, há abandonos (...) assim aconteceu com a «Liberdade». As divisões internas começaram a aparecer, e os grupos externos a incentivá-las, acabando por se dar a ruptura, e alguns músicos passam-se para o outro lado. Assim, após uma preparação, com algum segredo, surge a nova Filarmónica, a Recreio dos Artistas” (Pacheco, 1997:92).

Acrescenta no excerto dedicado à Filarmónica Liberdade, que poderá ter igualmente contribuído para o encerramento das actividades desta Sociedade, o incidente ocorrido com o regente da “Recreio dos Artistas” da época, Francisco Cordeiro: “Francisco Cordeiro Júnior, sabendo que a «Liberdade» estava a ensaiar um passo dobrado novo, para ser estreado na Festa, procurou maneira de copiá-lo, usando a sua capacidade musical de bom ouvido, introduzindo-se numa loja da casa onde a «Liberdade» ensaiava. Uma vez lá dentro foi escrevendo a partitura de música que (...) levou os seus amigos a aprender o número musical, mas tudo em segredo. Chegado ao dia da Festa e encontrando-se as Filarmónicas perfiladas para a execução musical, para o espanto dos músicos da Liberdade, a Recreio dos Artistas inicia a sua execução do passo dobrado. (...) Naquele momento houve (...) alguma confusão entre os apoiantes das duas Filarmónicas, mas, parecia que as coisas ficariam por ali. Assim não aconteceu” (Pacheco, 1997: 93).

É nas palavras do autor, que assim começa a história da Filarmónica Recreio dos Artistas “que ao longo dos anos da sua existência tem contribuído para a promoção musical (...)” colaborando no “desenvolvimento cultural e recreativo do seu meio” (Pacheco, 1997: 94).

Teve como primeira sede uma casa situada na rua Infante D. Henrique, na freguesia de Santa Cruz, seguindo-se outras até se instalar definitivamente, em meados de 1946, no edifício que actualmente ocupa, no centro da Vila de Santa Cruz. Durante muitos anos,

a actual sede, “com os seus serões de cultura, os seus bailes, os seus convívios e sessões de cinema foi ponto de encontro para formação e distracção dos seus sócios e famílias” (Pacheco, 1997: 94).

Em 1968, com a colaboração das restantes Filarmónicas da Ilha, nomeadamente a Sociedade Filarmónica União Praiense, Filarmónica União Popular Luzense e a Filarmónica União do Progresso Guadalupense, participou no concurso de bandas da cidade de Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, promovido pela FNAT (Fundação Nacional para Alegria no Trabalho) obtendo o primeiro lugar.

Com o sismo dos anos 80, a direcção da época deliberou o início de obras de remodelação na sede, o que futuramente, segundo consta, viria a contribuir para uma grave crise financeira no seio da Filarmónica, que interrompeu em 1987 a sua normal actividade.

Após sucessivas tentativas de reactivação, sem sucesso, por vários candidatos, José Bettencourt, que na data assumia o cargo de Director dos Bombeiros Voluntários e igualmente o cargo de chefe da Polícia de Segurança Pública da Ilha, é convidado a encabeçar uma lista para presidente de Direcção da Filarmónica.

Em entrevista José Bettencourt confessou alguma hesitação em aceitar o convite “porque sabia que era difícil pagar as dívidas e pôr a Banda a tocar porque os instrumentos estavam quase todos degradados”.

Embora “não muito convicto que seria possível desenrascar da má herança”, José Bettencourt por insistência dos futuros candidatos à Assembleia Geral e Direcção Artística, interessados em recuperar novamente a actividade da Filarmónica, decide encabeçar a lista única que a 8 de Abril de 1990, em reunião da Assembleia-Geral, é então eleita.

Uma vez eleita, a nova Direcção, presidida por José Bettencourt, começou a traçar linhas de acção para tornar a Filarmónica financeiramente, musicalmente e culturalmente autónoma, o que passou pelo controlo de dívidas, pelo investimento em novos instrumentos, pela fundação de uma Escola de Música e por iniciativa do Presidente, que assumia a função de chefe, pelo recrutamento de músicos da Polícia de Segurança Pública para colaborarem na prestação de serviços à Filarmónica.

E “com toda a força, determinação e empenho”, nas palavras de José Bettencourt, desde então presidente da Direcção, conseguiram com sucesso reactivar a Filarmónica

escolhendo propositadamente para comemorar esse acontecimento o Domingo de Páscoa de 31 de Março de 1991, uma data de assumida importância na religião cristã que, celebrando a ressurreição de Jesus Cristo, foi escolhida, neste contexto, para simbolizar e reforçar a ideia de ressurreição da actividade da Filarmónica.

A direcção na sua contínua determinação em recuperar a actividade da instituição prosseguiu com novos projectos: “criou uma escola de violas da terra, um orfeão, um conjunto musical para tocar nos bailes e um grupo de teatro. A escola de violas funcionou só um ano lectivo por falta de interessados. O orfeão esteve activo só dois anos porque o seu maestro era professor e foi transferido para o continente e não se conseguiu outro para o substituir” e quanto ao conjunto musical “ainda se encontra activo e o teatro não chegou a fazer a sua apresentação em público por alguns executantes terem saído da Ilha”.⁶

Finalmente, o projecto de reanimação da Filarmónica, que em anteriores Direcções já tinha sido projectado mas nunca concretizado, toma finalmente avanço considerável e em 1996 é proposta pela Direcção um plano de restauração e ampliação da sede tendo em vista sobretudo o aumento de salas de música.

A Família Bettencourt na Instituição

Em 1997, a direcção continuou a apostar em mais estratégias para desenvolver os seus músicos, umas das quais José Bettencourt refere em entrevista: “com o fim de evoluir mais a banda é contratado um professor ucraniano licenciado em clarinete para maestro, mas este como não tinha passado por filarmónicas não a conseguiu desenvolver como se esperava. (...) Sai em 2003 para o continente português e é substituído pela executante Vânia Bettencourt que tinha terminado o curso de professora de Educação Musical e que tinha nascido para a música nesta Filarmónica”.⁷

Vânia da Silva Bettencourt, actualmente maestrina da Banda, e filha de José Bettencourt, iniciou o seu percurso musical aos nove anos na Filarmónica Recreio dos Artistas, participando pela primeira vez publicamente, na comemoração da reactivação

⁶ Citação retirada em <http://www1.rtp.pt/acores/?article=20015&visual=22&tm=33>, entrevista realizada pela RTP Açores a José da Cunha Bettencourt

⁷ Idem

da Filarmónica, celebrado a 31 de Março de 1991, como instrumentista de saxofone soprano.

O seu gosto pela música, manifesto desde a infância, foi uma das motivações para o seu pai, eleito a Presidente da Direcção em 1990, promover e desenvolver cada vez mais a Escola de Música da Filarmónica permitindo não só dinamizar a actividade da sua filha, como contribuindo para a sua educação musical e participação futura na Banda.

Em 1996, matricula-se nas disciplinas de educação musical e piano na escola de música da Academia Musical da Ilha Graciosa que obtinha nesse mesmo ano, a 12 de Agosto, o estatuto de Estabelecimento de Ensino Particular e Cooperativo com paralelismo pedagógico, e no ano seguinte, começa a frequentar aulas de instrumento no mesmo estabelecimento de ensino.

Em 1999, ao terminar o ensino secundário na Escola Básica e Secundária da Ilha Graciosa, concorre para o curso superior de Ensino Básico variante de Educação Musical na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, concluindo a licenciatura em Junho de 2003.

Durante o período de tempo em que frequentou a licenciatura, Vânia Bettencourt, para além da determinação em frequentar simultaneamente o conservatório regional de Gaia, manteve-se continuamente dinâmica e dedicada em participar na vida social da sua Filarmónica de origem, sempre que lhe era possível. A título de exemplo, de Junho a Setembro de 2001 e de 2002 “foi convidada para trabalhar como Professora de Música para a Filarmónica Recreio dos Artistas no programa de OTLJ⁸ mais especificamente no sub-programa «Jovens solidários» com a designação do projecto à descoberta da música”.

Da mesma maneira, em Janeiro de 2002 estreou-se no Quarteto de Saxofones da Filarmónica Recreio dos Artistas (...) como principal responsável pelo projecto, da qual participa em saxofone soprano” e em Agosto do mesmo ano “foi a principal responsável pela organização do concerto intitulado «Santo Cristo, os Jovens e a Música» realizado na Igreja Matriz de Santa Cruz da Graciosa”.⁹

A sua dedicação pela Filarmónica é mais do que evidente quando Vânia Bettencourt em entrevista se refere à sua motivação em voltar para a Ilha Graciosa, assim que desse por

⁸ Ocupação dos Tempos Livres dos Jovens

⁹ http://www.palaciodosmusicos.com/index.php?option=com_content&task=view&id=486&Itemid=520

concluída a sua licenciatura para continuar a trabalhar com a sua Banda: “Quando fui tirar o curso já foi de maneira a poder voltar e trabalhar com a Banda e ser mesmo professora de Educação Musical. Era realmente isso que queria, mais do que ser instrumentista”.

De regresso à Ilha Graciosa, Vânia Bettencourt começa por assumir o cargo de Directora Técnico-Pedagógico da Academia Musical da Ilha Graciosa, cargo que mantém durante os anos lectivos de 2004/2005 e de 2005/2006, e simultaneamente a desempenhar o papel de “maestrina e formadora do curso Extra-Escolar do coro da Matriz de Santa Cruz da Graciosa nos anos lectivos de 2005/2006 e 2006/2007”.¹⁰

Em 2006, para além ser colocada na Escola Básica e Secundária da Graciosa para prestar serviço de docência da disciplina de Educação Musical para o 2º ciclo, Vânia é convidada a desempenhar o papel de Maestrina da Filarmónica, alargando o seu espectro de acção na criação de variadíssimos projectos musicais, integrados nas actividades da Filarmónica, nomeadamente o quarteto de saxofones, da qual é igualmente maestrina, a orquestra ligeira e o quarteto de trompas de harmonia, responsabilizando-se igualmente pela introdução na Escola de Música da Filarmónica, de alunos com idades a partir dos 6 anos de idade através da intervenção directa nas escolas primárias, e ainda, por um projecto mais recente, iniciado em 2010, que passa por aulas de sensibilização musical para crianças dos dois aos cinco anos.

No ano lectivo 2010/2011, pertencendo já ao Quadro de Escola na Escola Básica e Secundária da Graciosa, Vânia Bettencourt começa a leccionar, no mesmo estabelecimento, a disciplina de saxofone no âmbito do ensino artístico especializado, uma via de educação artística outorgado pelo Ministério da Educação que passou a ser integrada no ensino regular dos estabelecimentos de ensino público.¹¹

Passados vinte anos, Vânia Bettencourt exprime agora o quão significativo foram estes anos a prestar serviço à Filarmónica: “já tem mais de metade da minha vida dedicada à Banda (...) passei mais tempo do que qualquer músico dentro daquela instituição e vivo a instituição de uma maneira totalmente diferente”.

A propósito, José Bettencourt, que igualmente há vinte anos se dedica à Presidência da Direcção da Filarmónica, faz referência à prestação de Vânia Bettencourt na instituição,

¹⁰ Idem

¹¹ <http://www.min-edu.pt/index.php?s=white&pid=619>

muito enaltecida nas suas palavras: “Ela organiza tudo! Não tenho cuidados em organizar porque ela é que trata de tudo. É projectos para a escola de música”. Também solicitações ao “governo para receber subsídios. Ela é que faz aquilo tudo! (...) Ela vive para aquilo. Ela está aqui por gosto! (...) Ela veio para aqui por mim. Agora eu praticamente estou aqui por ela!”.

Trata-se assim de uma instituição construída numa base familiar, uma vez que é integrada por um agregado familiar em que cada um desempenha diferentes cargos hierárquicos na mesma instituição. Assim a esposa de José da Cunha Bettencourt, Maria Teresina da Silva Bettencourt, assume actualmente o cargo de vogal da Direcção da Filarmónica, e, Vânia da Silva Bettencourt, para além dos cargos supramencionados, é também a secretária da Assembleia Geral.

Constituição da Filarmónica Recreio dos Artistas

Em termos de organização, a Filarmónica rege-se pelos seguintes órgãos: Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal. Na Assembleia-Geral, para além de Vânia Bettencourt, o Presidente é João Costa, Vogal Tânia Silva e como suplentes estão Marcelo Borba, Eldar Espínola e Luís Silva.

Na Direcção para além do Presidente José Bettencourt, os detentores dos restantes cargos são: Secretário Jorge Cunha; Tesoureiro Tiago Louro; os Vogais, Maria Teresina Bettencourt, Manuel Leite, Álvaro Morais, Marcos Cunha, José Quadros e Humberto Sousa; e como suplentes António Reis, João Peniche, Nuno Escobar e José Duarte Bettencourt.

No Conselho Fiscal o Presidente é José Ávila, o Secretário Carlos Melo, o Vogal Leonel Cunha e como suplentes estão Moisés Cunha, André Simas e Alberto Melo Bettencourt.

José Bettencourt, para além das tarefas administrativas que lhe compete desempenhar, ocupa-se igualmente de outras tarefas que permitem o normal funcionamento da Filarmónica, das quais se destaca o transporte dos músicos para os ensaios e para suas casas, “é preciso ir buscá-los, é preciso ir levá-los (...) também temos que ir buscá-los pela freguesia toda e quando acaba o ensaio temos que ir levá-los. Temos que ter uma certa psicologia no estudo de cada músico, de cada aluno para controlar, cada um tem o

seu feitio e de maneira que às vezes não é muito fácil (...) temos que passar por cima de muitas coisas para poder segurar a Banda”.

Contributo dos músicos na Filarmónica Recreio dos Artistas

Outras tarefas são igualmente asseguradas por alguns músicos que se disponibilizam a prestar o seu contributo, no desempenho de tarefas essenciais para a manutenção da sede. É o caso, por exemplo, do músico Tiago Correia, que teve oportunidade de entrevistar detalhadamente e que é um bom exemplo do envolvimento dos membros da Filarmónica nas suas actividades. Segundo Tiago Correia “começamos a trabalhar em pequenas coisas, a ajudar músicos, a organizar pastas, comecei depois por ajudar na manutenção da sede. Entretanto como ainda hoje existe, os programas de OTLJ, (...) ocupações dos tempos livres de juventude, (...) um programa proporcionado pelo Governo dos Açores (...)” em que “qualquer entidade pode inscrever (...) um determinado número de jovens e quem paga é o governo regional (...). A Filarmónica começou com isso, (...) não fui dos primeiros, mas fui um dos primeiros com isso, e com esses programas eram nos dadas as funções de (...) darmos aulas de música aos mais novos, aqueles que tinham entrado há mais pouco tempo”.

Tiago Correia, que entrou para a Filarmónica por influência do pai e da irmã, frequenta a Filarmónica Recreio dos Artistas desde os 12 anos. Instrumentista de trompete e natural da freguesia de Santa Cruz, Tiago Correia com funções profissionais na área de técnico de segurança e higiene no trabalho, desempenha simultaneamente desde Abril de 2010, a função de locutor de rádio, de um programa de sua autoria, que vai para o ar todos os domingos na Rádio Graciosa, contando também com outras experiências radiofónicas ulteriores.

Em tempos assumiu um cargo na Assembleia-Geral da Filarmónica Recreio dos Artistas e já fez parte de uma outra Filarmónica, a Filarmónica União Progresso de Guadalupe. O seu primeiro interesse, que igualmente influenciou a sua entrada, eram as viagens que a Filarmónica realizava. Contudo, ao longo do tempo, com a participação assídua nos ensaios e com os serviços que foi prestando, assim como através da sua participação em concertos, as viagens deixaram de ser o interesse primário, e em sua vez surgiu um considerável sentimento de pertença, que o músico em entrevista refere como o início de um amor pela casa: “esse foi o primeiro intuito, foi por causa das viagens mas claro

que estava sempre empenhado, e obviamente que gostava porque se não gostasse passado um ano (...) tinha ido embora. E com isso fiquei dez anos na Filarmónica, (...) cresci, aprendi imensa coisa, trabalhei por esta Filarmónica, muito. Não sou o único executante mas sou um dos executantes da minha idade da minha geração da altura, que sempre fizeram um pouco e ainda fazem por esta Filarmónica. (...) Entrei para começar em viagens mas comecei a ganhar amor à casa e começamos a trabalhar por esta casa”.

Aliás, o músico expõe que em qualquer momento, a própria Filarmónica, representada aqui pelo Presidente da Direcção, fez sempre questão de incutir naqueles que a integram, o sentido de pertença e o dever da dedicação por essa casa. Essa dedicação começa por abranger pequenas tarefas, como o apoio aos músicos, a organização do material musical, e a manutenção da própria sede, mas inclui sobretudo a única e exclusiva dedicação artística à Filarmónica: “ (...) Se querem estar na Filarmónica, têm que estar na Filarmónica de cabeça, troncos e membros. Estão na Filarmónica, é nesta Filarmónica que estão, não estão noutra. (...) Se quer tocar com outra Filarmónica, eu não posso criticar (...) mas acho que não faz sentido em duas ao mesmo tempo. (...) Vai ter que falhar compromisso, quanto muito nas procissões que tocamos normalmente, por exemplo, nas maiores festas (...) as festas do Santo Cristo, vão estar as quatro Filarmónicas da Ilha, aquela pessoa vai ter que tomar uma decisão! E aquela decisão é que vai reflectir se está ou não a cem por cento naquela Filarmónica. (...) Posso dizer que esse dia é uma prova (...). A partir daí se escolheu a Filarmónica A e não escolheu a Filarmónica B, mais vale sair da B para vir para A. (...) Porque assim prejudica a restante Filarmónica (...)”.

Tiago Correia, na sequência de desentendimentos ocorridos na Filarmónica Recreio dos Artistas há dois anos, procurou continuar o seu percurso musical noutra Filarmónica da Ilha, nomeadamente a Filarmónica União Progresso de Guadalupe (F.U.P.G.), da freguesia de Guadalupe.

Após dois anos a dedicar-se à Filarmónica União Progresso de Guadalupe, Tiago decide regressar à sua Filarmónica de origem, instituição pela qual sempre teve uma grande estima, pelas amizades estabelecidas entre o grupo, e à qual sempre dedicou a sua atenção mesmo quando se encontrava a prestar serviço a outra Filarmónica, como afirma em entrevista: “tive uma passagem de um ano e meio por outra Filarmónica, a Filarmónica de Guadalupe. (...) Por um lado fez bem, e não me arrependi porque fui para uma outra Filarmónica que me recebeu bem. Não achei muita diferença, mas eu ao

regressar novamente à Recreio dos Artistas, com esse pequeno interregno e por ter passado por essa Filarmónica, vim com outra aprendizagem de lá, e vim muito mais maduro. (...) Preocupava-me (...) sempre muito mesmo apesar de estar noutra Filarmónica. (...) Preocupei-me sempre muito com esta casa, e com as pessoas, e com as amizades que eu fiz”.

A sua relação com os colegas da Filarmónica Recreio dos Artistas é descrita como uma relação familiar muito próxima. Entre eles estabelece-se uma relação de companheirismo e de respeito mútuo que é incrementado pelo contacto diário e por experiências precedentes que implicaram uma maior proximidade, tais como as aulas de instrumento em que numa ocasião passada Tiago Correia teve oportunidade de colaborar com as suas colegas de naipe: “Quando dava aulas de música aos mais miúdos, às trompetes, (...) eu nunca era aquela pessoa rija (...) o género daquela pessoa que me ensinou, (...) aquela figura de respeito. Eu não. Eu ensinava aquilo que eu podia porque não era professor, não tinha (...) quase noção nenhuma de música. Só simplesmente se me apresentassem uma partitura tocava-a. Mas com esses miúdos, eu (...) naquela hora, ou naquele espaço de uma hora ou de duas horas, ensinava aquilo que eu sabia mas também brincava com eles. (...) E eles sempre viram isso, e sempre me respeitaram dessa forma e hoje em dia, se estou no ensaio, e eles estão a, principalmente as miúdas, estão a fazer muito barulho, eu se as mando calar, elas calam-se. Se fosse por exemplo hoje, estes mais pequeninos, (...) que entraram muitos nesse espaço de ano e meio que eu não estive na Filarmónica, porque entraram muitos nesse espaço, provavelmente se os mandasse calar, mandam-me para outro lado. (...) É uma influência provavelmente que tenho neles, como estive com eles, como eu os ajudei”.

Refere que durante esse período de tempo fez projectar uma figura de si que não fosse demasiado severa, uma vez que não se identificava como professor, nem demasiado benevolente, transmitido dessa forma às colegas uma figura respeitada, sobretudo um colega à mesma altura: “Lembro-me no início quando eu dava aulas de música, eles chamavam-me (...) professor, eu dizia a eles «Eu não sou professor, professor é a professora Vânia», que era única que nós tínhamos, (...) Eu dizia a eles: «Vocês vão-me tratar por Tiago!», que eu até achava aquilo esquisito, eu não era professor! E com essas pequenas atitudes eu demonstrava a eles que eu era igual”.

Sede

A sede é o local por excelência onde toda a actividade da Filarmónica acontece, desde os ensaios da Banda, aos ensaios da Banda Ligeira, às aulas de música, e à celebração de ocasiões especiais como o aniversário da Filarmónica.

A sede, como actualmente se apresenta, consiste num edifício de dois andares, com várias divisões, e vários acessos exteriores que percorrem o edifício. Um dos acessos da sede, consiste numa grande porta devidamente assinalada com uma placa dourada, ao lado direito, onde se lê, “Filarmónica Recreio dos Artistas”.

Acedendo por essa entrada, subindo as escadas para o segundo andar, encontra-se uma grande sala com dois acessos.(cf. Foto 3) Saindo por um dos acessos da grande sala, apresenta-se um corredor. Ao longo do corredor apresenta-se à esquerda um expositor de ofertas de vários locais onde a Filarmónica se apresentou, e logo depois do expositor um acesso para uma arrecadação onde se guardam materiais respeitantes à Filarmónica, nomeadamente as fardas e as insígnias que a identificam. No lado direito, por sua vez, apresentam-se as casas de banho, e logo a seguir um acesso para a uma divisão assinalada onde se lê «Sala de Direcção».

À volta do corredor, na parede, estão afixados fotografias emolduradas em quadros de grande tamanho. A distribuição das molduras pelo espaço respeita uma ordem cronológica, e mostram as fotografias dos vários executantes que outrora fizeram parte da Filarmónica, assim como os que dela fazem parte actualmente.

São evidentes nas imagens emolduradas não só rostos diferentes como a farda que trazem vestida, que o próprio tempo e a vontade se encarregaram de mudar. A farda, composta por calças, camisa, casaco, e gravata, começou por ser completamente branca, passando para calças, saia e gravatas verdes, vigorando actualmente o fato completo preto, à excepção da gravata que se manteve verde.

Percorrendo o corredor desde a grande sala, apresenta-se um acesso que conduz ao bar da Filarmónica, e dentro dessa divisão um acesso para o exterior que se faz pelas escadas, descendo-as. No topo, avista-se um pátio exterior, e por cima dele, uma lona a cobri-lo parcialmente onde se encontra também um palco improvisado. No fundo do pátio, por sua vez, apresentam-se duas divisões, as cozinhas, e ao lado delas, um pequeno acesso para uma divisão pequena a céu aberto onde se encontram as churrasqueiras.

É no pátio descrito que se realizam a maior parte dos convívios organizados pela Filarmónica, desde comemorações do seu aniversário, convívio de Natal e Ano Novo, carnaval, coroações, entre outras ocasiões festivas que adiante serão descritas com mais pormenor. (cf. Foto 4)

Voltando pelas escadas, encontra-se ligeiramente ao lado esquerdo, uma entrada que dá acesso novamente para o interior do edifício, para a sala de ensaios. A sala de ensaios, tem mais dois acessos, um deles, para o exterior do edifício, e o segundo para as duas divisões onde decorrem as aulas da Escola de Música da Filarmónica. Nessas duas divisões encontram-se, em cada uma, um acesso para o exterior do edifício da sede, e no interior delas material didáctico utilizado para o ensino de formação musical e de instrumento.

Os músicos da Filarmónica Recreio dos Artistas

Entrando na sala de ensaios a partir do pátio, encontram-se em redor das paredes da sala posters de imagens que descrevem o mecanismo de vários instrumentos de sopro, assim como um armário onde se guardam as partituras de música de diferentes repertórios (desde marchas de rua, marchas de procissão, repertório de orquestra, repertório de banda, rapsódias, música ligeira, hinos, etc.), e além disso um armário envidraçado onde estão expostos alguns instrumentos para empréstimo aos músicos, uma vez que a maioria não possui instrumento próprio.

No centro da sala estão distribuídas cerca de cinco filas de cadeiras dispostas em forma de meia-lua, e diante delas o púlpito utilizado pelo maestro para dirigir os músicos que se apresentam diante dele distribuídos pelos diferentes naipes de instrumentos: clarinetes, flautas, saxofones (soprano, alto, barítono e tenor), trompa de harmonia, trompetes, trombone, bombardino, tuba e percussão. (cf. Foto 2)

Os naipes de instrumentos encontram-se dispostos de uma forma musicalmente lógica, respeitando a ordem do mais agudo para o mais grave dos instrumentos: na primeira fila do lado esquerdo apresenta-se, até metade da meia-lua, o mais numeroso dos naipes, os clarinetes, terminando a fila com o naipe de flautas. No início da segunda fila encontram-se os saxofones sopranos, ao lado deles alguns clarinetes (que na maioria das vezes ocupam o lugar dos saxofones sopranos por estes não se apresentarem na maioria dos ensaios) no lado oposto os saxofones altos, e entre eles as trompas de harmonia. No

topo da terceira fila estão os instrumentistas do naipe de trompetes, seguindo-se o naipe de trombones, terminando a fila com os restantes saxofones, saxofones tenor e alto. Na quarta fila estão os naites de instrumentos que se apresentam em menor número em termos de executantes, nomeadamente as tubas, os bombardinos, e os saxofones barítonos. O menor número de executantes destes instrumentos explica-se pelas dificuldades técnicas dos instrumentos, e igualmente por se querer manter algum equilíbrio entre instrumentos, (por exemplo duas tubas para cerca de dez clarinetes) Finalmente a encerrar a meia-lua, encontram-se os músicos de percussão que se distribuem aleatoriamente na última fila articulando entre eles a execução dos variados instrumentos desse naipe em função da natureza do repertório.

Os músicos da Filarmónica reúnem-se nesta sala para ensaiar duas vezes por semana, às segundas-feiras e às quintas-feiras por volta das 20:00 horas salvo algumas excepções quando surge a necessidade de mais um ensaio por semana como acontece, na maior parte das vezes, em períodos de preparação de ocasiões festivas.

Processos de integração na Filarmónica Recreio dos Artistas

Em termos numéricos, fazem parte da banda cerca de cinquenta e três músicos. Uma pequena parte dos executantes, encontra-se ausentes da Ilha, devido à sua frequência no ensino superior, o que lhes exige uma deslocação e permanência no meio universitário a longo prazo.

Contudo, ainda que deslocados, os estudantes universitários continuam a integrar a Filarmónica da qual sempre fizeram parte, facto que é confirmado não só pela consulta do blog da Filarmónica Recreio dos Artistas¹² na hiperligação “executantes” onde estão enumerados os instrumentistas de cada naipe, incluindo os ausentes, como também pelos resultados da observação participante, que confirmou a sua presença e participação ocasional em datas festivas, como no Natal e na Páscoa, e nas festividades locais que se realizam na época do Verão, momento em que regressam do final do ano lectivo.

A contínua integração na Filarmónica desse grupo específico é explicada pelo compromisso que estabelecem com a instituição em continuar a prestar serviço sempre que dispõem de disponibilidade para participar em ocasiões específicas. Nas palavras do

¹² <http://filarmonicarecreiodosartistas.blogs.sapo.pt/>

Presidente da Filarmónica: “O Derrick chegou no Sábado, no Domingo foi tocar! (com exaltação) e está a Helena aí fora mas também quando chegar vai logo tocar. (...) É uma família (...) e há um diálogo (...) que é muito (...) salutar”.

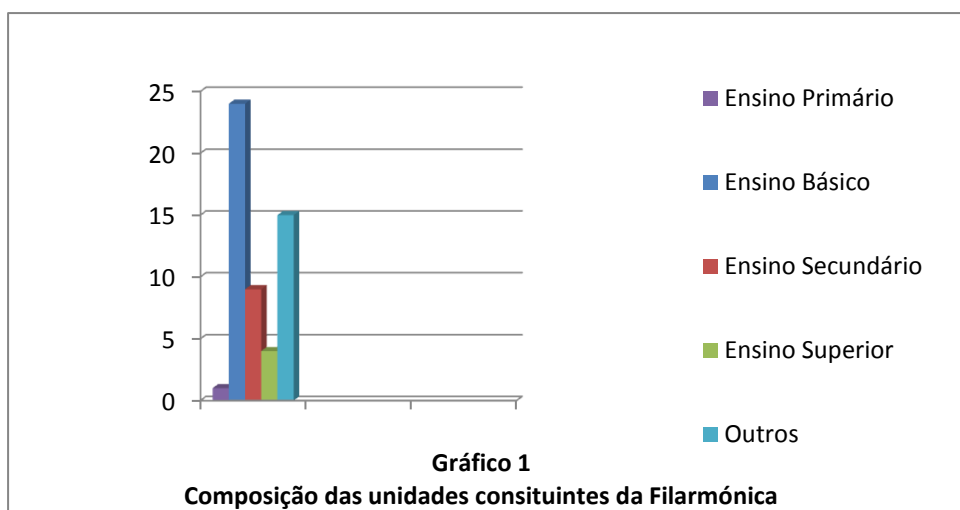
A Filarmónica Recreio dos Artistas é considerada a Filarmónica na Graciosa que tem uma maior percentagem de músicos jovens. Segundo uma estimativa da Maestrina mais abrangente: “a Filarmónica tem vindo a rejuvenescer no nível etário em que antes era constituída só por pessoas adultas. (...) Agora cada vez mais é constituída só por jovens em que 90% são jovens, e desses 90%, cerca de 70% são alunos do ensino básico e os restantes do ensino secundário”.

De facto, a informação resultante dos inquéritos aplicados aos músicos da Filarmónica, confirma a existência de um número elevado de estudantes que frequentam o ensino básico comparativamente com o número de estudantes a frequentar o ensino secundário.

Escapam na estimativa apresentada pela Maestrina os restantes músicos que fazem parte da Filarmónica, entre os quais os estudantes do ensino superior, trabalhadores e inclusive, os estudantes do ensino primário.¹³

Assim, para um total de cinquenta e três músicos, o grupo de músicos a frequentar o ensino básico representa 45,2% do total (o equivalente a 24 músicos), 17% (o equivalente a 9 músicos) é a percentagem de músicos a frequentar o ensino secundário, enquanto os estudantes deslocados representam apenas cerca de 7,5% (o equivalente a 4 músicos) da composição da Filarmónica, e apenas 2% (o equivalente a 1 músico) o grupo de músicos a frequentar o ensino primário (Cf. Gráfico 1 em baixo).

¹³ Na entrevista realizada, a maestrina apenas referiu a percentagem de estudantes que frequentam o ensino básico e o secundário por constituir o grupo com maior destaque na banda, sendo por isso caracterizada como a mais jovem diferenciando-se das restantes filarmónicas da ilha. Quanto aos restantes músicos que compõem a banda, esses são realçados e apresentados no gráfico 1.



Os restantes músicos que exercem funções profissionais, desde comércio, turismo, função pública e serviço comunitário, representam 28% (o equivalente a 15 músicos) da composição da Filarmónica.

Entretanto, a prestação deste grupo, em particular, não é tão assídua relativamente aos outros grupos devido a uma disponibilidade menor em participar nos concertos e outras actividades.

O processo de recrutamento de músicos para a Filarmónica não se limita apenas à intervenção directa nas escolas primárias. A divulgação de anúncios apelando à inscrição na Escola de Música da Filarmónica através do comércio e da rádio, assim como as aulas de Educação Musical são, segundo a Maestrina da Filarmónica, algumas das principais estratégias: “É feita através de uma inscrição na escola de música, que normalmente no início do ano lectivo metemos um anúncio, pelo comércio, pela rádio mas são poucos os que se vão inscrever através do anúncio. (...) Vão surgindo de formas muito diferentes, (...) muitos vezes por um amigo traz outro amigo, em conversas, (...) e as aulas de educação musical também são um factor em torno de adesão à banda”.

André Simas, actualmente executante de trompa de harmonia da Filarmónica Recreio dos Artistas e professor dos naipes de instrumentos de metais, trompetes, trompas, tubas e bombardino na Escola de Música da instituição representa um dos exemplos de como chegou à Filarmónica: “na minha infância, as pessoas iam para a Filarmónica (...) para

puderem ir às festas, para puderem sair de perto dos pais (...) eu gostava de ver os amigos lá fardados (...), e fui para a Banda”.

André Simas começou o seu percurso musical em 1995 na Banda Filarmónica Lira Fraternal Calhatense da Ilha do Pico, de onde é natural. Na sequência de uma acção de formação sobre o instrumento trompa de harmonia na Ilha Terceira, foi convidado a participar na Banda Lira Açoriana¹⁴ onde estabelece conhecimento com o Professor António de Melo, Maestro da referida Banda que por sua vez o convida a concorrer para a Escola Profissional de Música da Academia Musical da Ilha Graciosa para frequentar a disciplina de instrumento que o professor leccionava no estabelecimento de ensino.

Em 2001, decide inscrever-se na Academia Musical da Ilha Graciosa, e rapidamente convidam-no para prestar serviço na Filarmónica Recreio dos Artistas, da qual se retira no ano seguinte para passar a integrar a Sociedade Filarmónica União Praiense, que na altura oferecia a vantagem de trabalhar musicalmente com um prestigioso maestro: “Estive lá três anos, e durante esses três anos fizemos muitos concertos (...) com a orquestra academia, concertos a solo. Fez-se muitas coisas”.

Com a saída do Maestro António de Melo da Sociedade Filarmónica União Praiense em 2004/2005, André Simas, que nesse mesmo ano terminava o seu Curso Profissional de Música na Academia, decide abandonar a Filarmónica em que estava, apostando posteriormente num curso relacionado com o turismo, numa empresa de prestação de serviços de turismo aquático e alojamento rural na Ilha Graciosa, sob a designação de «Gracipescas», obtendo as condições para desempenhar a função designada de *Skipper*¹⁵.

Em 2009 é novamente convidado pela Filarmónica Recreio dos Artistas para fazer parte desta como instrumentista e inclusive para leccionar as disciplinas de formação musical e de alguns instrumentos de sopro, da categoria dos metais, na Escola de Música, encargo que aceita com entusiasmo e que tem mantido até ao presente ano.

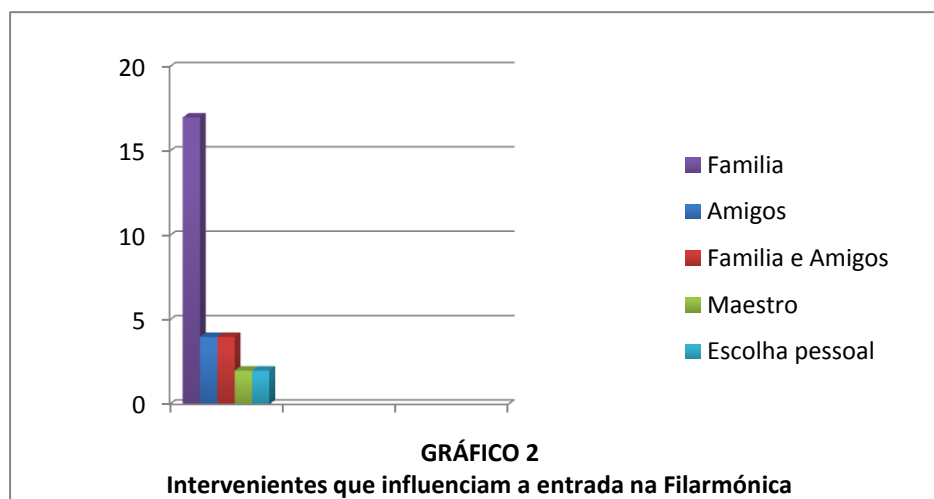
¹⁴ A Banda Lira Açoriana trata-se de um projecto de formação que junta 110 músicos de todas as Ilhas dos Açores

¹⁵ *Skipper* (designação em inglês) tem várias significações. No caso apresentado, diz respeito a um profissional autónomo habilitado na indicação dos melhores lugares e/ou praias, das rotas mais adequadas a explorar determinado circuito turístico, e na condução de meios de transportes aquáticos. Pode por isso ser considerado como um guia turístico aquático. A ilha Graciosa tem sedeada uma empresa de prestação de serviços de turismo aquático, a Gracipescas, onde André Simas desempenha a função de Skipper. A empresa pode ser consultada a partir do site: <http://www.gracipescas.com/index.php?location=none&BI=9>

No ano lectivo 2010/2011, para além das funções de *Skipper* e de professor na Escola de Música na Filarmónica Recreio dos Artistas, é convidado a leccionar a disciplina de trompete na Escola Básica e Secundária da Graciosa, no âmbito do ensino artístico especializado, e igualmente na Academia Musical da Ilha Graciosa.

No recrutamento de interessados a integrar a Filarmónica André Simas, tendo em conta o envolvimento social na Banda, relata de que forma pensa contribuir: “Há dois anos para cá sei que estive a dar aula a cinco ou seis miúdos. Praticamente (...) fazemos aulas engraçadas e tudo isso. Os alunos, logo no primeiro dia, recebem contacto com o instrumento, vão para casa, dizem aos colegas, dizem aos amigos e (...) depois começam a trazer amigos tanto é que este ano temos muitos mais alunos. Só este ano conseguiram pôr a sair e a tocar dez elementos”.

É portanto de salientar as conversas entre amigos e a presença de familiares e amigos na Filarmónica como factores que mais influenciam a entrada para Banda. Assim, num total de vinte e nove inquéritos, dezassete músicos responderam ser influenciados pela família, quatro músicos pela família e amigos, outros quatro afirmaram ser apenas pelos amigos, dois músicos responderam ser influenciados pelo Maestro e outros dois ingressaram a Banda por escolha pessoal (Cf. Gráfico 2 em baixo).



Não só a família influencia a entrada de músicos como ela própria se encontra inserida na vida social da Filarmónica o que se confirma pela percentagem elevada de familiares que fazem parte da Banda. Assim, num total de vinte e nove inquéritos preenchidos,

86% (o equivalente a vinte cinco respostas aos inquéritos) correspondem a Primos, Tios e Pais e os restantes 14% (o equivalente a quatro respostas aos inquéritos) correspondem a irmãos.

Estes valores remetem a importância do número de familiares que cada um dos executantes detém, na Filarmónica. É o caso dos primos Andreia Silva, Alexandre Picanço e Diana Espínola. Esta última foi influenciada pela prima Andreia Silva a integrar a Filarmónica e a desempenhar o mesmo instrumento.

Outro exemplo a realçar é o da Família Silva, constituída pelo pai e os dois filhos. Estes por influência do pai, Valter Silva, executante da Filarmónica Recreio dos Artistas há vinte e nove anos, viriam a integrar a Banda: primeiro a sua filha mais velha, Ana Filipa, executante de clarinete, que se dedica há oito anos à Filarmónica e recentemente, o seu filho mais novo, André.

A integração da família Correia assemelha-se em muito à família Silva, no que diz respeito à influência que o pai teve sobre a decisão dos seus dois filhos de fazerem parte da Banda. A única diferença é que o Sr. Correia terminou a sua actividade ficando somente os filhos, Tiago Correia e Susana Arruda, a prestar serviço.

Independentemente do tipo de contributo oferecido à Filarmónica, o certo é que a família tem um peso bem forte na instituição: a sua presença é sempre garantida em quaisquer tipos de ocasiões, seja na organização de um convívio seja na presença de familiares em quase todas as apresentações públicas.

Uma das primeiras ocasiões que permitiu confirmar a presença de um notório núcleo familiar no seio da Filarmónica assim como o grande convívio que se gera em torno de todos que dela fazem parte, ocorreu a propósito das comemorações do centenário da República, a 5 de Outubro de 2010.

No pátio da sede, espaço de eleição para a realização da maior parte dos encontros, os familiares dos músicos e os próprios músicos, apoiavam nas tarefas que a organização do almoço/convívio exigia. Enquanto aos homens competia assar as sardinhas, os chicharros, as fêveras e os torresmos de porco, as mulheres ocupavam-se na distribuição dos doces e salgados nas mesas cuidadosamente preparadas.

Enquanto os seus familiares adultos preparavam o convívio, os jovens músicos distribuíam-se pelas várias divisões da sede, uns dançando ao som de várias músicas como o êxito “O Pai da Criança”, outros interpretando por ouvido e com os seus

instrumentos, êxitos do artista Carlos Paião, repertório que a Filarmónica estava ultimamente a preparar para tocar na comemoração do dia Mundial da Música que se aproximava. A interpretar as músicas com os instrumentos estavam um grupo de músicos do mesmo naipe, de trompete, com idades compreendidas entre 13 e 14 anos, que se destacavam mais, nesse momento, em termos de performance, em relação aos outros naites.¹⁶

Assim que a refeição ficou pronta, os presentes distribuíram-se por duas mesas, sendo que a sua distribuição não era de todo aleatória, sobretudo no que se aplicava aos jovens músicos. Numa das mesas estavam distribuídos os adultos, familiares e músicos, e responsáveis pela Filarmónica, nomeadamente, o Presidente, a sua esposa e a filha de ambos, a maestrina da Filarmónica. Na outra mesa estavam os músicos distribuídos por naites de instrumento, verificando-se significativas relações de afinidade entre os colegas do mesmo naipe.

A relação de afinidade entre colegas do mesmo naipe é evidente sobretudo nas instrumentistas de trompete que, desde cedo, manifestaram familiaridade entre elas tanto em performance como em outros tipos de interacção.

Este grupo é formado por três instrumentistas de idades muito aproximadas, de 13 e 14 anos, que frequentam o 7º e 8º anos na Escola Básica e Secundária da Graciosa, duas delas pertencendo à mesma turma. Integraram a Filarmónica por intermédio de amigos e familiares, sendo que uma delas influenciou a entrada do seu irmão para a Filarmónica, dado confirmado por consulta das respostas ao inquérito.

A importância que a Filarmónica tem para elas resume-se às seguintes palavras: “gostar de tocar trompete”, “gosto pela música e aprender a tocar melhor” e “gosto pelo instrumento e pelo convívio”.

O gosto pela música, a sua participação a dedicação incontestável reflectida na assiduidade e responsabilidade, prestadas sobretudo nos ensaios, valeu-lhes, a duas delas, dois prémios de assiduidade atribuídos na comemoração do 98º aniversário da Filarmónica Recreio dos Artistas, a 1 de Janeiro de 2011: o 2º prémio da “2ª mais

¹⁶ Enquanto a maioria dos músicos se encontravam dispersos no edifício da sede a conversar entre si, no bar, ou ajudando os seus familiares na organização do convívio, o grupo de três raparigas de trompete, manifestavam mais interesse na prática do seu instrumento, partilhando os seus interesses entre elas. Em determinado momento, uma delas refere que a trompete “é o melhor instrumento do mundo”. Esta situação pode ser interpretada à luz da importância que a filarmónica assume na vida dos músicos, questão a ser desenvolvido no quarto capítulo.

assídua” à executante Cátia Bettencourt, e o 1º prémio para “ a mais assídua” à executante Catarina Gonçalves.

No momento anterior à entrega dos referidos prémios, a Maestrina interveio para ressaltar o significado desses prémios que visam distinguir os três músicos mais participativos e dedicados à instituição incentivando assim os restantes a trabalhar ainda mais. Interveio ainda para sensibilizar para o grande investimento financeiro realizado para garantir a qualidade de instrumentos que são disponibilizados aos músicos, e que por essa razão devem reconhecer a importância da Filarmónica.

É de salientar que muitos dos músicos que compõem a Filarmónica, de idades muito aproximadas, frequentam a Escola Básica e Secundária da Graciosa, o único estabelecimento de ensino de 2º e 3º ciclos na Graciosa, revelando uma forte relação entre eles que a actividade da Filarmónica parece intensificar.

Relativamente à relação que se estabelece entre os elementos da Filarmónica para além da observação realizada registam-se algumas opiniões da parte de quem está inserido neste grupo social. Assim a relação entre os músicos da mesma Filarmónica, no geral, é caracterizada como saudável, registando-se no entanto momentos em que se realça uma maior competição entre as pessoas, no que diz respeito à performance o que leva muitos músicos, na opinião da Maestrina, a esquecerem-se da Filarmónica como um grupo em si: “(...) Neste momento penso que isso está estabilizado mas há sempre umas relações de competitividade (...) mesmo dentro da banda. Agora isso está mais calmo mas as vezes criam-se aquelas rivalidades de que uns querem ser melhores que os outros e não pensam muitas vezes bem de que a Filarmónica é um grupo em si, estão a pensar todos na parte individual do instrumentista. Todos esperam ser os que tocam na ponta, principalmente o naipe de trompetes, flautas, os que estão mais à frente, mais visíveis. Mesmo na rua, em marcha estão sempre à espera quem é que vai na ponta. Porque, como é lógico, escolhe-se sempre normalmente os melhores para ir na ponta e só aquele facto de ser escolhido para ir na ponta já dá uma auto-estima diferente”.

Na opinião de o executante Tiago Correia, que estabelece uma relação mais próxima aos seus colegas comenta: “A relação entre os executantes (...) é como em qualquer lado. Há uns que se gostam menos outros que se gostam mais. Uns que dão-se melhor, outros que não se dão assim tanto. Somos pessoas diferentes, temos opiniões diferentes, atitudes diferentes, temos gostos diferentes. O único gosto em comum que nós temos é a

música. Porque se não, não estávamos aqui. Mas esse é o nosso único gosto em comum, e depois é trabalhar para a Filarmónica”.

Uma das motivações que explicam a adesão à Filarmónica Recreio dos Artistas é portanto, entre outras, o convívio. No entanto, confrontando os inquéritos aplicados, a motivação que se evidencia em maior número corresponde ao gosto pela música com dezoito respostas, contra as onze respostas correspondentes às festas, à diversão e à família já integrante no seio, sugerindo assim que tanto o gosto pela música como a presença de amigos e família na Filarmónica exercem uma grande influência e motivação para fazerem parte desse grupo.

Além disso, na opinião da Maestrina, essas motivações estão constantemente a mudar. Se antes as Festas eram a principal motivação para se fazer executante da Filarmónica, actualmente, com a acessibilidade crescente de novas tecnologias, como os jogos e a internet, a motivação explica-se pelo genuíno gosto pela música e convívio entre membros do mesmo grupo esperando como recompensa as viagens: “Para já o convívio, embora as motivações estejam a mudar. Porque antes era o sair de casa para fazer algo. Agora têm mais o que fazer em casa, já tem os jogos, a internet e isso tudo. (...) Contudo, continua a ser uma forma de convívio uma forma de amizade, em que eles (...) estão sempre à espera da viagem como recompensa. Mais do que mostrar (...) todo o trabalho realizado, (...) os jovens e os menos jovens também sentem necessidade de ir dar um passeio a um local diferente que não a ilha onde habitam”.

A direcção desde então presidida por José Bettencourt tem assegurado aos músicos da Filarmónica Recreio dos Artistas as viagens como recompensa da sua prestação no dia-a-dia da Banda, contando já com muitas deslocações no arquipélago dos Açores, à excepção das Ilhas Santa Maria e Corvo. As mais recentes foram a S. Jorge em 2008 e uma segunda visita à ilha do Faial em Julho de 2011. Para além dos Açores, realizaram também deslocações ao Estado de Massachusetts nos EUA em 2005, à ilha da Madeira e ao continente português em Agosto de 2010: “Tem-se viajado! Já conhecemos a Madeira, já conhecemos o Continente, os Estados Unidos, já (...) conhecemos sete ilhas dos Açores, algumas já fomos duas vezes! Já fomos a São Miguel duas vezes, (...) à Terceira até já fomos três vezes! Já fomos duas a São Jorge, ao Faial também já fomos duas, fomos uma às Flores e uma ao Pico! De maneira que temos saído muito”.

A propósito da viagem ao estado de Massachusetts nos USA em 2005, Tiago Correia que esteve envolvido na angariação de fundos para a concretização da viagem, descreve

como os executantes reuniram esforços para alcançar esse objectivo comum: “As (...) viagens eram caríssimas, estava muito difícil (...) e o que é que nós executantes fizemos? Unimo-nos! Começamos a trabalhar para esse objectivo. Começamos a fazer festas aqui neste salão. (...) Fazíamos karaokes ao sábado aqui até às quatro/cinco da manhã. Vínhamos durante a semana, à quinta, (...) para fazer a limpeza da sede (...) para preparar para o sábado seguinte. Depois voltávamos a chegar aqui, era sempre às 8, (...) para sairmos muitas vezes 4-5 da manhã. E foi sempre assim, (...) no início do ano de 2005 até ao verão que começamos a fazer naquele pátio ali atrás. E aí foi a maior prova em como nós executantes unimo-nos todos e tivemos diversos gostos, deixamos os problemas que tínhamos uns com os outros de lado e unimo-nos todos para fazer 8 dias seguidos, (...) na altura das Festas de Santo Cristo, 8 dias seguidos, entrar às 8 da noite e sair às 5 da manhã, para fazer dinheiro. Nós embarcávamos (...) numa quinta, o karaoke terminou numa terça e viemos para aqui ainda na quarta-feira fazer limpeza e organizar a Filarmónica toda. A isto chama-se cooperação, espírito de cooperação e de união”.

Outras actividades

Nas palavras de José Bettencourt a Filarmónica Recreios dos Artistas, é – como foi também referido no início deste capítulo – uma instituição que “tem muita acção, porque não está dedicada só à Banda, de maneira que além da escola de música tem todos estes grupos (...) e até temos uma escola de violas da terra, há sempre às quartas-feiras vem um professor ensinar a tocar viola. (...) É a banda aqui da Ilha que tem o instrumental todo impecável. Temos muitos músicos, praticamente todos os anos (...)”.

A Escola de Música da Filarmónica funciona aos sábados a partir das 14h, na sede da Filarmónica e nela são leccionadas as disciplinas de formação musical e de iniciação de instrumento asseguradas pela maestrina Vânia Bettencourt, pelo professor André Simas e pontualmente por executantes mais experientes com mais tempo para se dedicarem à Filarmónica.

A maestrina distribui as tarefas de forma a responsabilizar-se pelos alunos mais jovens, geralmente os iniciantes nas aulas de música, enquanto o professor André Simas fica responsável pelos restantes que já frequentavam as aulas em anos anteriores. São essencialmente alunos do 1º ciclo.

Entre o leque de opções musicais propostas pela Filarmónica Recreio dos Artistas está também a orquestra ligeira, um projecto criada pela maestrina Vânia Bettencourt, e que é composta por alguns naipes da Banda, nomeadamente os naipes de trompetes, saxofones, percussão, baixo e clarinete. A orquestra é dirigida pela maestrina, não na sua forma convencional como se verifica na Banda mas executando o seu instrumento.

O repertório deste grupo é muito específico abrangendo composições musicais que são adaptadas para o conjunto de instrumentos referidos. Obras como “Let’s get out” de Jennifer Lopez, “Tequilla”, “What a wonderful world” são algumas das referências interpretadas pela Banda Ligeira, que se afasta do repertório muitas vezes clássico que as Bandas Filarmónicas interpretam, provavelmente pelo facto de a própria Banda ser constituída por um grupo muito jovem de músicos.

Recentemente, na ocasião da Coroação da Filarmónica Recreio dos Artistas, estreou-se um novo grupo composto por três músicos da Filarmónica, conhecido como os “África” constituído por uma bateria, guitarra, saxofone e voz. Conhecem-se da Escola Básica e Secundária da Graciosa, mas frequentam turmas e anos diferentes e encontram-se todas as semanas nos ensaios da Filarmónica.

Um deles, o que toca guitarra e canta, inscreveu-se recentemente na Banda Filarmónica por influência de amigos da escola que frequentam igualmente a Filarmónica. Na Banda executa outro instrumento, o Bombardino, um instrumento de sopro da categoria dos metais, mas em ocasiões como a celebração da coroação da Filarmónica a 12 de Junho de 2011, contribui com a sua destreza na guitarra dedilhada para acompanhar o grupo de músicos da Banda numa sequência de cânticos de cariz religioso que tiveram lugar na Igreja Matriz da freguesia de Santa Cruz.

Conclusão

No dia 1 de Janeiro de 2013 será comemorado o 100º aniversário da Filarmónica Recreio dos Artistas, mas José Bettencourt, Presidente da Direcção, revela alguma preocupação no futuro da sua instituição. As eleições são realizadas de dois em dois anos e 2011 será um ano decisivo tanto para o Presidente em exercício actualmente, como para quem vier a assegurar o cargo, no caso de José Bettencourt cessar o seu mandato: “Estamos sempre a preparar para o futuro. A sede, a associação está quase a fazer os cem anos no dia 1 de Janeiro de 2013. Este ano, vai haver novas eleições.

Portanto quem entrar agora fica com o centenário à sua conta, sabe que vai ter o centenário pela frente. (...) Nunca se pode dizer bem que não vamos, que vamos continuar ou que não vamos continuar, mas eu penso que no próximo mandato vou-me recandidatar se tiver saúde, juntamente com a minha família, e será o último porque os anos vão andando e é preciso também dar lugar aos novos, mas eu tenho muita dúvida dos novos segurar”. E acrescenta: “De maneira que há muito trabalho pela frente e eu não vejo muito (...) os novos quererem este trabalho”.

3. O LUGAR DAS FILARMÓNICAS NAS FESTIVIDADES LOCAIS

Defendem os eruditos que, desde há muito tempo, as Filarmónicas assumem um papel importantíssimo na “animação das festas locais, quer religiosas quer profanas, nas procissões, e nos arraiais. Sobretudo no que se refere às coroações, acompanham as insígnias do Divino Espírito Santo, quer para a Igreja quer para a casa do Imperador” (Pacheco, 1997:83).

Na opinião de José Gabriel Cunha, Presidente da Direcção da Academia Musical da Graciosa e natural da Ilha: “As Filarmónicas têm um papel muito importante nas festividades locais, são grupos por excelência de animação de tudo quanto é festividade na Graciosa. Aliás, todas as festividades desde que conheço em criança, e me lembro de ir às festas com os meus pais, requeriam sempre uma Banda. Portanto, tanto nesta quadra (...) o Espírito Santo como depois nas festas ditas de Verão, a Banda é indispensável. Portanto a Banda contribui sempre (...) para a animação da parte profana dessa mesma festividade e portanto é indispensável”.

Na Ilha Graciosa, as Festas de Verão são muito apreciadas pelos seus habitantes e por todos aqueles que a visitam nesta ocasião festiva. Regressam os familiares imigrantes e a população mais jovem, que se encontra deslocada a frequentar o Ensino Superior.

Alguns deles já pertenceram às Filarmónicas, mas na realidade o que se verifica é que não deixaram definitivamente de pertencer. Assim que se adivinha o termo do ano lectivo, regressam às suas origens e à sua Filarmónica para compensar o tempo ausente e dedicar-lhes agora todo o seu tempo nas performances que são bastantes significativas nas Festas de Verão.

Durante o período compreendido entre Outubro de 2010 e Julho de 2011, no âmbito da presente pesquisa, foi possível a observação e acompanhamento do que se pode designar como o ritual de preparação das Filarmónicas para exibição das suas performances musicais.

Situado na Vila de Santa Cruz, o Centro Cultural da Graciosa, “um espaço multifuncional onde se podem concretizar as mais variadas manifestações culturais, desde as exposições de teatro, passando pelos concertos musicais, festivais ou ainda

conferências ou congressos”¹⁷, foi palco de alguns momentos musicais das quatro Filarmónicas da Ilha.

Uma dessas ocasiões concretizou-se a 16 de Outubro de 2010 pelas 21h no Centro Cultural da Ilha com a finalidade de comemorar o Dia Mundial da Música com a participação inédita das quatro Filarmónicas.

Em condições normais, o dia Mundial da Música é comemorado oficialmente a 1 de Outubro, contudo em 2010 não foi celebrado na data oficial devido à ausência de uma das Filarmónicas, a Filarmónica União Popular Luzense, que reservou exactamente essa semana para descanso da actividade, interregno esse que antecede normalmente a temporada de concertos das Festas de Verão da Ilha.

No programa do concerto «Dia Mundial da Música» distribuído pela plateia estavam enumeradas as Filarmónicas pela sua ordem de intervenção: a abrir o concerto estava a Filarmónica Recreio dos Artistas interpretando as obras “Lion King”, “Chariots of fire” e “Amparito Roca”, seguindo-se a Sociedade Filarmónica União Praiense interpretando as obras “The Wasbrington Post”, “Rua do Capelão” e “Tributo a Carlos Paião”, em terceiro lugar a Filarmónica União Progresso de Guadalupe com as obras «The final Countdown», “Cem anos, fantasia ligeira”, “Visita a Poiares, marcha de concerto”, e por último a Filarmónica União Popular Luzense interpretando “Lisboa, menina e moça”, “Férias na Índia”, e “Paloma Branca”.

Intervalando a performance das três primeiras Filarmónicas, tiveram lugar a exibição do quarteto de trompas de harmonia e do quarteto de saxofones, ambos associados à Filarmónica Recreio dos Artistas, interpretando respectivamente “Canon” de John Gibsone e “Adios Muchachos”, e por último teve lugar a performance de um músico de trompete da Sociedade Filarmónica União Praiense interpretando uma obra de jazz.

No palco, perante uma sala de espectáculos com capacidade para duzentos e sessenta lugares sentados, mas não totalmente preenchida na ocasião, subiram ao palco para saudar a audiência o Doutor José Manuel da Silva Gregório, eleito delegado da Ilha Graciosa da Federação de Bandas Filarmónicas dos Açores, que assume igualmente o cargos de Presidente do Conselho Executivo da Escola Básica Secundária da Graciosa e de Presidente da Filarmónica União Progresso de Guadalupe, e o Presidente da Câmara

¹⁷ <http://cm-graciosa.azoresdigital.pt/Default.aspx?Module=ArtigoDisplay&ID=234>

Municipal de Santa Cruz da Graciosa e igualmente Vice-Presidente da Direcção da Academia Musical da Graciosa, Doutor Manuel Avelar Santos.

A encerrar o discurso de abertura do concerto, Dr. José Manuel da Silva Gregório cita um pequeno excerto da obra *Tradições Musicais da Ilha Graciosa* da autoria do Padre Norberto Cunha Pacheco realçando a importância das Filarmónicas na cultura musical da Graciosa: “O gosto pela música que está na alma da gente da nossa terra fez surgir agrupamentos a que se deu o nome de Filarmónicas. Na sua origem esta palavra significa «gostar de música». Assim, as Filarmónicas são grupos de pessoas que gostam de música e por isso a executam com instrumental de sopro e com um número que varia, mas sempre na ordem de mais de vinte (...)” (Cunha, 1997:83).

No final da apresentação de cada Filarmónica, subiram novamente ao palco os anfitriões do espectáculo, o Delegado da Federação das Bandas Filarmónicas dos Açores e o Presidente da Câmara Municipal para entrega dos diplomas de honra homenageando os músicos com mais de quarenta anos de serviço dedicados à Banda.

A audiência, muito provavelmente na sua maioria composta por familiares e amigos dos músicos das Filarmónicas presentes, batia palmas por cada performance apresentada, com particular destaque para os presentes mais jovens que compunham essa audiência. Assobiavam inclusive na vénia que os músicos faziam no final de cada apresentação.

Nos bastidores, era comentado a falta de músicos em algumas Filarmónicas o que subentendia uma clara desvantagem daquelas que tinham menos músicos em relação a outras mais compostas.

A reunião das quatro Filarmónicas na comemoração do Dia Mundial de Música não se verificou para além desta ocasião. A razão para tal não acontecer pode ser explicada à luz do relacionamento que existe entre elas, que subentende uma considerável rivalidade, questão que será abordada no seguinte capítulo.

Luís Aguiar, maestro e anterior músico da Sociedade Filarmónica União Praiense refere que numa ocasião passada, quando a sua banda era dirigida pelo maestro António de Melo, “tentou-se juntar as Bandas da Ilha para tocar o Hino, tocar uma Marcha quando veio cá o Presidente do Governo Regional dos Açores (...) mas claro que houve alguns elementos que não aprovaram muito a ideia (...) e que não quiseram participar. Mas foi uma experiência boa, conseguiu-se fazer uma coisa (...) em grande com os elementos todos da ilha, aqueles que quiseram participar, claro”.

Boas vindas ao Padre

Terminando no ciclo da época Outonal o seu ciclo de apresentações públicas, as Filarmónicas recolhem-se para iniciarem um período de descanso, entre uma a duas semanas sem ensaios.

Neste ano em particular, as Filarmónicas Graciosenses reservaram o período de descanso para depois do espectáculo comemorativo do Dia Mundial da Música, com excepção da Filarmónica União Popular Luzense que antecipou o seu período de descanso para antes da participação do evento.

Numa outra ocasião prévia ao concerto do Dia Mundial da Música, foi possível assistir a um outro cenário de performance, das primeiras a ser observada: a cerimónia de recepção de boas-vindas ao novo Padre da Vila de Santa Cruz da Graciosa assegurada pela filarmónica da freguesia, a Filarmónica Recreio dos Artistas.

Diante da Igreja Matriz de Santa Cruz e na área circundante ao edifício, a população da freguesia aguardava pela chegada do novo Padre enquanto a Filarmónica, requisitada pelo Padre a participar na ocasião, iniciava uma marcha desde a sede até à Igreja Matriz, interpretando o repertório destinado para a ocasião, o repertório de procissão.

No alto da rua da Igreja, encontra-se o edifício da Igreja Matriz, circundado por um muro baixo, e entre esse muro um acesso com sete degraus que conduz a um caminho até à entrada da Igreja.

No exterior da Igreja estão dispostos entre dois pilares, dois cartazes de boas vindas ao Padre, o primeiro por cima dos degraus onde se lê “Bem-vindo Padre Sérgio” e o segundo cartaz ligeiramente por cima das grandes portas do edifício da Igreja, onde se lê “Este teu povo saúda-te com alegria” (cf. Foto 5 Concerto de Boas Vindas ao novo Padre da freguesia de Santa Cruz).

Terminada a marcha, a Filarmónica aguarda pela chegada do Padre Sérgio diante do centro social e paroquial de Santa Cruz, que se situa a uma distância relativamente curta da Igreja Matriz, e onde igualmente aguarda a população mais envelhecida que revela alguma inquietação pela apresentação do novo Padre.

No momento em que o novo padre abandona o automóvel que o transporta até ao local, é instantaneamente recebido com um grande aplauso das pessoas que rodeiam toda a

área circundante da Igreja Matriz e pela Filarmónica Recreio dos Artistas que o saúda musicalmente.

Terminada a intervenção musical, um executante da Filarmónica avançou em direcção ao novo Padre para lhe ofertar um ramo de flores e, lisonjeado com tal gesto, o padre abre a cerimónia com um discurso breve, sobretudo agradecendo aos presentes.

Assim que o padre deu por terminado o discurso, os músicos da Filarmónica rapidamente distribuíram-se em três filas iguais iniciando novamente a sua intervenção musical e acompanhando em marcha a procissão de pessoas formada e liderada pelo novo padre que avançava em direcção à entrada da Igreja.

À medida que o caminho em direcção à entrada da Igreja era percorrido, as pessoas abandonavam o espaço exterior da Igreja, para entrar dentro dela enquanto a Filarmónica continuava a tocar terminando a sua marcha diante da Igreja onde esperavam por ela, lado a lado, o novo padre e o padre anterior ao primeiro.

Terminada a performance diante da igreja, os dois padres agradeceram a apresentação dirigindo-se para o interior da Igreja para dar início à missa que foi celebrada nesta ocasião pelo novo padre enquanto a Filarmónica no exterior abandonou definitivamente o espaço colocando-se em posição de marcha para seguir rumo à sede tocando novamente durante o percurso.

Aniversário de uma Filarmónica

Entre o período compreendido entre Outubro e Fevereiro, as participações das Filarmónicas, no geral, não foram numerosas, aliás, por norma não o são: as Filarmónicas não são requisitadas para ocasiões festivas na época mais fria do ano, pois elas são inexistentes, salvo um concerto de solidariedade que pode ser espontaneamente organizado em prol de uma causa, como aliás aconteceu em Dezembro de 2010, no Centro Cultural da Graciosa.

Entre outras ocasiões de exibição e performance musical observadas nesse período destaca-se a comemoração do 98º aniversário da Filarmónica Recreio dos Artistas celebrado a 1 de Janeiro de 2011 no salão de festas do edifício da sede, espaço por excelência escolhido para a comemoração desta e de outras ocasiões.

A comemoração do aniversário começou com uma breve apresentação musical da Banda Filarmónica seguindo-se intervenções dos elementos que compõem a Direcção da Filarmónica, por sua vez intercaladas com intervenções musicais de outros grupos que têm a sua origem na Filarmónica, como o quarteto de trompas de harmonia, a orquestra ligeira e o quarteto de saxofones, que fecharam um primeiro momento da celebração com o canto dos parabéns e o corte do bolo. Um segundo momento da comemoração compreendeu dança e diversão, animada com instrumentistas de viola da terra, instrumento tradicional da Ilha e dos Açores no seu conjunto.

Nos acessos para o salão de festas onde toda a acção decorria, estava disposta de pé e voltada para o centro do salão, a audiência, onde se incluíam os sócios e músicos da Filarmónica com os seus amigos e família convidados para assistir e participar no aniversário.

Dispostas pelo salão estavam várias filas de cadeiras voltadas para um pequeno palco, ocupado por instrumentos pertencentes ao conjunto musical da Filarmónica, que participariam mais tarde nessa noite, e ao redor desse espaço estavam distribuídas mesas redondas com cadeiras onde estava sentada a audiência.

Na primeira fila de cadeiras dispostas no salão marcavam presença o Dr. Manuel Avelar Cunha Santos, presidente da câmara municipal da Graciosa acompanhado da sua esposa; ao seu lado Dr. José Manuel Gregório Ávila, Presidente do Conselho Fiscal da Filarmónica Recreio dos Artistas igualmente deputado do PS na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, ladeado José da Cunha Bettencourt, Presidente da Direcção da Filarmónica.

No canto do lado esquerdo do palco encontrava-se um painel branco onde se projectava uma sequência de fotografias dos músicos da Filarmónica representados em momentos de performance e de diversão, muitos deles presentes na cerimónia. Em relação aos outros rostos pouco familiares que na tela eram projectados, eram provavelmente músicos que fizeram parte da banda.

No final da apresentação, os seus músicos abandonaram o local de performance acompanhados dos seus instrumentos descendo as escadas e saindo do edifício em direcção à sala de ensaios para guardar os seus instrumentos

De volta ao salão, a maioria dos músicos que participaram na primeira performance da cerimónia, já não traziam vestida a farda característica da Banda, mas o vestuário casual para serem agora a audiência dos colegas músicos que se seguiam.

Durante a interpretação do quarteto de trompas de harmonia (cf. Foto 7), o salão apresentava-se com menos audiência: enquanto umas pessoas assistiam ao espectáculo, outras circulavam pelo espaço do edifício da sede, especialmente pelo bar, e outras mantinham-se de pé a assistir mesmo com a disponibilidade de cadeiras que se apresentava.

Após a apresentação do quarteto de trompas, Jorge Cunha, secretário da direcção da Filarmónica Recreio dos Artistas que assume igualmente o cargo de Director/Responsável Técnico do Museu da Graciosa, interveio para apresentar um outro conjunto de músicos da Filarmónica, nomeadamente o a Orquestra Ligeira e o repertório que iriam interpretar sob a coordenação da maestrina Vânia Bettencourt. (cf. Foto 9)

Na segunda música que a Orquestra Ligeira interpretava, alguns executantes começaram a incentivar o público a bater palmas ao ritmo da música, mas foram poucas as pessoas presentes no público que aderiram

A Orquestra Ligeira, que se diferencia da Banda Filarmónica pelo repertório interpretado, diferencia-se igualmente pelo uniforme que veste, adoptado com a finalidade de se distinguir da Banda Filarmónica.

Em termos de Farda, enquanto a da Banda Filarmónica é constituída por calças e casaco preto, camisa branca, gravata e insígnias verdes, a da orquestra ligeira marca diferença com camisa preta, e gravata personalizada com figuras de um desenhado animado, o Snoopy da criação de Charles Schulz, preenchido com motivos musicais.

No final da performance da orquestra ligeira, novamente Jorge Cunha interveio para apresentar um quarto grupo musical, o quarteto de saxofones, novamente com a intervenção da maestrina, desta vez como executante, encerrando, citando Jorge Cunha “uma série de mini concertos que abriram a celebração do aniversário da Filarmónica”. (cf. Foto 8)

À apresentação do quarteto de saxofones seguiu-se a intervenção da maestrina da Filarmónica anunciando a atribuição de três prémios pelos músicos com o objectivo de

distinguir os executantes com maior participação e prestação à Filarmónica durante o ano passado. (cf. Foto 11)

A maestrina referiu ainda sua intervenção que durante o ano de 2011, iria contabilizar novamente as presenças dos músicos nos ensaios para que no final do ano sejam novamente distinguidos com um prémio, a determinar. Sensibilizou também o público relativamente ao valor do conjunto de instrumentos que a Filarmónica tem continuamente investido e referiu a importância de os executantes reconhecerem a importância da sua participação na Filarmónica.

Terminada a sua intervenção, a maestrina passou a palavra ao Secretário da Direcção da Filarmónica, Sr. Jorge Cunha para concretizar a atribuição dos prémios convidando por sua vez a estar presente na atribuição do primeiro prémio o Presidente do Conselho Fiscal da Filarmónica, José Ávila.

Reunidas as condições de atribuição dos prémios, o orador passou a convidar a executante Beatriz Cunha para receber o 3º prémio relativo à “melhor limpeza e manutenção do instrumento”. Seguiu-se a atribuição do 2º prémio, relativo ao “2º mais assíduo”, estando desta vez presente na entrega do prémio o Presidente da Direcção da Filarmónica que chamou a executante de trompete Catarina Gonçalves pedindo-lhe que lesse o que estava inscrito na placa para o público ali presente. Na entrega do 1º prémio referente à “mais assídua” foi pedida a presença da Maestrina da Filarmónica que entregou à executante Cátia Bettencourt, também de trompete.

Finalizada a entrega dos prémios pelas executantes contempladas, seguiu-se novamente a apresentação do quarteto de saxofones interpretando desta vez a música dos “Parabéns” acompanhada pelo cantar e bater de palmas do público. Ao presidente da Direcção da Filarmónica foi concedida a honra de soprar as velas e cortar o bolo que começou a ser distribuído pelo público presente. Na distribuição do bolo, juntaram-se ao Presidente a sua esposa, vice-presidente da Direcção da Filarmónica, um familiar de um músico, um músico sénior e o Secretário da Direcção da Filarmónica.

A grande satisfação pela cerimónia realizada era manifesta no rosto de José Bettencourt que a concretizou em palavras numa entrevista prestada à RTP Açores presente no local através do entrevistador Luís Costa: “Em qualquer organização dá trabalho para se manter as coisas vivas, e esta (a ocasião) também é uma delas. Dá trabalho, mas quando a gente vê o resultado (...) dá vontade de trabalhar mais (...). Eu julgo que é uma

riqueza que não sei se... pode haver Filarmónicas melhores, a tocar melhor que a nossa mas com um quarteto de trompas de harmonia, com um quarteto de saxofones, com a orquestra ligeira e com um conjunto musical, eu não sei pelas nossas ilhas se há!”.

José Bettencourt aproveitou para referir a falta de apoios que a Filarmónica sente: “E queremos mais, a gente não quer ficar por aqui. Queremos mais, agora também é preciso que as nossas autoridades governamentais olhem para o nosso trabalho”.

Seguiu-se à distribuição do bolo e do champanhe, o baile no salão assegurado pelo conjunto musical composto por alguns músicos da Filarmónica – um baixo, uma guitarra, bateria, voz e saxofone alto – com a apresentação de repertório de cariz mais popular. (cf. Foto 10)

À semelhança do que foi observado em bailes, organizados em outros grupos associativos, como no Sporting Club de Guadalupe situado na freguesia a noroeste de Santa Cruz, as mulheres encontravam-se sentadas nas cadeiras dispostas na sala que percorriam a parede do salão, enquanto os homens, que se encontravam na outra ponta do salão, aguardam pela oportunidade de convidarem a mulher para dançar. Assim, quando a música do baile soava, o homem, que observava a candidata à dança, atravessava o salão em direcção à mulher escolhida, e a este homem seguiam-se imediatamente outros enchendo assim o salão. (cf. Foto 12)

Ao longo da noite, as pessoas dançavam animadas ao ritmo das músicas que eram interpretadas. A determinado momento uma pessoa gritou: “é a moda do chocolate” e os pares que juntos dançavam juntaram-se numa roda só apresentado uma coreografia que mostraram conhecer bastante bem. No final da coreografia, o homem levou o seu par (também observou-se pares constituído por mulheres) em direcção ao bar, comprando o chocolate e oferecendo-o à mulher com quem dançava, voltando os dois novamente para o salão para terminar a dança, não em grupo mas agora em par.

O Carnaval

Depois do período de descanso reservado para as primeiras semanas de Outubro, as Filarmónicas graciosenses retomam novamente os ensaios. Anteriormente ao concerto realizado no dia 16 de Outubro de 2010, verificou-se que a Filarmónica Recreio dos Artistas, em particular, esteve em actividade com ensaios regulares e ainda algumas performances. Foram provas dessa actividade a comemoração do centenário da

República realizada a 5 de Outubro de 2010, e a recepção de boas vindas ao novo padre da freguesia de Santa Cruz, a 10 de Outubro de 2010.

O primeiro contacto com a Filarmónica Recreio dos Artistas teve lugar no ensaio de véspera da comemoração do Centenário da República. Nesse ensaio, os músicos preparavam o repertório a ser interpretado no dia seguinte. A Filarmónica reúne-se para ensaios todas as segundas e quintas-feiras a partir das 20 horas na sala de ensaios da sede.

Depois do concerto comemorativo do Dia Mundial da Música, a Filarmónica Recreio dos Artistas interrompeu os seus ensaios regulares por um período de quinze dias. Nos primeiros dias de Novembro, os músicos voltaram a reunir-se na sala de ensaios, nos dias e horas preestabelecidos.

No entanto, durante o período de descanso da Filarmónica Recreio dos Artistas procurou-se chegar à filarmónica que se encontrava nesse momento em actividade, nomeadamente, a Filarmónica União Popular Luzense que anteriormente já tinha interrompido os seus ensaios. Os seus ensaios realizam-se às quartas e sextas-feiras às 21 horas, na própria sede. O edifício da sede é consideravelmente amplo. Os ensaios decorrem no salão de festas onde são colocadas para efeito as cadeiras e estantes necessárias para o ensaio. Quando não há ensaios, a divisão é transformada num palco de ocasiões festivas, como o carnaval e outras ocasiões.

A Filarmónica é constituída por trinta músicos, sendo que a maioria encontra-se no continente, e outros faltam à maioria dos ensaios, afirmou o maestro da Banda. O mesmo acontece com a Filarmónica Recreio dos Artistas, que depois do período de descanso retomou a sua actividade, no entanto com um menor número de músicos que constituem o total da Filarmónica. Em média nos ensaios participavam cerca de vinte músicos para um total de cinquenta e três, sendo os naipes de clarinetes e de trompetes os mais assíduos mas também os mais numerosos comparativamente com os restantes naipes de instrumento.

Retomados os ensaios, as quatro filarmónicas graciosenses começam um extenso período de trabalho, preparando um novo repertório musical a ser apresentado no período de festas da Ilha.

Por norma, a partir de Dezembro, as Filarmónicas não só começam a organizar um novo repertório a ser interpretado instrumentalmente, como começam a organizar

coreografias e fantasias muito próprias para serem apresentadas no Carnaval, à semelhança dos outros clubes e colectividades da Ilha Graciosa. Para além das já referidas filarmónicas participam também as seguintes colectividades: Clube Central Recreativo de Guadalupe (Sociedade Desportiva e Recreativa), a Sociedade Recreativa da Vitória (Guadalupe), Graciosa Futebol Clube e Sport Club Marítimo (Santa Cruz).

A partir de Dezembro as portas de todos os clubes associativos abrem-se a toda a população local. Esses encontros de pé de dança são realizados sextas e sábados e têm uma grande concorrência por parte da população. Os bailes são animados por música ao vivo interpretados por conjuntos musicais, sendo os mais requisitados nesse ano, o grupo conhecido como «os Kontrabanda».

As danças e coreografias a que assisti na ocasião do aniversário da Filarmónica Recreio dos Artistas, representam um exemplo de preparação para os festejos do Carnaval que na Graciosa assumem um carácter importantíssimo na vida social dos graciosenses.

Jorge Borges e Cunha (1990) na sua obra intitulada *O Carnaval na Graciosa 1990* reforça essa mesma ideia. Segundo Cunha: “Sendo o Carnaval desta ilha um «fenómeno» cultural de elevada expressão, inserindo na sua globalidade várias componentes de valor etnográfico e do património cultural, torna-se imperioso preservá-lo, dinamizá-lo e divulgá-lo como Cartaz Turístico, prestigiando-o com variadas manifestações carnavalescas, com tradição”.

O Carnaval da Graciosa é caracterizado por Cunha (1990) da seguinte forma: “Caracterizando-se o nosso Carnaval como sendo um «carnaval de salão» é lógico constatar-se que a maioria das actividades carnavalescas se desenvolvam nas sedes sociais dos nossos clubes/colectividades, primorosamente decoradas para o efeito. Nos muitos Bailes animadíssimos, onde reina a espontaneidade, a alegria e a criatividade, como actividades, convêm salientar, entre muitas, as fantasias individuais e de grupo, máscaras, modas de viola, danças ao sabor de variadíssimos ritmos. São, pois, os clubes, por excelência, os grandes dinamizadores e o nobre sustentáculo desta semana do Carnaval da Graciosa.

Todas as fantasias preparadas pelas sociedades “constam de uma coreografia, música – original ou não – com características tradicionais ou ritmos actuais muito variados. As fantasias são contraídas por elementos pertencentes ao mesmo escalão etário e geralmente, por um número não inferior a dez pares. Seguindo a tradição, estas fantasias

apresentam-se primeiro ao clube que representam e só posteriormente, visitam as restantes sociedades da ilha. Nestas o acolhimento é feito segundo normas e características muito próprias de cada clube” (Cunha, 1990:15).

Vinte e um anos depois, muitos elementos característicos do carnaval da Graciosa – como foram descritos por Jorge Cunha – mantiveram-se enquanto outros perderam a sua significância ao longo dos anos, como é exemplo o festival de fantasias de grupo, momento onde era entregue o prémio da melhor fantasia, e as batalhas de carnaval realizadas no último dia do Carnaval.

Na sexta-feira anterior à segunda-feira de Carnaval, é realizado um desfile do agrupamento de escolas da Ilha Graciosa. Aqui as Filarmónicas têm algum destaque na participação na animação de rua, acompanhando o cortejo de Carnaval. O cortejo de Carnaval é planeado e organizado com bastante antecedência pelos professores/educadores das várias instituições educativas da Ilha, como as pré-escolas, as escolas primárias das freguesias de Santa Cruz da Graciosa, São Mateus da Praia, Guadalupe e Luz, e a Escola Básica e Secundária da Graciosa situada no concelho de Santa Cruz preparando os seus educandos a decorar as músicas e as letras das músicas para cantarem em conjunto com a Banda que os acompanha musicalmente ao longo do cortejo.

Em anos anteriores a Filarmónica Recreio dos Artistas assegurava o cortejo de Carnaval organizado pelas escolas do pré-primário, primário, básico e secundário, partindo da escola em direcção às ruas do centro da Vila de Santa Cruz.

Tiago Correia, trompetista da Filarmónica Recreio dos Artistas, que participou no cortejo comenta: “já há quatro anos, (...) a Filarmónica de Santa Cruz levava executantes, não levava a Filarmónica toda, eram os executantes estudantes, que estavam a estudar formavam e ensaiávamos as peças de Carnaval para irmos no desfile das crianças (...) que vão desde o centro cultural, percorrem as principais ruas aqui de Santa Cruz, e param no centro da praça. (...) Mas este ano provavelmente não vai ser assim porque tem o ensino artístico. Há sempre (...) aqui no centro da praça a música em CD (...) e a percorrer os caminhos, ao pé dos miúdos, vêem as Filarmónicas. É bonito de se ver!”.

De facto – como refere Tiago Correia – este ano, o cortejo do Carnaval das escolas, realizado a 4 de Março de 2011, sofreu uma pequena alteração. No ano lectivo

2010/2011, com a integração do ensino artístico especializado na Escola Básica e Secundária, a maioria dos músicos pertencentes às diferentes Filarmónicas da Ilha que frequentam o ensino básico, matricularam-se no ensino artístico especializado para frequentar as disciplinas de instrumento, formação musical e orquestra. Uma vez que a Escola Básica e Secundária apresentava um número considerável de alunos inscritos que tocavam diferentes instrumentos de sopro, como trompetes, clarinetes, saxofones e flautas, o Conselho Executivo da escola considerou ser oportuno a reunião desses alunos e ainda outros que não estavam inscritos no ensino artístico mas que eram instrumentistas de outros instrumentos necessários, como trompa, trombone e percussão para formar um grupo de músicos, para acompanhar o desfile de carnaval das escolas.

Com a hora prevista de início às 10h, todos os intervenientes preparavam-se no interior da Escola Básica e Secundária da Graciosa organizando-se e posicionando-se pela ordem crescente de ano escolar que frequentavam, desde o pré-escolar ao 9º ano do ensino básico.

Para abrir o desfile, foram designados os alunos das turmas do 9º ano que transportavam o cartaz do desfile a identificar a Escola Básica e Secundária da Graciosa e igualmente o cartaz com o tema “Saúde em meio Escolar”, tema esse ligado ao projecto regional “Educação e Saúde em meio Escolar”.

No exterior da escola, enquanto aguardavam, os músicos também eles mascarados mas com outros motivos carnavalescos não relacionados com o tema da escola, organizavam-se e aqueciam os seus respectivos instrumentos para integrar no desfile atrás dos todos os seus colegas do 5º ao 9º ano.

Sucedendo às duas turmas do 9º ano que abriam o desfile mascarados de cozinheiros, desfilaram os alunos do pré-escolar da creche e jardim-de-infância “O Balão”, seguindo-se as quatro escolas primárias das quatro freguesias da Ilha, pela seguinte ordem: Guadalupe, Luz, São Mateus da Praia e Santa Cruz.

A EB1/JI da Praia, excepcionalmente às outras freguesias, apresentou-se em conjunto com o jardim-de-infância da sua freguesia com o tema “Pelo Seu Coração, Mexa-se”, desfilando com as mais diferentes máscaras: as crianças do jardim-de-infância mascaradas de corações e as da escola primária mascaradas de desportistas de diferentes modalidades como atletas de patinagem, ciclistas, futebolistas, ginastas e atletas de vela. As restantes escolas primárias, nomeadamente as de Guadalupe, Luz e Santa Cruz

estavam mascarados respectivamente de dentes e pasta de dentes, variadas frutas e variados legumes.

À Escola Básica e Secundária da Graciosa seguiram-se as duas turmas do 5º ano, com as crianças mascaradas respectivamente de cozinheiros e de cogumelos; a turma do programa de oportunidades, POP I, mascarada de horticultores; as duas turmas do 6º ano mascarados de peras e de melancias; as três turmas do 7º ano mascaradas com os temas “dragão da vitamina”, “talheres animados” e “salada de fruta; e encerrando o desfile as três turmas do 8º ano mascaradas respectivamente de chocolates M&M’s, fast-food, nomeadamente pizza e coca-cola e por fim sacos de M&M’s

Os músicos, que aguardavam pela saída de todas as turmas do interior da escola, preparavam já os seus lugares para se juntarem ao desfile e iniciarem a marcha. Na participação do desfile estavam presentes ao todo vinte e quatro músicos distribuídos em três filas, na sua maioria músicos da Filarmónica Recreio dos Artistas, com cerca de vinte músicos e em menor número a Sociedade Filarmónica União Praiense com dois músicos e a Filarmónica União Progresso de Guadalupe com outros dois.

Assim que a última turma a desfilar saiu do interior da escola o grupo de músicos, seguindo-se a ela, começou a sua marcha, interpretando as mais variadíssimas músicas tocadas e conhecidas por todos na ocasião do Carnaval. Músicas como “Cidade Maravilhosa”, “Viva os Palhaços, Viva o Carnaval” foram muitas vezes interpretadas e cantadas por todos os participantes. (cf. Foto 13 e Foto 14)

À medida que o desfile se processava o grupo de músicos avançava ora para diante ora par a par com o grupo de jovens mascarados, realizando por vezes uma coreografia que os rodeava a todos.

No percurso da Escola Básica e Secundária até à praça da Vila, a maioria das pessoas que seguiam o desfile através das janelas das suas casas, ou acompanhando o próprio desfile nas ruas ou ainda aguardando pela chegada do desfile na praça da Vila, aderiram, tal como os jovens, às brincadeiras do carnaval cantando igualmente em conjunto as músicas que os músicos interpretavam.

No local de chegada do desfile, na praça Fontes Pereira de Melo, aguardavam já pelos participantes os professores e auxiliares das escolas para acolher e distribuir os lanches por todos os que desfilaram.

Contudo, os músicos que acompanhavam o desfile, assim que chegaram à praça, não deram por terminada a sua exibição e performance continuando a desfilar e a tocar pela rua em direcção à Escola Básica e Secundária para recolher os seus instrumentos e voltar de novo à praça para se juntarem aos festejos do Carnaval que prosseguiam no local com actividades.

No dia seguinte ao Desfile de Carnaval das Escolas, no Sábado de 5 de Março de 2011, todos os clubes associativos da Ilha, como por exemplo o Sport Club Marítimo da freguesia de Santa Cruz, abriram as suas portas para receber e apresentar as fantasias de grupo que são cuidadosamente preparadas e organizadas ao longo de um ano. Trata-se de um dos momentos mais importantes para os graciosenses na medida em que envolve uma participação popular significativa e muita dedicação da parte das pessoas que participam nas fantasias, tanto na organização como na elaboração da coreografia, de forma que estas sejam as mais vistosas da Ilha no ano respectivo.

Os músicos das Filarmónicas não têm aqui uma intervenção musical e instrumental. Participam nestes bailes e desfiles no sentido de representar as suas Filarmónicas, mascarando-se de determinados motivos carnavalescos e executando uma coreografia por eles escolhidos.

No domingo de Carnaval, todas essas fantasias se reúnem no Pavilhão Municipal da Graciosa, participando cerca de 600 figurantes para um total de 21 fantasias, em 2011 esse número foi superior aos anos anteriores, dado confirmado pela comunicação social.¹⁸

A noite da segunda-feira de Carnaval, a chamada segunda-feira gorda, é por tradição a maior do Carnaval da Graciosa, terminando por norma na manhã do dia seguinte com uma fotografia de grupo de todos aqueles que resistiram à longa noite de baile, assim chamados “Os Resistentes”.

Festas do Divino Espírito Santo

Terminados os desfiles e os bailes de Carnaval que na Graciosa preenchem não apenas três dias mas se estendem por uma semana, inicia-se a Quaresma, período em que se suspendem de novo as actividades das filarmónicas.

¹⁸ <http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/graciosa/?m=03&y=2011&d=06> por Luís Costa

Terminada a Quaresma e na sequência da celebração da Páscoa, as Filarmónicas começam de novo a ter grande visibilidade em resultado da sua participação relevante em cerimónias de cariz religioso, com destaque para as Festas do Divino Espírito Santo, um culto que em todo o arquipélago Açoriano toma as suas diferentes manifestações e uma das práticas mais antigas e difundidas do catolicismo popular.

No estudo desenvolvido por João Leal, intitulado *As Festas do Espírito Santo nos Açores* (1994), o autor debruça-se sobre as origens e práticas desse culto em especial numa freguesia da ilha de Santa Maria, estendendo depois a análise às restantes ilhas do arquipélago, numa perspectiva comparativa.

Segundo João Leal: “as Festas do Espírito Santo constituem em grande medida um traço específico da cultura popular portuguesa. A sua origem, de acordo com um conjunto de narrativas eclesiásticas seiscentistas, é geralmente situada no século XIV, em Alenquer, e atribuída à Rainha Santa Isabel. (...) A sua existência é conhecida na Madeira e no Brasil. Mas foi sobretudo no arquipélago dos Açores – onde a sua origem parece remontar aos tempos iniciais do povoamento – que elas conheceram um desenvolvimento mais importante” (Leal, 1994: 15).

Relativamente às várias manifestações que as Festas do Espírito Santo apresentam nas nove ilhas do arquipélago, João Leal (1994) afirma: “Presentes em todo o arquipélago, configurando-se como um dos traços centrais da unidade e da especificidade dos Açores enquanto «área cultural», as Festas do Espírito Santo apresentam simultaneamente uma grande diversidade, entre os diferentes grupos de ilhas, de ilha para ilha, e mesmo, por vezes, dentro de cada ilha, de freguesia para freguesia” (Leal, 1994: 167).

Segundo o autor existem cinco principais variantes do Espírito Santo nos Açores: “O mais difundido e conhecido encontra-se nas ilhas do grupo central. Atingindo a sua forma mais elaborada na Terceira, em São Jorge e no Pico, este modelo reencontra-se ainda na Graciosa. (...) As variações mais significativas são as que se relacionam com a estruturação genérica do ritual com o conteúdo e características principais da sua vertente alimentar e, por fim, com o tipo de cerimónias religiosas que compreendem” (Leal, 1994: 169).

Relativamente ao culto do Espírito Santo onde na Graciosa “é bem viva essa devoção”, Norberto da Cunha Pacheco na sua obra *As Tradições e Paisagens de uma Ilha* escreve: “(...) O tempo próprio destas festividades vai do Domingo de Pascoela até ao da

Trindade. Durante este tempo, ainda hoje se realizam coroações, e no Domingo de Pentecostes e da Trindade, são os bodos. As coroações consistem em levar à Igreja, em cortejo, as insígnias do Divino – a coroa e a bandeira. Aí é celebrada Missa de Festa. Finda a celebração da missa, procede-se à coroação de crianças pelo sacerdote. O cortejo volta para casa do Imperador, onde é oferecido um jantar a todos os que participam nestas cerimónias. (...) Estes cortejos, são por vezes, acompanhados por foliões, conjuntamente com a Filarmónica. O número de foliões não excede os três na maioria dos casos. Temos o mestre, ou seja, aquele que arma as cantigas e toca o tambor, outro leva a bandeira e o terceiro toca pandeireta, e as vezes atira os foguetes. Trajam uma espécie de opa, com largo cabeção sobre os ombros, sem qualquer abotoadura à frente, e não usam nada na cabeça. Na semana que antecede a coroação, reza-se ou canta-se o terço em louvor ao Divino. É também a semana dos preparativos para o jantar do domingo” (Pacheco, 2005: 30).

Na Ilha Graciosa, sobretudo na freguesia de Santa Cruz, onde foi dedicada mais atenção, a procissão começa a partir do Império acompanhada dos adereços simbólicos do Divino Espírito Santo, até à Igreja voltando novamente ao Império onde, depois da missa, as coroas e as bandeiras são aí colocadas em exposição. Segue-se a arrematação das oferendas, como gado, massa sovada ou géneros alimentícios que restaram da oferta alimentar realizada na casa do imperador que organizou a procissão.

Em algumas localidades da freguesia de Santa Cruz da Graciosa, como o Rebentão, Bom Jesus e Dores – a que se dedicou a observação – a Filarmónica Recreio dos Artistas é por norma requisitada pelos mordomos e entidades de comissão de festas para participar nas procissões acompanhando o Espírito Santo e animarem as festas do Divino Espírito Santo que se prolongam depois do dia de Pentecostes até ao final do Verão, de forma a aproveitar a chegada dos emigrantes em férias.

Na opinião da Maestrina da Filarmónica Recreio dos Artistas, as Filarmónicas “fazem parte de todas as festividades, embora cada vez mais as festas apostam nos conjuntos musicais. Mas mesmo assim a Banda ao Domingo tradicionalmente toca (...) mas em concertos fora da freguesia é cada vez mais raro acontecer porque cada vez mais as freguesias dão lugar à sua Banda, ou mais uma Banda no máximo, para guardar dinheiro para os conjuntos. (...) A nossa banda em concerto basicamente toca dentro da freguesia, quer em Festas de Espírito Santo, quer nas Festas de Verão, e nas outras freguesias vai mais para a parte religiosa, (...) as procissões”.

José Gabriel Martins, Presidente da Academia Musical da Ilha Graciosa, partilha da mesma opinião: “Apesar de hoje em dia serem introduzidos outros grupos, outros tipos de agrupamento, principalmente na música ligeira, com cantores e com bandas já altamente amplificadas, com grandes aparelhagens, (...) eu continuo a achar, que uma festa realmente festa, e com tradição nas ilhas Açorianas não dispensa a Banda”.

Com as Festas do Espírito Santo, a performances públicas das Filarmónica na Ilha são em número crescente: a partir do 7º Domingo após a Páscoa, designado igualmente o dia de Pentecostes, realizam-se o Bodos.

Tal como foi referido, na Graciosa, as Festas do Espírito Santo compreendem dois tipos distintos de cerimónias, semelhantemente à Ilha Terceira, mas tomando designações diferentes. Enquanto na Terceira são conhecidos pela designação de *funções* e *bodos*, na Graciosa são conhecidos pela designação de *coroações* e *bodos* (Leal, 1994).

Segundo Pacheco: “(...) Os bodos que se realizam, especialmente, no Domingo de Pentecostes e da Trindade, são precedidos das tradicionais coroações. À tarde, junta-se o povo, à volta do Império – casa destinada a receber insígnias do Divino e também as vésperas ou sejam as rosquilhas. Distribuem-se as vésperas aos irmãos e a todos os presentes. (...) A Filarmónica executa alguns números, é o arraial, a alegria do povo” (Pacheco, 2005: 30).

Seguem-se ao longo do capítulo as várias participações das Filarmónicas nas Festas do Espírito Santo com destaque para as manifestações da Filarmónica Recreio dos Artistas.

Coroação da Escola Básica e Secundária da Graciosa¹⁹

Uma das primeiras coroações do Divino Espírito Santo a ser observada foi a coroação do Divino Espírito Santo promovida pela Escola Básica e Secundária da Graciosa, na

¹⁹ No período que marca o início das Festas do Divino Espírito Santo a Filarmónica Recreio dos Artistas teve uma participação extraordinária no âmbito da 22ª edição dos jogos desportivos escolares, especificamente, a fase regional do 3º ciclo, organizada este ano na Escola Básica e Secundária da Graciosa que decorreu nos dias 4, 5, 6 e 7 de Maio de 2011, com a participação as melhores cidades classificadas, as escolas da Povoação (São Miguel), a escola da Calheta (S. Jorge), a escola secundária Manuel de Arriaga (Faial, Horta) para além da escola organizadora.

A cerimónia de encerramento do encontro realizada no final do dia 6 de Maio 2011, que teve lugar no Pavilhão Gimnodesportivo da Escola Básica e Secundária da Graciosa, iniciou-se com a entrega de prémios aos vencedores dos jogos desportivos, tendo depois lugar um momento musical executado pela Filarmónica Recreio dos Artistas com a interpretação de dois temas, um arranjo musical do tema “We are the world” de Michael Jackson, e “Me Voy”, o primeiro bastante familiar ao público (na sua maioria jovens acompanhados dos seus familiares) que assistia com muita receptividade.

semana de 16 a 21 de Maio de 2011 e realizada pela primeira vez na instituição organizadora com o objectivo de “incutir aos alunos as tradições e costumes da comunidade”.²⁰

A Coroação da escola teve o seu ponto culminante no sábado, dia 21 de Maio, tendo-se iniciada na semana anterior com o tradicional “rezar do terço” com representação das quatro freguesias da ilha, nomeadamente Guadalupe, Santa Cruz, São Mateus da Praia e Luz, “tendo em conta as diversas variantes de lugar para lugar, cada freguesia ficou responsável por uma noite”.²¹

No cortejo do Divino Espírito Santo da escola, participou a Filarmónica União Progresso de Guadalupe, convidada provavelmente pelo facto do Presidente do Conselho Executivo assumir igualmente o cargo de Presidente da Direcção da Filarmónica em questão. (cf. Foto 21)

O cortejo, liderado pelos quatro elementos representantes do conselho executivo da Escola Básica e Secundária que transportam as coroas “partiu da escola em direcção à Igreja Matriz de Santa Cruz da Graciosa, acompanhada de uma Banda Filarmónica convidada, a Filarmónica União Progresso de Guadalupe e os Foliões de Santa Cruz. A missa de coroação foi presidida pelo Vigário Geral da Diocese de Angra (Angra do Heroísmo, Ilha Terceira), Padre Hélder Fonseca, seguindo-se o regresso à Escola onde foi servido o almoço para mais de 500 alunos, professores, auxiliares e convidados”.²²

A realização da coroação na escola prende-se com três grandes objectivos que para o Presidente do Conselho Executivo, Professor José Gregório, foram decisivos para concretizar a iniciativa: “ O primeiro tem a ver (...) com uma disciplina que é educação moral, religião e católica que faz parte do currículo tanto do ensino básico como do ensino secundário, como opção. Como tal faz todo o sentido, portanto, fazer esta festa. A segunda tem a ver com a cultura, as tradições da Graciosa. Eu acho que a escola além de ensinar e educar também deve promover a cultura da sua Ilha. E um terceiro, que tem a ver com este segundo, é que numa sociedade cada vez mais global, e dentro de uma União Europeia em que cada vez mais nos assemelhamos uns aos outros, aquilo que nos

²⁰ <http://tv2.rtp.pt/icmblogs/rtp/graciosa/?m=05&y=2011&d=20> por Luis Costa, RTP Graciosa

²¹ <http://tv2.rtp.pt/icmblogs/rtp/graciosa/?m=05&y=2011&d=20> por Luis Costa, RTP Graciosa

²² Idem

vai fazer diferença, é efectivamente a nossa cultura e as nossas tradições. (...) E como é a única escola na Ilha, temos todas as faixas etárias o que é mais fácil transmitir estes valores e tradições”.²³

A Coroação iniciou-se com a performance da Filarmónica União Progresso de Guadalupe que, diante das portas da Escola Básica e Secundária da Graciosa, com os músicos posicionados em quatro filas paralelas (os dianteiros segurando as bandeiras e insígnias identificativas da Filarmónica), aguardava pela aproximação da Irmandade e dos restantes acompanhantes da procissão.

Nesse momento, a Filarmónica terminou a sua performance de apresentação afastando-se ligeiramente da entrada para ceder a passagem às pessoas que seguiam em direcção à rua e que se organizaram em três blocos. O bloco do meio era composta pela irmandade que transportava os símbolos respeitantes ao culto (a coroa, o ceptro e o orbe), e à frente das coroas estavam as crianças escolhidas para serem coroadas, as bandeiras que acompanham as coroas (transportadas na sua maioria, e neste caso por alguns alunos do ensino básico e secundário) e a comandar o bloco dos foliões, um pequeno grupo de três animadores acompanhados por tamboretes e címbalos cantando cantigas exaltando o Espírito Santo. Dispostos de cada lado da rua, a par do bloco principal, havia dois numerosos blocos de pessoas que acompanham a procissão onde participaram, neste caso concreto, professores, funcionários, alunos e convidados da Escola Básica e Secundária e das restantes escolas primárias.

A procissão decorreu em passo de marcha e foi marcada pelo acompanhamento da Filarmónica que interpretou um repertório musical específico comum a todas as outras Filarmónicas, (como a música “Hino do Espírito Santo”) como foi possível confirmar em outras coroações. (cf. Foto 22)

Na Igreja da Vila, onde os padres aguardavam pela procissão para concretizar a missa da Coroação, os intervenientes e acompanhantes da procissão começaram a entrar para o interior da Igreja abandonando a Filarmónica que permaneceu no exterior até a missa terminar. Um executante ou outro entrou para o interior da Igreja para assistir à missa mas na sua maioria permaneceram no exterior, ao redor da Igreja com os seus instrumentos e a conversar entre si.

²³ <http://tv2.rtp.pt/icmblogs/rtp/graciosa/?m=05&y=2011&d=20> entrevista a José Gregório por Luís Costa da RTP-A Graciosa.

A Filarmónica voltou a colocar-se em marcha assim que os acompanhantes abandonaram o interior da Igreja colocando-se nas posições iniciais para percorrer o caminho de volta, em direcção à Escola Básica e Secundária da Graciosa, onde decorreu o almoço tradicional que consiste na distribuição de sopa do Espírito Santo, com carne, legumes e pão por todos os convidados.

Coroação da Filarmónica Recreio dos Artistas

Seguiram-se a Maio de 2011 outras apresentações de mesma importância para as Filarmónicas, em particular para a Filarmónica Recreio dos Artistas, relativamente à qual se observou mais de perto a organização e realização da sua coroação no Domingo de 12 de Junho de 2011, o Domingo do Espírito Santo.

Desde 1992 que a direcção, os músicos, os familiares e os sócios da Filarmónica Recreio dos Artistas promovem a coroação na freguesia de Santa Cruz. Até então eram poucas as irmandades e particulares que organizavam a cerimónia propriamente dita: “Antigamente havia muitas coroações e depois deixou de haver, e como não havia aqui em Santa Cruz, resolvemos fazer isto, inicialmente para os executantes e suas famílias e mais tarde abriu-se aos sócios”.²⁴

As tarefas a desempenhar na organização da coroação são várias, como a distribuição de convites, a organização do almoço, e para elas disponibilizaram-se elementos da direcção, sócios e amigos.

Simultaneamente no período anterior aos festejos decorrem os ensaios com a presença de um maior número de músicos, abrangendo a quase totalidade dos que integram a Filarmónica, alguns dos quais estudantes deslocados que se disponibilizaram a colaborar com ela.

Para além dos ensaios destinados à preparação do repertório a ser interpretado no acompanhamento da procissão, os músicos reuniram-se nos últimos ensaios para ensaiar o programa da Missa de Domingo da Coroação, definido pela maestrina da Filarmónica, e que consistia numa sequência de intervenções dos músicos da banda cantado e acompanhando com música instrumental no decorrer da missa.

À semelhança das corações realizadas na Ilha, a coroação da Filarmónica Recreio dos Artistas, foi iniciada com o tradicional “rezar do terço” realizado no salão de bailes da

²⁴ <http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/graciosa/?m=06&y=2011&d=12> por Luís Costa da RTP-A Graciosa

sede da Filarmónica às 22 horas durante todos os dias da semana que antecede o Domingo de Coroação.

No Domingo de Coroação, pelas 9 horas da manhã, todos os músicos aguardavam com os seus instrumentos diante da porta da entrada da sede da Filarmónica Recreios dos Artistas, que se encontrava rodeada por uma meia-lua de flores suportada por dois pilares de cada lado da porta.

Dado que a ocasião é comemorada numa época em que se apresenta um clima ameno, os músicos apresentaram-se vestidos de uma farda mais leve que basicamente é a mesma que se utiliza em outras ocasiões exceptuando o casaco. Assim estavam vestidos com camisa branca de manga curta, e nos ombros da camisa estavam as divisas identificando a Filarmónica Recreios dos Artistas da Ilha Graciosa e o ano de fundação, a calça preta, a gravata verde e os sapatos pretos.

Por volta das 10h da manhã já se reuniam à volta da área circundante da sede as pessoas convidadas a acompanhar a procissão. Assim que terminaram de afinar os instrumentos, os cerca de quarenta músicos presentes distribuíram-se em quatro blocos e deram início à marcha partindo da sede da Filarmónica até à Igreja Matriz da Vila de Santa Cruz. (cf. Foto 15)

Diante da procissão seguiam as pessoas em direcção à Igreja, atrás delas dois elementos da Banda transportando as bandeiras do Divino Espírito Santo e as pessoas transportando as coroas acompanhadas das crianças destinadas à coroação, e por último a Filarmónica Recreio dos Artistas liderada pelos três elementos representativos da sua Direcção (Presidente, Vice-presidente e Secretário) e pela Maestrina.

A par da porta da Igreja Matriz, o Pároco acompanhado dos seus acólitos, já aguardava pela chegada de todos os participantes da Coroação. Pela primeira vez, a Filarmónica teve um destaque diferente nesta ocasião: seguindo-se aos outros participantes da coroação, entrou na igreja percorrendo o corredor até ao altar interpretando o “Hino do Divino Espírito Santo”.

Terminada a performance diante do altar, os músicos, seguindo as orientações da maestrina, seguiram para o espaço ao lado direito do altar para darem início à sequência de intervenções constante no programa da missa da Coroação.

Reunida a audiência, o Padre acompanhado dos seus acólitos saudou todos os presentes com a vénia e o sinal da cruz iniciando a cerimónia propriamente dita. Seguiu-se o

cântico do “Perdão Senhor, Perdão!” cantado pelos músicos da Banda, dois deles acompanhando com os seus instrumentos, o saxofone. Seguiu-se a 1ª leitura do antigo testamento pelo trompetista Tiago Correia, enquanto alguns músicos do naipe de clarinetes se preparam para acompanhar a leitura do salmo, entoado por Susana Arruda, e pelos restantes músicos que a acompanham cantando.

Posteriormente ao salmo seguiu-se a 2ª leitura do Novo Testamento tendo duas executantes da Filarmónica sido escolhidas para o efeito. Seguiu-se a oração dos fiéis e o ofertório, que nesta ocasião em especial foi marcado pela oferta de alguns símbolos identitários da Banda, como uma moldura contendo uma fotografia da Banda do ano 2006, correspondente ao primeiro ano em que Vânia Bettencourt assumiu o cargo de Maestrina, e outros símbolos relacionados com a música, como uma flauta transversal e um volume intitulado “O Livro da Música” transportados por alguns músicos da Banda desde o início do corredor da Igreja até ao altar.

O tema “Hossana” interpretado, musicalmente, desta vez, pelo naipe de trompetes e cantado pelos restantes músicos precedeu a oração do “Pai Nosso”, que ao contrário do que acontece na maioria das missas, nesta ocasião em especial foi cantada e coreografada por todos os presentes. Introduzindo a comunhão intervieram o naipe de trompas de harmonia interpretando o tema “Traz a Paz, Escolhe o Amor” terminando a sua performance assim que começou a oferta das hóstias pelos fiéis presentes.

Por último, seguiu-se ao rito da coroação, o momento central de todo o culto do Divino Espírito Santo, centrado em torno da imposição da Coroa às pessoas para o efeito escolhidas, na sua maioria crianças.

Enquanto o Padre iniciava o rito da coroação às pessoas escolhidas que se encontravam distribuídas numa fila horizontal no altar, a Filarmónica intervinha musicalmente interpretando o repertório enquadrado no contexto da Coroação do Divino Espírito Santo.

No final da cerimónia, as bandeiras já erguidas no exterior da Igreja, aguardavam pela saída de todos os participantes para seguirem agora, num percurso diferente, para a sede da Filarmónica onde decorreu o tradicional almoço do Divino Espírito Santo para cerca de quatrocentas pessoas, incluindo toda a “gente da ilha toda e (...) também o coro de Espinho que se encontra aqui de passagem e que (...) foi solicitado para fazer parte deste cortejo” como afirmou José Bettencourt em entrevista para a RTP-Açores.

À medida que a procissão se aproximava da sede da Filarmónica, as pessoas que a acompanhavam distribuíam-se pelos dois lados da rua. No meio dos dois blocos passaram as crianças coroadas acompanhadas dos seus acompanhantes em direcção à entrada da sede da Filarmónica, onde pararam diante dela. A Filarmónica que na procissão seguia por último colocou-se diante das crianças coroadas fechando a procissão da coroação com uma última música constante do seu repertório.

Enquanto as bandeiras eram recolhidas pelas janelas do 1º andar da sede, os participantes entravam pela porta principal do edifício subindo em direcção à sala de festas para se desembaraçarem dos adereços do culto e instrumentos musicais que transportaram durante a procissão seguindo para o local destinado à realização do almoço, que teve lugar no Pátio exterior, localizado no rés-chão do edifício. Os convidados começaram a distribuir-se pelas seis mesas de grande comprimento dispostas horizontalmente pelo espaço. Uma das mesas estava destinada aos músicos da Banda. (cf. Foto 17)

Na mesa mais próxima os lugares eram ocupados pelos músicos do Orfeão de Espinho, um grupo de canto coral pertencente à região Norte e sub-região do Grande Porto e Distrito de Aveiro, que tinha anteriormente participado no Festival de Coros da Ilha Graciosa, uma iniciativa do Coro da Matriz de Santa Cruz da Graciosa, da qual faz parte a vice-presidente da Direcção da Filarmónica Recreio dos Artistas. As restantes mesas eram ocupadas pelos outros convidados, amigos, sócios, e familiares dos músicos da Banda. (cf. Foto 18)

Posteriormente à distribuição das sopas do Espírito Santo, a banda voltou a manifestar-se musicalmente. Assim que a maestrina ordenou, os músicos abandonaram os seus lugares e distribuíram-se pelo edifício para recolherem novamente os seus instrumentos que se encontravam na sala de ensaios e no salão de festas.

Diante das mesas com todos os presentes, começaram então a sua performance interpretando novamente obras destinadas à ocasião como o “Hino do Divino Espírito Santo” e o próprio hino da Filarmónica Recreio dos Artistas. (cf. Foto 20)

A Banda foi percorrendo todo o espaço do pátio, começando numa extremidade do espaço, passando pela mesa reservada aos músicos, avançando por último para a extremidade oposta onde terminaram o seu espectáculo, presenteados com palmas de todos os presentes.

Seguidamente ao momento musical, os músicos voltaram a recolher os seus instrumentos regressando novamente aos seus lugares na mesa onde o almoço prosseguia, agora com o prato de carne e legumes finalizando com a tradicional massa sovada (uma espécie de pão doce) acompanhado pelo arroz doce.

Enquanto o almoço prosseguia, outros grupos musicais começaram a intervir no palco localizado junto às mesas. Um primeiro momento musical teve a participação de apenas dois músicos da Banda, um vocalista (que na Banda, normalmente acompanha nos repertórios em que é necessária a intervenção de uma voz) e outro na bateria interpretando músicas de carácter popular.

Seguiu-se a intervenção de uma representante do Orfeão de Espinho, agradecendo o convite da Direcção da Filarmónica Recreio dos Artistas e referindo tanto a participação no Festival de Coros na ilha como a participação na Coroação da Filarmónica.

Finalizando os vários momentos musicais, interveio o recente grupo formado no seio da Banda Filarmónica, “Os África”, composto por quatro músicos da Banda, dois dos quais saxofone e bateria, e os outros dois, o instrumentista de bombardino na voz, e o instrumentista de percussão no baixo, animando e promovendo o convívio entre os presentes.

Visibilidade das Filarmónicas nas festividades locais

À semelhança do que aconteceu na coroação da escola e em outras coroações, as Filarmónicas, responsáveis por acompanhar o Espírito Santo, são requisitadas pelo núcleo organizacional do Divino Espírito Santo – as irmandades – que são compostas basicamente por um conjunto de pessoas inscritas e consensualmente aceites, constituindo-se como verdadeiras associações de vizinhos, agrupando famílias residentes numa mesma localidade.

Por norma, as Filarmónicas acompanham o Espírito Santo em procissão respeitando sempre um determinado percurso que consiste em partir da casa das pessoas ou entidades que organizam a coroação, acompanhando os intervenientes à Igreja, regressando novamente à mesma casa de onde partiram. Aí a Filarmónica e as pessoas que acompanharam o Espírito Santo, são convidadas a entrar em casa para serem presenteadas com a oferta alimentar, um dos momentos mais característico do culto

A propósito da participação das Filarmónicas nas Festas do Divino Espírito Santo, Luís Aguiar, actualmente maestro da Sociedade Filarmónica União Praiense, revela algumas mudanças na realização da prestação do serviço nas ocasiões de coroação adoptadas pela sua Filarmónica: “Há poucos anos optou-se por não fazer (...) todo o tipo de serviço, optou-se só por tocar à saída da igreja, portanto, à saída da igreja até à casa da pessoa, acompanhar à casa da pessoa. (...) Depois à tarde quando havia a mudança de coroa, a Filarmónica tinha que fazer também esse serviço, levar e mudar a coroa de uma casa para outra casa (...) mas deixou-se de fazer a mudança de coroa e também deixou-se de buscar antes da missa (...) porque era muito cansativo, e as pessoas ocupavam muitas horas do dia a fazer este tipo de serviço. E quem (...) paga o serviço é a irmandade do Espírito Santo”.

Estas mudanças foram observadas na coroação da Santa Casa da Misericórdia da freguesia de São Mateus da Praia, realizada no dia 15 de Maio de 2011 para a qual a Sociedade Filarmónica União Praiense foi requisitada para acompanhar a procissão.

Nessa Coroação ressaltou à vista a não utilização da farda. Todos os músicos apenas se faziam acompanhar de um vestuário casual, e eram somente identificadas pelas estantes, com o nome da Filarmónica inscrito, onde transportam as partituras que os músicos utilizam para interpretar o repertório.

Segundo o maestro Luís Aguiar é uma prática que a Filarmónica tem vindo a adoptar em determinadas ocasiões: “Lembro-me na altura do anterior maestro, António de Melo, (...) tivemos alguns concertos que tivemos de optar por outro tipo de vestuário, que não era a nossa farda principal. Por exemplo, já fizemos concertos em que usamos (...) uma farda que era casacos brancos, calças pretas, uma farda mais de gala”.

Perante esses diferentes usos da farda da Filarmónica, Luís Aguiar afirma que “a audiência não estava à espera daquela (...) maneira de vestir, mas gostaram muito! São coisas diferentes (...) em vez de usar aquela farda rigorosa, todos iguais, (...) cada um usou (...) o seu próprio vestuário, portanto foi uma evolução que se tentou adaptar, para fazer uma coisa diferente e não usar a farda principal”.

A farda da Sociedade Filarmónica União Praiense tal como é actualmente, é constituída por calças, casaco azuis, camisa branca, gravata e divisas pretas, à excepção das mulheres que utilizam a saia em vez das calças. Luís Aguiar afirma que a farda “vai-se mantendo um pouco como foi formada (...) Só que há alguns anos, a (...) Banda optou

por não usar o boné”. Os músicos “não gostavam de usar e foi-se perdendo um pouco o hábito de usar (...) mas penso que a nível de resto de farda, vai-se mantendo (...) tirando estes pequenos concertos que se têm feito com outro tipo de vestuário, penso que vamos mantendo o mesmo tipo de farda”.

Participação nas festividades

Entre muitas tarefas a realizar na organização das Festas com o apoio da câmara municipal, uma delas é o convite realizado à Filarmónica da freguesia onde se concretiza a festa. Isalino Melo Cunha, um dos responsáveis da Comissão de festas da freguesia de Santa Cruz afirma: “As festas são assim, a gente traz sempre as nossas filarmónicas. Temos sempre o cuidado de convidar a nossa primeiro”.

Na festa da Dores, localidade situada na freguesia de Santa Cruz, nos últimos anos têm sido requisitada mais uma Filarmónica de outra freguesia, no caso a Filarmónica União Progresso de Guadalupe (freguesia de Guadalupe), com o objectivo de ampliar ainda mais a procissão que é realizada antes da performance em palco: “a procissão quanto maior, melhor”, refere novamente Isalino Melo Cunha. (cf Foto 35)

Esta festa em particular, começou com a intervenção musical da Filarmónica União Progresso de Guadalupe realizada diante do Império da localidade. À porta deste estavam os sacerdotes rodeados dos símbolos do culto e quatro elementos da corporação dos Bombeiros Voluntários da Ilha segurando a imagem da Nossa Senhora das Dores, seguindo-se logo a Filarmónica Recreio dos Artistas.

Depois as Filarmónicas começaram a organizar-se em marcha para percorrer um pequeno percurso abrangendo a área circundante da localidade acompanhadas pela população local.

De regresso ao ponto de partida, as duas Bandas colocaram-se novamente diante do Império, interpretando o repertório específico das Festas do Divino Espírito Santo. Em redor das Bandas e do Império, estavam as pessoas, algumas de pé, outras apoiadas em estruturas escutando as Bandas com alguma solenidade. (cf. Foto 36)

Seguiu-se a estas duas apresentações a performance individual das duas Bandas, principiada desta vez pela Filarmónica Recreio dos Artistas e seguidamente pela Banda da Freguesia de Guadalupe, concretiza num outro palco de céu aberto disponibilizado

pela comissão de festas. Neste momento musical, que não envolve motivos religiosos, as Bandas adoptam um outro tipo de repertório mais popular que tem como finalidade animar a festa.

Relativamente ao comportamento das pessoas perante a performance das Bandas e noutras ocasiões, Isalino Melo da Cunha defende: “A nossa terra não tem esse hábito de bater palmas mesmo que venha um artista de fora, do continente. É uso, não sei lá porquê. Não é que não sejam bem recebidos cá. Eu acho que, se o artista levasse palmas, na minha opinião, talvez fizesse melhor. Mas, o pessoal não foi habituado a isso e acho que vai ser difícil”.

Perante este comportamento do público Luís Aguiar, maestro da Sociedade Filarmónica União Praiense afirma ser importante e da responsabilidade de cada Banda reunir esforços para cativar mais a população da Ilha: “as Bandas também têm que ter a responsabilidade de chamar a atenção ao público e fazer coisas diferentes e tentar chamar atenção às pessoas, prender as pessoas a ouvir”.

Igualmente André Simas, trompista da Filarmónica Recreio dos Artistas, partilha da opinião que “as Filarmónicas têm que se modificar um bocado para conseguirem (...) dar outro impacto, nas suas tocatas, nos seus concertos”.

As reacções do público

Relativamente à participação das Filarmónicas nas Festas da Ilha, que tem o seu auge no Verão, a reacção do público/audiência é diversa.

André Simas, trompista e professor de instrumento de metais da Filarmónica Recreio dos Artistas, com uma participação anterior na Filarmónica Calhetense da Ilha do Pico, de onde é natural, questiona-se sobre a reacção da população graciosense: “Isso é daquelas coisas que eu (...) estranho muito aqui nesta Ilha. Fazemos um concerto e no final não ouvirmos palmas nem nada assim do género. Pode-te acontecer isso, ouvires umas palmas ou isso, numa grande Festa, a Festa de Santo Cristo.

E isso, eu estranho muito. (...) Da Ilha de onde venho, acabas de tocar e (...) ouves as pessoas a baterem palmas. (...) É um espectáculo! Aqui (...) não tenho tanto gozo em fazer concertos como tinha há uns anos atrás a fazer no Pico (...) A gente vai fazer uma tocata, e (...) quase passamos despercebidos muitas vezes”.

Em relação a essa aparente desatenção assumida por parte do público graciosense nos espectáculos em que as Filarmónicas participam, José Gabriel defende: “ Eu não vou dizer que as pessoas não apreciam os concertos porque seria mentira. As pessoas apreciam os concertos! Agora, a Banda faz parte do quotidiano local, e como tal não é uma surpresa, nenhuma novidade, embora a gente quando está no sítio e ouve-se a tocar, consegue-se ouvir, consegue-se perceber o que está a tocar, (...) temos essa noção! E gostamos de ouvir tocar mas por vezes não manifestamos o que nos vai na alma, relativamente aquilo que a Banda está a fazer. Estou a dizer que por exemplo os aplausos não são espontâneos, nem são exagerados, muitas vezes até a Banda passa despercebida, dá impressão que está para ali a tocar e que ninguém lhe liga meia. A boa verdade, é que não é assim: as pessoas ligam mas ligam de uma maneira muito diferente. Ligam como sendo uma coisa sua, uma coisa do meio onde elas vivem, faz parte do seu dia-a-dia. É a sua Banda. (...) Portanto, (...) é qualquer coisa que é nossa, de que a gente gosta, de que a gente gosta de ouvir, e a quem damos atenção e carinho mas não aquele carinho por exemplo que é manifesto dentro de uma sala de concerto em que as pessoas ouvem tocar a Banda ou a orquestra e explodem em palmas e em grandes aplausos. Não! A Banda aqui não é muito aplaudida. Se calhar está mal, até talvez está mal, porque é uma grande compensação para os músicos, eu próprio como músico sinto, que quando as pessoas que me aplaudam, me dizem directamente que estão a gostar daquilo que estão a ver ou que estão ouvir, e dá-nos estímulo e dá-nos vontade de fazer mais coisas e se calhar ainda melhor. Se calhar esse estímulo falta às Bandas, mas isto faz parte de uma cultura local que não sei explicar o porque deste tipo de postura”.

José Bettencourt, presidente da Direcção da Filarmónica Recreio dos Artistas é da opinião que o local onde, em particular, a sua Filarmónica, realiza os seus espectáculos influencia a reacção da audiência: “Se for um conjunto que venha de fora eles também (...) não aplaudem mas se for qualquer coisa de fora, vai tudo para ver se é bom. Muitas vezes não é, mas eles vão para ver se é bom e aí é que aplaudem. Se vier uma Banda de fora boa, agora se for uma aqui das ilhas, que eles sabem que não é grande coisa, também não vão assim. Mas se for uma banda da Força Aérea ou uma coisa assim mais especial junta-se muita gente a ver. Mas essas Bandas só vão ao centro cultural, não querem tocar neste palco como a gente tocou ontem ali (no palco improvisado ao ar livre) aquilo nem tem condições de tocar, é uma coisa ali ao ar livre. Mas é essas mesmas pessoas, se a gente tocar no Centro Cultural, quando acaba a música já

aplaudem! (...) O que sei dizer é que se é num recinto fechado há palmas, se é num recinto aberto não há palmas. Portanto num recinto aberto nunca tem o mesmo impacto!”.

No presente ano de 2011, a Filarmónica Recreio dos Artistas para além das habituais participações nas festas e arraiais da sua Ilha, teve ainda uma participação extra na Ilha do Faial, a convite da organização do IV Festival de Bandas Filarmónicas “Artista Faialense” com a participação de outras Bandas convidadas, nomeadamente a Sociedade Filarmónica Nova Artista Flamenguense e a Filarmónica Liberdade do Cais do Pico. (cf. Foto 39)

O Festival de Bandas no Faial realizou-se nos dias 8 e 9 de Julho, com concerto no primeiro dia com as Bandas convidadas e no dia seguinte o desfile com todas as Bandas pelo centro da cidade da Horta, no Faial.

No dia do concerto, estavam montados dois palcos diante da sede da Sociedade Filarmónica Artista Fayalense, entidade organizadora do Festival que acolheu no seu edifício, durante os três dias, os seus músicos convidados.

No final de cada apresentação, as Bandas Filarmónicas foram sempre recebidas com muito entusiasmo da audiência. A propósito da reacção do público presente, José Bettencourt, Presidente da Direcção da Filarmónica Recreio dos Artistas, que estava presente a assistir, salienta: “A nossa Banda foi a mais aplaudida. (...) Sei que gostaram muito da nossa Banda, também era de fora mas também a do Pico também era de fora (...) Mas a nossa viu-se que foi muito aplaudida. E depois quando acabaram a Vânia foi bombardeada por várias pessoas a dar os parabéns e a dizer que gostaram muito. E a mim também! E todos os concorrentes de lá que gostaram também”.

Igualmente no desfile das Bandas, foi de notar algum interesse da parte do público que acompanhava ou parava para contemplar a marcha das quatro Bandas pelas ruas da cidade da Horta: pessoas que se debruçavam das janelas das suas casas, pessoas que passeavam pelas ruas que paravam por uns instantes, e outros que registavam o desfile em registo fotográfico e fílmico.

A reacção da população graciosense perante os espectáculos das suas Bandas em qualquer exibição em praça pública em nada se assemelha ao que se assistiu em parte no Festival de Bandas do Faial. É de salientar o facto desse evento ter sido realizado num meio totalmente distinto ao da Ilha Graciosa, uma ilha consideravelmente maior com

uma grande procura turística, e por isso com diferentes e curiosos olhares sobre a espectacularidade oferecidas por essas Bandas.

Tiago Correia, trompetista da Filarmónica Recreio dos Artistas defende a razão pela qual a população graciosense não se mostrar tão receptiva: “Talvez pela questão de sermos uma ilha pequena, sermos poucas pessoas e muitas Filarmónicas as pessoas ficam fartas, e não reagem. (...) Por exemplo (...) na praça, costuma-se fazer concertos neste espaço todo (...) mas é como se tivesses a ouvir só duas ou três pessoas a bater palmas (...) Mas hoje em dia, eu costumo dizer, uma festa dessas, um arraial desses sem uma Filarmónica não é arraial e as pessoas aí notam a diferença. Até fica mal para as comissões de Festa não convidarem as Filarmónicas. Se houvesse uma comissão de festas que tinha a infeliz ideia de não o fazer, as pessoas caíam todas em cima dele. Isso então é verdade!”.

À semelhança do que defende José Gabriel Martins, Tiago Correia acredita que os cidadãos graciosenses apreciam os concertos das Banda Filarmónicas de uma forma «mui suis generis»: “(...) As pessoas gostam! Gostam no sentido de (...) não faz sentido não ter! Como é uma tradição, como existe já uma Filarmónica com mais de 100 anos, a Filarmónica de Santa Cruz vai fazer 100 anos portanto estamos a falar de Filarmónicas que já tem mais de um século de vida as pessoas já sentem, se não ouvirem a Filarmónica. Sentem uma diferença enorme mas quando elas estão lá também estão lá sentadas a olhar, a ver e (...) três ou quatro batem palmas (...)”.

4. SOCIABILIDADES E RIVALIDADES

Por motivos de ordem diversa, apresentadas anteriormente, entreviu-se como pertinente uma observação mais dedicada sobre uma Filarmónica em particular, a Filarmónica Recreio dos Artistas. É – como o próprio tema da dissertação indica – o foco desta pesquisa. Não obstante as outras características, a que mais ressalta é sem dúvida o número de jovens músicos que constituem a Filarmónica Recreio dos Artistas, o que a distingue, por sua vez, das restantes filarmónicas, suas contemporâneas. É assim oportuno relembrar o número significativo de Filarmónicas em actividade numa ilha que, segundo os censos de 2011, tinha então 4.393 habitantes: quatro filarmónicas, uma em cada freguesia, que estão desde a sua data de fundação em actividade. São as seguintes filarmónicas, da mais antiga para a mais recente Sociedade Filarmónica União Praiense (fundada em 1889), Filarmónica Recreio dos Artistas (fundada em 1913), Filarmónica União Popular Luzense (fundada em 1938), e Filarmónica União do Progresso Guadalupense (fundada em 1963).

A Sociedade Filarmónica União Praiense, sediada na freguesia de São Mateus da Praia – segundo Norberto Pacheco – tem a sua data de fundação a 12 de Maio de 1889, e é a Filarmónica mais antiga da Ilha Graciosa. Tem como seus fundadores Manuel Simas Cunha, José João Simas Cunha, Jerónimo de Castro Canto e Melo, António da Cunha Vasconcelos, Manuel Correia Sarmiento Júnior, Francisco Lourenço Espínola, Manuel da Cunha Felix, José de Quadros Bettencourt, Francisco de Sousa Pacheco, Manuel da Cunha Santos, Manuel Jerónimo da Silva, Manuel Rodrigues, Francisco Alberto da Costa, Manuel de Sousa da Silva, José de Castro e Melo e Francisco Vicente Ramos.

Posteriormente à sua fundação foram criadas na freguesia de São Mateus da Praia outras duas filarmónicas: a Filarmónica “Rival” (1903) e a Filarmónica “União Popular” (1913). Defende Norberto Pacheco que o surgimento destas duas Filarmónicas “contribuiu para uma rivalidade que em certo sentido, ajudou a manter vivo o gosto pela música e a vontade de desenvolver esses agrupamentos.” (Pacheco, 1997: 85)

A Sociedade Filarmónica União Praiense tem sede própria desde 12 de Maio de 1994. Trata-se de um edifício situado na rua marginal da freguesia, voltado para o mar, ladeado pelas dependências da Escola Primária, com 1º ciclo, onde se situam também, desde 1988 as instalações da Academia Musical da Ilha Graciosa, que serviu há muito anos atrás, durante 1946 a 1994, de sede para a Sociedade Filarmónica União Praiense

Segue-se a Filarmónica Recreio dos Artistas, a segunda Filarmónica mais antiga em termos de actividade, fundada a 1 de Janeiro de 1913, sediada na freguesia de Santa Cruz da Graciosa, a que foi dedicada toda a atenção no segundo capítulo da presente pesquisa.

Sediada na freguesia da Luz, a Filarmónica União Popular Luzense, foi fundada a 27 de Março de 1938. Tem como seus sócios fundadores José Martins Simões (1º Presidente), José de Sousa Bettencourt, Domingos de Sousa Conde, Ermelindo de Mendonça, Francisco Pacheco de Melo, António Simas da Silva, João António da Silva, Francisco de Sousa Mendonça, Napoleão de Castro Ávila, Manuel Maria da Silva, Manuel Pereira Gregório, José da Cunha Sobrinho, José de Sousa da Silva, Manuel José da Cunha, João José Medina, Francisco de Sousa Miranda e João Teixeira.

Precederam esta Filarmónica – segundo Norberto Pacheco – as Filarmónicas “Luzense” (1903-1913) e a Filarmónica “União Popular” (1913-1937) que, depois de extintas, permitiram o surgimento da actual Filarmónica União Popular Luzense, para a qual contribuíram com os instrumentos que dispunham.

Tem sede própria desde 1947, que é considerada pela população local “um dos melhores salões da Ilha, com várias salas em anexo para convívio, jogos, e apoio musical” (Pacheco, 1997).

Finalmente, a mais recente Filarmónica fundada é a Filarmónica União Progresso de Guadalupe, sediada na freguesia de Guadalupe e inaugurada a 29 de Outubro de 1963. O surgimento desta Filarmónica – segundo Norberto Pacheco – deve-se em parte ao clube central e recreativo da freguesia, fundado a 2 de Junho de 1955 e teve como primeiros membros da direcção Gabriel Cunha Pacheco de Melo, Albino Correia Picanço, Elisário Correia de Melo e Silva, António Correia Quadros e Reginaldo Correia de Melo e Silva.

É, das quatro Filarmónicas da Ilha, a única a que não dispõe de sede própria. Desde a sua fundação, a Filarmónica começou por ensaiar nas instalações do clube central e recreativo da freguesia, conseguindo apenas em 1993 usufruir das instalações da Casa do Povo da freguesia, onde permanece actualmente, reunindo assim as condições mais favoráveis para a continuidade do seu trabalho (Pacheco, 1997).

Norberto Pacheco (1997) realça uma pequena passagem da acta que resultou da primeira reunião celebrada entre os sócios fundadores da Filarmónica, segundo a qual:

“...a existência de uma Filarmónica, nesta freguesia de Guadalupe, considerada a mais rica (...) era uma necessidade que há muito se fazia sentir e por isso se impunha aos guadalupenses, amantes do progresso e do prestígio da sua terra, que metessem ombros a tão simpático empreendimento (...) a população num gesto verdadeiramente edificante corria com o seu apoio financeiro e moral. (...) Assim após um trabalho persistente, em que houve de vencer-se, como é natural, inúmeras dificuldades, é com a mais viva satisfação que a direcção constata encontrar-se devidamente constituído o primeiro agrupamento musical desta freguesia” (Pacheco, 1997: 104).

É evidenciado nessa passagem a procura de uma representação e afirmação identitária, em particular, por parte dos sócios da Sociedade Filarmónica, que torna-se mais evidente posteriormente num contexto de exibição e de performance, referido no capítulo anterior, a propósito da visibilidade e do lugar das Filarmónicas nas festividades locais.

Modos de sociabilidade

Todas estas Filarmónicas – à semelhança do que foi apresentado no segundo capítulo sobre vida social da Filarmónica Recreio dos Artistas – fornecem ocasiões importantes de sociabilidade entre os seus membros.

Veja-se novamente um dos mais importantes eventos organizados pela Filarmónica Recreio dos Artistas – a sua coroação – realizada no quadro das Festas do Divino Espírito Santo. Na sua organização – desde as tarefas de preparação da refeição da coroação, como a distribuição da própria refeição, a arrumação e manutenção do espaço do convívio – é de destacar a intensidade e proximidade social das pessoas que se encontravam envolvidas. Tal como foi apresentado no segundo capítulo, a Filarmónica Recreio dos Artistas é construída numa base familiar. Para além de ser composta institucionalmente por um agregado familiar em que cada membro desempenha diferentes cargos hierárquicos, nela encontra-se também um grupo de indivíduos unidos entre si por diferentes relações de parentesco, na sua maioria relações de parentesco de primeiro grau: num total de vinte e nove inquéritos preenchidos, 86% (o equivalente a vinte cinco respostas aos inquéritos) correspondem a Primos, Tios e Pais e os restantes 14% (o equivalente a quatro respostas aos inquéritos) correspondem a irmãos.

Em ocasiões como esta – entre outras apresentadas no segundo capítulo – a presença e contributo de parentes mais chegados dos músicos tem um peso significativo.

No estudo que dedicou na freguesia de Santa Barbara – Ilha de Santa Maria, nos Açores – no quadro das Festas do Espírito Santo, João Leal pôs em evidência um contexto semelhante: diz respeito à circulação cerimonial do alimento que ocupa um lugar de relevo na sequência cerimonial do *Império*. *Império* é a designação genérica pela qual são conhecidas as Festas do Espírito Santo na freguesia de Santa Bárbara. Apesar da diversidade que as Festas de Espírito Santo assumem nas diferentes freguesias da ilha do arquipélago, na sua base encontram-se promessas individuais – sendo as mais predominantes a de saúde e riqueza – que são depois cumpridas num local de culto preciso, envolvendo a cooperação de um conjunto de diferentes intervenientes: o imperador, a imperatriz, e um grupo de vinte a trinta ajudantes.

Basicamente, o *Império* é composto por um conjunto de ritos e festejos de características religiosas que atingem uma dimensão expressiva na cerimónia. O destaque vai para a coroação – que consiste na imposição solene da coroa ao imperador realizada pelo Padre no termo da missa – mas também para um conjunto de refeições, dádivas e distribuições alimentares que ocupam um lugar de relevo no *Império*. É sobretudo na circulação cerimonial do alimento que o grupo de vinte a trinta ajudantes assumem um papel importante. Nele são predominantes duas esferas sociais – o *parentesco* e a *vizinhança de perto* – ambos importantes na constituição do grupo de ajudantes. Segundo o autor: “Os critérios que presidem à formação do grupo de ajudantes têm como característica central, a importância que concedem às esferas de parentesco e da vizinhança de perto de cada um dos imperadores” (Leal, 1994: 89).

No quadro dos modos de sociabilidade prevaletentes, a circulação cerimonial do alimento funciona como um regulador das relações sociais. A escolha de *parentes* e da *vizinhança de perto* – como é constatado acima – não é realizada de forma aleatória. Segundo o autor: “Tirando partido desta concentração extraordinária de parentes, a realização de um *Império* é também frequentemente aproveitada para a celebração de outros ritos familiares” (Leal, 1994: 98). Dessa forma, a realização do *Império* é vista como uma oportunidade de reunir um conjunto de intervenientes que se relacionam entre si, unidos por laços de proximidade e intensidade, permitindo por seu turno a reafirmação e a reiteração desses laços. “Operando sobretudo como um instrumento de asserção das relações sociais no âmbito das esferas do parentesco e da vizinhança de

perto de cada imperador, a irmandade fornece também um contexto favorável à reafirmação dos laços sociais entre outras unidades domésticas. Assim, a confeção dos pães de mesa e as roscas envolve, em muitos casos, o estabelecimento de laços de cooperação entre vizinhos de perto e parentes, seja por intermédio de trocas de mão, seja por intermédio da preparação conjunta da massa sovada” (Leal, 1994: 103).

Nesse sentido, os convívios das Filarmónicas podem ser analisados à luz dos pressupostos desenvolvidos por João Leal (1994). Os convívios da Filarmónica ao reunirem parentes próximos dos músicos – que se disponibilizam para a organização desses encontros – operam da mesma forma, no sentido de reafirmação de laços sociais entre próximos.

O modo como as Filarmónicas esboçam momentos importantes de proximidade e de intensidade social pode ser também analisados à luz de alguns pressupostos desenvolvidos por Kimberly Holton em «Performing Folklore. Ranchos Folclóricos from Lisbon to Newark.». Trata-se de um estudo que parte de um interesse pessoal da autora por Ranchos Folclóricos, em particular pelo Rancho Folclórico de Alenquer (Distrito de Lisboa), e que procura descobrir e interpretar como as macro mudanças têm marcado as práticas performativas dos Ranchos Folclóricos desde 1926 (período em que Portugal estava sob a ditadura do Estado Novo) até a actualidade, e como os intervenientes desses grupos associativos, por outro lado, têm reagido à mudança.

Nesse estudo Kimberly Holton (2005) faz referência aos modos de sociabilidade existentes entre os membros do rancho. Segundo Holton: “Os Ranchos Folclóricos forjam relações uns com os outros seguindo um modelo de parentesco familiar²⁵ (...). Para além de ligações com ranchos históricos, o Rancho Folclórico de Alenquer (RFA) mantém laços familiares com extensos grupos. De acordo com José Hermínio Carvalho, Presidente da RFA e principal acordeonista, a grande maioria dos ranchos folclóricos portugueses tem padrinhos e muitos afilhados” (Holton, 2005:99).²⁶ Assim a existência de *padrinhos* e *afilhados* nesse grupo são importantes no sentido em que contribuem para a intensificação de laços sociais: “O *padrinho* do rancho auxilia o afilhado contribuindo para o repertório e oferecendo ao novo membro, várias das suas

²⁵ “*Rancho Folclóricos* forge relationships with one another following a model of familial kinship.” (Holton, 2005: 98)

²⁶ “In addition to links with historical *ranchos*, RFA also maintains family ties to extant groups. According to José Hermínio Carvalho, RFA’s president and head accordionist, the vast majority of ranchos in Portugal have *padrinhos* (godparents) and several *afilhados* (godchildren)” (Holon, 2005: 99)

aprendizagens. O *padrinho* também participa e supervisiona os primeiros e variados ensaios ensinando as coreografias e música típica da região. O padrinho do rancho, com efeito, abençoa o afilhado através de ofertas de dons sagrados de repertório e conhecimento” (Holton, 2005, 99).²⁷

No seu estudo a ideia de *renegociação de identidades* e de *produção da localidade* está igualmente presente. Nele é destacada a importância dos laços entre os membros do Rancho Folclórico e o papel da sua performance colectiva para a produção do sentido de localidade. Segundo Kimberly Holton “os ranchos folclóricos desempenham um importante papel não só na construção de novos tipos de comunidades localizadas, mas também na negociação de mudanças sociais que transformaram as famílias portuguesas pós o vinte e cinco de Abril” (Holton, 2005:90).²⁸

No seu estudo Kimberly Holton também faz referência às *sedes* como locais importantes da representação identitária desses grupos, locais privilegiados de encontro, diversão e camaradagem que os membros desses grupos partilham entre si. São portanto locais que assumem uma significativa importância no desenvolvimento de mecanismos de sociabilidades entre os seus membros.

No segundo capítulo, em particular a sede da Filarmónica Recreio dos Artistas, foi realçada como sendo um local por excelência onde toda a actividade da Filarmónica acontece. Desde os ensaios da banda à comemoração de ocasiões especiais, na sede celebra-se a intensificação de laços entre os intervenientes sociais da Filarmónica e até mesmo tensões entre eles, da qual Tiago Correia, a título de exemplo, foi testemunho.

No contexto do seu estudo, Kimberly Holton afirma: “quando a *convivência* não consegue ser alcançada, o complexo da família do rancho folclórico altera-se, convidando os performers a procurar novos projectos de construção de localidade, encenando locais diferentes. A única constante neste enredo de variáveis é que a

²⁷ The Padrinho rancho assists the afilhado by contributing to its budding repertorie and by offering the new rancho several of its signature modas The *padrinho* also attends and supervises the first several rehearsals, teaching members of the *afilhado* choreography and music typical of its region. The *padrinho* rancho, in effect, bless the *afilhado* through offering the sacred gifts of repertorie and expertise.

²⁸ My research indicates that *ranchos folclóricos* play an important role not only in building new kinds of localized communities, but also in negotiating the social changes which have transformed Portuguese families post – 25 de Abril”.

performance do folclore produz comunidade e os intervenientes actuam como construtores da localidade” (Holton, 2005: 112).²⁹

Rivalidades dentro de uma freguesia

O percurso histórico das Bandas Filarmónicas tal como é apresentado em *Tradições Musicais da Ilha Graciosa* (1997), é não só marcado por momentos de afirmação identitária. É igualmente marcado por rivalidades, uma constante expressamente manifesta nestas sociedades recreativas.

Interessa, em primeiro lugar, apresentar alguns momentos dessa rivalidade a partir do que é disponibilizado pelo discurso local. Num momento da sua obra, dedicado às Filarmónicas, o autor Norberto da Cunha Pacheco (1997) relata episódios de rivalidades, o que parece – no entender do autor – estar presente em grupos dessa natureza: “É interessante notar que estes desentendimentos, no seio de sociedades deste género, foram uma constante nesta nossa terra, acabando por originar quase sempre novos agrupamentos do mesmo género” (Pacheco, 1997: 91).

É disso exemplo, a Filarmónica “Rival” que – como o próprio nome subentende – foi formada devido aos desentendimentos que tiveram origem na actual Sociedade Filarmónica União Praiense, dos quais resultou o abandono de alguns músicos da primeira para passarem a integrar a Filarmónica opositora (Norberto Pacheco, 1997).

É descrito por Norberto Pacheco (1997) um episódio ocorrido entre essas duas Filarmónicas, que revela a rivalidade entre ambas: “Estando a «União Praiense» a ensaiar um «passo dobrado», muito em segredo, introduziu-se em loja contígua à sala de ensaios, um músico da «Rival» (...) pessoa de boa memória musical, bom ouvido, por ordem do mestre Manuel Teles. Depois de ouvir essa música foi musicá-la a esse regente que a passou ao papel e a ensaiou à «Rival». Chegado ao dia da Festa do Divino Espírito Santo, em que as duas Filarmónicas se apresentaram perfiladas para executarem o seu «passo dobrado», para espanto do mestre e executantes da «União Praiense», a

²⁹ “... when convivência cannot be achieved, then membership turns over, the complexion of the folklore family changes, and expelled performers go in search of new locality building projects staged in different venues. The only constant in this tangle of variables is that folklore performance produces community and folklore performers serve as locality builders”.

Rival inicia o toque (...) que tinha sido roubado de ouvido. Naquele momento os ânimos exaltaram-se, foi uma confusão, ameaças de ataques com os instrumentos musicais, mas tudo passou, os ânimos acalmaram-se e a festa continuou, não sem perdurar na memória de todos esta peripécia (...)” (Pacheco,. 1997: 92).

Um episódio similar aconteceu entre a Filarmónica Recreio dos Artistas e a Filarmónica Liberdade (fundada a 1903 e depois extinta), como foi brevemente apresentado no segundo capítulo da presente pesquisa.

Norberto Pacheco defende – a título de exemplo – que o episódio de rivalidade entre essas Filarmónicas “prende-se com um espírito de luta, de competição que está presente nos ambientes musicais. Assim, dentro desse espírito que é benéfico, embora redunde em desaire para aqueles que o tentam, foi-nos contado como facto verídico que, Francisco Cordeiro Júnior, sabendo que a Liberdade estava a ensaiar um passado dobrado novo, para ser estreado na festa, procurou maneira de copiá-lo, usando a sua capacidade musical de bom ouvido (...) Chegado ao dia da Festa e encontrando-se as Filarmónicas perfiladas para a execução musical, para espanto dos músicos da Liberdade, a Recreio dos Artistas inicia a execução do passo dobrado. (...) Naquele momento houve um despique, alguma confusão entre apoiantes das duas filarmónicas” (Pacheco, 1997:93).

Essa rivalidade a que se assiste entre as Filarmónicas pode ser analisada à luz de alguns pressupostos desenvolvidos por Jeremy Boissevan na sua obra intitulada *Saints and Fireworks: Religion and Politics in Rural Malta* (1965) a propósito das rivalidades entre *partitis* na freguesia rural da Ilha de Malta.

No contexto do estudo desenvolvido por Jeremy Boissevan, *partiti* toma duas significações diferentes: pode corresponder ao conceito de grupo (do inglês *parties*) como também pode corresponder ao conceito de divisões. A ideia de “divisão” é central no estudo desenvolvido pelo autor.

Resumidamente, o autor desenvolveu durante os anos 1960 e 1961 uma pesquisa focada em particular na principal Ilha de Malta, uma das três ilhas que compõe o arquipélago Maltês, cobrindo aspectos como as suas organizações nacionais, liderança, e as relações entre a Igreja e aldeia. Malta é um país católico onde o culto dos santos – por intermédio de festas – tem grande relevo.

A história de origem e desenvolvimento dos *partiti* em Farrug (Malta) é em muitos aspectos semelhante a registos de outras aldeias. Antes de 1877 não existiam *partiti* na aldeia de Farrug. Toda a gente cooperava na celebração da festa do santo titular, nomeadamente, St. Martin (São Martinho). Em 1876 chega à aldeia um novo padre que tem devoção por um segundo santo, nomeadamente São Roque e que propõe aos habitantes a organização de uma outra festa em honra desse santo. A população local, confrontada com esta nova situação, decide não apoiar na contribuição para uma segunda festa em honra desse santo. Na sequência disso, em 1888 tem início a uma rivalidade entre os apoiantes dos dois santos. Este cenário de rivalidades é, no entender de Boissevan, umas das características das vidas das pequenas localidades em que os habitantes estão intimamente relacionados por laços de parentesco e afinidade. Segundo Boissevan (1965) “Isto é umas das características da vivência em pequenas vilas. É muito particular para estas comunidades tais como estas de Malta, no qual os habitantes estão relacionados por laços de parentesco e afinidade” (Boissevain, 1965: 74) ³⁰

No quadro das Festas de Santo Antão – freguesia do concelho da Calheta, Ilha São Jorge (Açores), João Leal (1994) apresenta uma situação semelhante ao apresentado por Boissevain (1965). É o caso da rivalidade entre a filarmónica «Recreio dos Lavradores» - conhecida pelos seus habitantes por *música velha* – e a filarmónica «Nova Aliança» - conhecida por *música nova*. Os vários incidentes ocorridos têm marcado o relacionamento entre as estas duas filarmónicas. Como diz João Leal: “Estas duas filarmónicas mantêm entre si uma forte rivalidade cujas raízes remonta aos anos quarenta/cinquenta. Nessa ocasião formaram-se na freguesia dois partidos rivais, um ligado à figura do *padre*, outro ligado à figura do *médico local*, que exercia também funções de direcção na cooperativa agrícola. Esses partidos mantinham entre si relações de hostilidade aberta: houve famílias que deixaram de se falar, processos em tribunal, algumas das casas mais ligadas ao *partido do médico* deixaram de frequentar a igreja e muitas das casas ligadas ao partido do padre abandonaram a cooperativa” (Leal, 1994:214). A origem da *música nova* em muito se aproxima ao exemplo da *partiti* de devoção a São Roque, na medida em que ambas surgiram em contraponto à existência de um grupo já existente.

³⁰ “This is one of the characteristics of life in all small villages. It is particularly true of communities, such as those in Malta, in which the inhabitants are closely related through kinship and affinity.” (Boissevan, 1965:74)

Embora a divisão da freguesia em duas filarmónicas rivais se tenha vindo atenuar, as duas *músicas* mantêm ainda uma intensa rivalidade entre si, sobre as quais a população local opina de forma contraditória. Segundo o autor: “Para uns, trata-se de um facto negativo: «quando se formam numa freguesia dois partidos rivais nunca mais há concertos e vêem-se muitas coisas tristes». Para outros porém, a existência de duas filarmónicas rivais é encarada de forma positiva. É dado o exemplo de uma freguesia vizinha – Ribeira Seca – onde o desaparecimento de uma de duas filarmónicas também rivais conduziu, anos depois, à extinção da outra e a emulação é vista como um factor de progresso: «quando não há guerra, não há comércio, está tudo morto»” (Leal, 1994: 214). A rivalidade entre as duas filarmónicas expressa-se ainda de outra forma. É o que se passa por ocasião das Festas do Espírito Santo locais – momentos por excelência de afirmação da identidade da freguesia – em que as duas filarmónicas “recusam-se salvo em raras ocasiões, a tocar em conjunto e os mordomos vêem-se obrigados a convidar para os festejos uma delas, com exclusão da outra. A Festa de Pentecostes articula-se justamente com uma das poucas excepções a esta norma. No quadro das sequências mais directamente relacionadas com o bodo de leite, as duas filarmónicas, pondo momentaneamente de parte as suas rivalidades, tocam em conjunto” (Leal, 1994:215).

É justamente no quadro desta situação de rivalidades entre filarmónicas da mesma freguesia que se inclui a Ilha Graciosa nos tempos em que em cada freguesia rivalizavam duas ou mais filarmónicas e de que são exemplos os relatos testemunhados em cima.

Rivalidades entre freguesias

Tal como foi apresentado nos capítulos anteriores, a Ilha Graciosa tem actualmente em actividade uma filarmónica em cada freguesia, sendo ao todo quatro. Situações de rivalidade entre filarmónicas da mesma freguesia não se verificam actualmente. Entretanto, as rivalidades entre Filarmónicas mantêm-se mas num quadro de rivalidades entre freguesias. O ciclo de festas das freguesias que marca o início do Verão – com início em Julho – é palco desses momentos de rivalidade que – embora se tenham vindo a atenuar – são ainda significativos, em particular entre a Filarmónica Recreio dos Artistas – sediada na freguesia de Santa Cruz – e a Sociedade Filarmónica União Praiense – sediada na freguesia de São Mateus da Praia. Os conflitos existentes entre essas duas Filarmónicas – com expressão na recusa em participar em conjunto nas festas

da freguesia – são explicados através de factos históricos relativos às freguesias de Santa Cruz e de São Mateus da Praia.

Como foi referido no primeiro capítulo, a freguesia de São Mateus da Praia perdeu a sua influência em relação à freguesia de Santa Cruz, devido em parte à escassez de recursos que começou a manifestar. Não dispondo de terras agrícolas que permitissem uma agricultura próspera, a freguesia de São Mateus da Praia apostou na actividade piscatória e das vantagens do seu porto, que na época (século XIX) se encontrava, no entanto, em desvantagem comparativamente com os recentes portos então construídos na freguesia de Santa Cruz, nomeadamente, o cais da Calheta e as novas instalações no cais da Barra.

Numa entrevista realizada a Natalino Félix, funcionário da Academia Musical da Ilha Graciosa, natural da freguesia de São Mateus da Praia, e músico da Sociedade Filarmónica União Praiseiro desde há trinta e um anos, este, para além de revelar no seu discurso uma clara antipatia pela Filarmónica Recreio dos Artistas (freguesia de Santa Cruz), confirma o facto de a rivalidade existente entre as Filarmónicas mencionadas remontar justamente à elevação de Santa Cruz a vila e concelho da Ilha Graciosa usurpando o estatuto anteriormente detido pela freguesia de São Mateus da Praia

Segundo Natalino Félix: “ (...) já tivemos (na Sociedade Filarmónica União Praiseiro) muitos (da Filarmónica) de Santa Cruz na (Filarmónica da) Praia e que dizem que são logo reforçados quase para dizer (em tom de troça) «Não se gosta da Filarmónica da Praia» e «Na Praia é pior». Por isso é que há rivalidade entre (as freguesias da) Praia e Santa Cruz. Nem sempre são nas bandas (...) como a Praia foi primeiro concelho que Santa Cruz dá-se essa rivalidade”.

Na entrevista Natalino Félix reforça ainda o sentido identitário da Filarmónica expressando-se de forma entusiasta: “Toco há trinta e um ano, sempre na mesma banda, não tinha coragem de tocar noutra banda, noutra banda qualquer. (...) Não tinha coragem porque não me ia sentir bem, por causa da minha freguesia. A minha freguesia é tudo, a minha banda é tudo! (...) É a minha segunda casa (...) o meu segundo trabalho, pronto também se pode dizer que é um segundo trabalho porque (...) é trabalho que a gente tem de respeitar, e tem de gostar. Mas (...) para mim é a minha segunda casa, a minha segunda casa”

Voltando ao cenário de rivalidades entre as Filarmónicas, subsistem algumas opiniões de que esse fenómeno social encontra-se mais moderado comparativamente ao que se verificava muitos anos atrás.

Na entrevista realizada a Tiago Correia, o músico apresenta a sua opinião – tendo em conta a sua experiência na Filarmónica Recreio dos Artista – desde a integração do músico até aos dias de hoje. Segundo Tiago Correia: “Na altura em que eu entrei, havia muito esse (...) bairrismo, (...) Quem tocava na Filarmónica da Vila (de Santa Cruz) (...) era de Santa Cruz! Quem tocava na (Filarmónica) de São Mateus era (...) da freguesia de São Mateus. E nas outras a mesma coisa. Havia um caso ou outro excepcional, mas eram pessoas que tinham começado a sua vida aqui em Santa Cruz. (...) Na minha altura era assim, (...) não havia cá misturas! E se houvesse, por exemplo, hoje em dia, eu dou o meu exemplo, eu saí da Filarmónica da Vila (de Santa Cruz) para ir para a Filarmónica de Guadalupe. (...) Se fosse naquela altura, era um escândalo, isto é verdade era um escândalo, era uma polémica! (...) E aí olhavam (...) Mas hoje há muita facilidade (...).

A Filarmónica da Vila (de Santa Cruz) já recebeu imensos executantes (...) da freguesia da Luz, portanto, tocavam noutra Filarmónica. Logo (...) não houve uma rivalidade. Mas se fosse no meu tempo ia haver. (...) Não eram extremistas, nem a pessoa era despedida, nem nada disso. Mas naqueles...nos primeiros 6-7 anos em que fiz parte da Filarmónica, se acontecesse uma coisa dessas (...) por exemplo, se provavelmente, isto digo eu, não sei se não aconteceu mas se provavelmente, um miúdo da (Filarmónica) Luz que nunca tivesse tocado na Filarmónica da Luz se iniciasse aqui, provavelmente não haveria muito essa questão de «porque ele nunca tocou noutro sítio ele vem de outra freguesia vem para aqui, vem aprender para aqui é para tocar aqui.» (...) E com as outras, (...) por exemplo, eu fui muito bem recebido, como eu tenho a certeza que se fosse para a Filarmónica da Luz ou que se fosse para a Filarmónica de São Mateus, da Praia, iria ser bem recebido da mesma forma.

Agora, hoje em dia não há essa questão da rivalidade, porque somos tão poucos na Graciosa, obviamente que se dá uma grande importância se perdemos um executante, não é? (...) Mas somos tão poucos que já não há... não faz muito sentido de haver aquela rivalidade porque nós sabemos que não vai haver grandes números”.

José Gabriel Martins, natural da freguesia de São Mateus da Praia, partilha também da opinião do músico da Filarmónica Recreio dos Artistas. Por se tratar de uma pessoa já

com alguma vivência, revela-se aqui significativo também apresentar a sua opinião acerca da relação existente entre as Filarmónicas: “Em tempos idos houve grandes guerras entre as bandas, houve grandes desentendimentos entre as bandas. Por exemplo, houve casos de, por exemplo só para ver, de uma banda estar a tocar, haver pessoas de outra Banda a escutarem o que estava a tocar, de conseguirem escrever a obra e no dia em que eles iam a apresentar a sua obra como sendo uma obra inédita, e um repertório novo, os outros tocarem a mesma coisa. Portanto, veja lá o que era possível na altura fazer-se justamente para contrariar a projecção e pujança de um determinado agrupamento em detrimento dos outros. Mas isso é tempo que passou e presentemente as coisas já não são assim. Penso que hoje em dia há um relacionamento normal entre todas as bandas, mas não deixou de haver uma certa rivalidade. Existe essa rivalidade, e penso que essa rivalidade é de salutar porque faz com que cada um queira fazer melhor e trabalhar mais. Nessa medida eu acho normal, acho até que deve continuar a existir. Se for assim, e se for entendido assim. De outra forma não vejo as coisas como positivas, portanto acho que essa rivalidade quando toma outras formas de expressão já não deve existir, e para mim é combatível. Mas, penso que neste momento o relacionamento entre as bandas locais é um relacionamento dito normal”.

Luís Aguiar, actual maestro e durante muitos anos músico da Sociedade Filarmónica União Praiense, também partilha da ideia que ainda subsiste alguma relação de competição entre as Filarmónicas, defendendo que essas relações poderiam ser jogadas no sentido de melhorar o desempenho de cada uma, desenvolvendo uma competição harmoniosa entre elas.

Segundo Luís Aguiar: “pelo que tenho conhecimento, quando as bandas geralmente estão a tocar, (...) entre músicos de uma banda e da outra existe um pouco de rivalidade. Penso que, quando as bandas não tocam e não se toca no assunto, as pessoas dão-se bem e tudo, mas é uma coisa que não devia existir, eu acho que não devia existir. Tem que haver um pouco de rivalidade e um pouco, no sentido de fazer um pouco melhor que o outro. (...) Trabalhar para fazer melhor com o outro, e apresentar um trabalho um pouco melhor que o outro. Mas não concordo com a rivalidade de tentar prejudicar a outra banda, isso não concordo! Acho que devíamos ajudar uns aos outros porque todos nós precisamos de uns dos outros. Hoje a nossa banda pode estar um pouco melhor mas daqui uns dias podemos necessitar de ajuda, nunca podemos fugir a essa realidade”.

Quando o entrevistei, Luís Aguiar partilhou também uma situação particular de enorme tensão por ele vivenciada acontecida há uns anos atrás, quando o próprio se encontrava responsável pela direcção artística (maestro) de duas Filarmónicas diferentes: “Apesar de eu estar à frente das duas, não era fácil porque também as próprias pessoas que participavam em cada banda não gostavam muito porque queriam ter exclusividade do maestro e (...) havia situações que eram muito complicadas para mim, porque tinha que tomar opções. Quando havia procissões ao mesmo tempo, tinha que tomar opções onde é que eu ia estar à frente, o responsável. Não é muito agradável, não é muito agradável trabalhar assim”.

Relativamente à reacção da população local e dos próprios intervenientes das bandas, Luís Aguiar acrescenta: “Levantavam problemas, faziam comentários às vezes. Eu também não gostava muito, mas também compreendia porque as pessoas geralmente querem ter o seu maestro (...) compreendia que não podia ser assim. E depois tomei a opção de deixar uma das bandas. (...) Portanto, havia pessoas que faziam comentários (...) por exemplo assim «olha, tens que deixar essa banda para ficares só aqui» (...) Algumas pessoas abordaram-me nesse sentido «olha, a tua banda, estás aqui primeiro, ficas aqui deixas a outra». Houve situações de um ano por exemplo, algumas festas, que há festa no mesmo dia, e as bandas tocam praticamente à mesma hora, e tive que tomar decisões ou nomear outra pessoa para fazer o serviço ou não fazer mesmo (...) foi uma situação mesmo desagradável”.

Aqui a exclusividade que é referida por Luís Aguiar remete novamente para o sentido de pertença e de afirmação expressa pelos músicos da banda. Novamente as respostas obtidas dos inquéritos referentes à pergunta «Em alguma ocasião fez parte de outra banda filarmónica», foram, na sua maioria, negativas revelando assim que os músicos mantêm-se na banda que inicialmente integram, durante muitos anos não questionando em quaisquer circunstâncias a possibilidade de mudar para outra.

Assim, num número total de noventa e um inquéritos, apenas dez músicos revelaram ter pertencido anteriormente a uma outra banda da ilha Graciosa e nalguns casos, as bandas de outras ilhas do arquipélago.

No caso específico da Filarmónica Recreio dos Artistas, verificou-se que apenas três músicos fizeram parte de outras bandas num determinado momento do seu percurso musical, com destaque para Tiago Correia que integrou a Filarmónica União Progresso de Guadalupe durante um ano, e o Professor André Simas, que para além de iniciado o

seu primeiro contacto musical numa banda da Ilha do Pico, de onde é natural, trabalhou uma vez na Graciosa, com a Sociedade Filarmónica União Praiense, permanecendo actualmente na Filarmónica Recreio dos Artistas.

Discursos de identidade local

Num cenário em que as Bandas Filarmónicas são elementos de significativa importância na vida social e cultural da população local da Ilha Graciosa, viu-se como pertinente um olhar sobre as representações e modos de sociabilidade no seio desses grupos, tendo em vista uma melhor compreensão dos comportamentos sociais, das formas de sociabilização, e dos meios através das quais se procura uma representação social e identitária.

Defendem os autores locais que, as bandas filarmónicas, desde que surgiram, têm desempenhando um papel relevante na representação social e identitária da ilha, que é intensificado, sobretudo, através de um conjunto de performances, como são as festas populares, as procissões, os arraiais, em particular, as Festas do Espírito Santo.

Novamente, a obra intitulada *Tradições Musicais da Ilha Graciosa* do autor Norberto Cunha Pacheco (1997) revela-se indispensável à análise dos modos de representação social e identitária, ligados às Filarmónicas, sobretudo na medida em que constitui um testemunho do discurso local.

A importância que as Filarmónicas assumem na vida social e cultural da Ilha Graciosa é bem expresso quando, a título de exemplo, Norberto Pacheco (1997) afirma que “aprender música e tocar um instrumento, naquele tempo, era algo que dava prestígio a quem o fazia, e além disso, este gosto pela música que está presente na nossa ilha, ajudava a que pudessem manter-se em actividade agrupamentos deste género” (Pacheco, 1997: 94).

A influência que as Filarmónicas detêm no seu meio é também reforçada pelo autor desde o início: “Este gosto pelas coisas da música, no âmbito das Filarmónicas, foi sempre algo que atraiu gente mais nova. Desde os miúdos que, ao lado dos pais fazem que tocam um instrumento, passando por aqueles que formam pequenas bandas com instrumental feito de canas ou de brinquedo, e por algumas famílias em que quase todos os seus membros tocam na banda, até aos jovens que se entusiasma por aprender a tocar um instrumento ou aos mais velhos que por amor continuam nessa vivência

musical – houve e ainda há nesta ilha gosto por estas coisas da música” (Pacheco, 1997: 82).

Tiago Correia, que entrou para a Filarmónica Recreio dos Artistas por influência do pai e da irmã há 12 anos, constitui um exemplo, já apresentado, de muitos músicos que são influenciados pela família a integrar instituições dessa natureza, que se revelam mais tarde, para essas pessoas, espaços que lhes atribuem prestígio social.

Segundo Tiago Correia: “Esta é uma casa, é a Filarmónica, instituição Filarmónica (...) que permitiu que eu crescesse e até às vezes saísse um bocado beneficiado com aquilo que as pessoas viam do meu trabalho (...) As instituições externas à Filarmónica que viam o meu trabalho (...) viam que eu estava sempre lá e que eu estava a ajudar. Estive quatro anos numa rádio. Provavelmente se não tivesse estado numa Filarmónica, nunca tinha acontecido. Porquê? Porque eu tomei amor (pela Filarmónica). (...) Imagina que nunca tinha feito parte de uma Filarmónica provavelmente nunca tinha tido esse encontro (com a rádio) ”.

Tiago Correia também partilha as suas opiniões e sua experiência enquanto músico da Filarmónica Recreio dos Artistas num blog por si criado. Tiago Correia serve-se desse meio para disponibilizar e transmitir informações da sua Filarmónica, publicando vídeos de momentos de performance e disponibiliza também informação mais geral das actividades recreativas dos demais grupos associativos (de realçar que Tiago Correia também é sócio do Sport Club Marítimo) que se vão realizando ao longo do ano na Ilha, com destaque para o Carnaval e as Festas do Divino Espírito Santo.

É de realçar em especial a opinião publicada pelo músico no seu blog intitulada «A opinião: As Filarmónicas da Graciosa e a minha vida como executante» que analisada à luz dos modos de representação social e identitária revela-se muito significativa. Expõe não só a sua experiência como músico e a importância que assume, na sua opinião, para a população local, como realça para as dificuldades que as filarmónicas enfrentam.

Segundo Tiago Correia: “*As filarmónicas são a escola da vida!*”, esta é uma verdade indelmentável, é nas escolas de música destas filarmónicas que se criam amizades para a vida, que se aprende a viver em grupo, que se aprende a trabalhar com um objectivo, mas acima de tudo é nas escolas de música das filarmónicas que se cresce. Apesar de estas filarmónicas serem sempre tratadas como “filhas bastardas”, da sociedade, são estas filarmónicas que representam dignamente a cultura, as tradições de uma terra. Mas

tentemos perceber por que razão as filarmónicas não são apoiadas como deveriam, justamente ser. A resposta é muito simples, estas filarmónicas não aparecem muito na comunicação social, logo não divulgam marcas (patrocínios), estas filarmónicas não jogam dentro das quatro linhas, bem como estas filarmónicas são facilmente dispensadas porque existem outras com abundância, porque se as filarmónicas estivessem na mesma situação das equipas de futebol da Graciosa, ou seja cheias de dívidas, ou mesmo se estivessem em vias concretas de terminar, provavelmente veríamos muitos apoios monetários e materiais.

Infelizmente o futebol, que também é cultura, arrecada dezenas de milhares de euros, não conseguindo gerir o dinheiro gastando em aquisição de jogadores para não se atingir objectivo algum e apresentando dividas descomunais, enquanto as filarmónicas podem-se contentar uns pouquinhos milhares, apresentando lucros de 20.000€ ou mais, porque sabem gerir e têm um objectivo definido que é promover a cultura de uma terra, logo aqui denota-se a desigualdade presente entre as filarmónicas e o futebol, que medidas devem ser tomadas para que haja equidade? Muito simples! Ver quais a colectividades que são devedoras apesar de gastarem, desnecessariamente, o dinheiro público, e aí reduzir significativamente o valor a atribuir, só assim se pode ser justo.

Outra crise que as filarmónicas têm que enfrentar, é a mais que afamada desertificação da população graciosense, são cada vez menos os jovens na Graciosa e os que cá andam não se interessam pelas filarmónicas, porque elas não lhes dão dinheiro como o futebol, logo é mais aliciante juntar “o útil ao agradável”, mas é importante reter algo fundamental é que no futebol acabam-se carreiras através de lesões gravíssimas, porque infelizmente não se pode chamar futebol àquilo que se pratica na Graciosa, mas sim ring de boxe, logo, a partir daí são só vantagens participar nas filarmónicas, bem e sempre se vão fazendo viagens pelos Açores, Continente, Madeira, Canadá ou Estados Unidos da América, enquanto, no futebol se vai a São Jorge e à Terceira, já é o muito. Enfim, palavras para quê, as filarmónicas são as dignas representantes da cultura Graciosense.”³¹ Opiniões como esta última, são também partilhadas pela maioria dos músicos, não só os da Filarmónica Recreio dos Artistas, que mereceu uma atenção mais pormenorizada nesta pesquisa, mas também das restantes filarmónicas.

Dos inquéritos distribuídos pelas quatro Filarmónicas, as respostas à pergunta «que importância tem para si a Filarmónica» foram na sua maioria muito idênticas entre si,

³¹ <http://tcf.blogs.sapo.pt/37792.html>

expressando a ideia que as Sociedades Filarmónicas são instituições que promovem o convívio, o conhecimento de música, a amizade e a intensificação dos laços de proximidade, como também proporcionam para a maioria dos músicos um grande prazer.

São exemplos respostas como “ gosto pela música e gosto por aprender coisas”, “conviver com os amigos”, “pelo acesso à cultura” “para sociabilizar, viajar, e pelo prazer de tocar”, “a banda é uma oportunidade de desenvolver capacidades musicais e é também uma oportunidade de fazer novos amigos”.

São de destacar outras respostas como “ é útil para a Ilha e é uma tradição que nunca devia acabar.” “além de se aprender um pouco de música, também é uma forma de dar continuidade à nossa cultura e de conviver com os nossos amigos”. Sobretudo na Filarmónica União Popular Luzense foram obtidas as seguintes respostas: “tem uma elevada importância porque é a única casa de cultura que existe na nossa freguesia”, “ocupação dos tempos livres, representação da freguesia”, “ é um meio cultural de representação da freguesia onde se cria laços de amizade”, e finalmente “por ser da minha freguesia e gosto pela música”. Este sentido de identidade e de pertença expresso no discurso local dos músicos reencontra-se nas festas locais e nos concertos onde as Filarmónicas se exibem.

Sobre os meios através dos quais se procura uma representação social e identitária, José Gabriel Martins, Presidente da Direcção da Academia Musical da Ilha Graciosa, comenta: “as bandas quando saem em marcha pela rua, fazem-se acompanhar dos estandartes e levam consigo uma representatividade da casa a que pertencem, portanto levam os elementos, os dirigentes da casa, (...) Há assim um certo expoente daquilo que é a vida activa dessa mesma banda, que se passeia pela rua e portanto isso não é algo que não nos salta à vista e que me parece que não nos desperte para uma realidade e também que não tenha um peso grande no momento em que eles estão a apresentar-se”.

No quadro das Festas do Espírito Santo e das Festas da Freguesia da Ilha Graciosa, cada filarmónica – salvo raras excepções – toca na sua própria freguesia, onde é por norma requisitada pelo mordomo – no caso das Festas do Espírito Santo – e pela comissão de festas – no caso das festas da freguesia. A festa em honra da Nossa Senhora das Dores, designada por «Festa das Dores» – lugar pertencente à freguesia de Santa Cruz – foi excepção. Nessa festa foram convidadas duas Filarmónicas, a da freguesia de Santa Cruz e da freguesia de Guadalupe (cf. Foto 34). Os motivos deste convite prendem-se

com razões não directamente relacionadas com expressões de rivalidade, segundo informações disponibilizadas por Isalino de Melo Cunha - responsável pela comissão de Festas – que defende que as rivalidades entre as filarmónicas já não se verificam como em «tempos idos» Segundo Isalino Cunha, desde há muito tempo que estas duas filarmónicas participam nessa festa. Refere que há sempre o cuidado de convidar a filarmónica da própria freguesia, na medida em que esta representa a própria freguesia. A segunda filarmónica funciona assim como um reforço: “a gente convida mais uma para ajudar a outra”.

Embora neste caso específico da Festas das Dores não se verifique situações de rivalidade notória, as filarmónicas procuram sempre meios de representar a sua identidade, conseguida por meio da realização da sua performance. É em ocasiões como esta, como as Festas das Dores, que as filarmónicas exibem o seu repertório, cuidadosamente trabalhado para efeito de distinção.

Neste quadro de representação identitária das Filarmónicas, o estudo sobre as Festas do Espírito dos Açores revela-se novamente oportuno. Assim, segundo João Leal (1994), o Dia do Império na freguesia de Santa Bárbara - inserido nas Festas do Espírito Santo da Ilha de Santa Maria – fornece um quadro propício para as manifestações de rivalidade entre as diferentes freguesias, assim como para a reivindicação da identidade de cada uma. Depois do autor ter explorado numa primeira parte a ligação existente entre as formas de circulação de alimento e a reiteração das esferas sociais *parentesco* e a *vizinhança de perto*, num segundo momento explora essa mesma ligação com outros círculos de relacionamento social na freguesia de Santa Bárbara – o *lugar* e a *freguesia*. Segundo o autor (1994): “O lugar constitui (...) uma unidade base do povoamento e da organização espacial da freguesia. Mas também constitui uma unidade sociologicamente relevante” (Leal, 1994: 107). O dia do Império – designação dada na freguesia de Santa Bárbara às Festas do Espírito Santo – constitui um momento de afirmação identitária dos principais círculos de relacionamento social na freguesia. Segundo o autor: “É no quadro das distribuições generalizadas e abertas das Sopas do Espírito Santo e de massa sovada características do Dia do Império que o vínculo entre a circulação cerimonial do alimento e a reiteração da identidade da freguesia se afirma de forma mais expressiva” (Leal, 1994:115).

As diferenças que existem entre freguesias – a nível da organização do Dia do Império – sugerem uma procura da representatividade e expressão da identidade local,

desencadeando intensas rivalidades entre as diferentes freguesias. Segundo João Leal (1994): “Quanto à rivalidade inter-freguesias, além de outras expressões mais genéricas, é sobretudo no quadro das ocasiões festivas que ela se exprime. Além de uma competição surda para fazer a «festa mais bonita», essas (ocasiões festivas) fornecem também um contexto para o desencadear de conflitos por vezes violentos, entre grupos pertencentes a freguesias diferentes” (Leal, 1994:111).

No Dia do Império o fluxo de pessoas que visitam os Impérios de outras freguesias pode atingir grandes proporções. Num cenário onde se procura meios de afirmar a identidade, o Dia do Império torna-se um palco onde um misto de hospitalidade e hostilidade em relação aos «forasteiros» predomina. Segundo João Leal (1994): “Se se trata do único Império, ele torna-se o pólo de atracção principal da população da Ilha. Esta abertura em relação ao exterior possibilita que a freguesia disponha, no momento em que se afirma como um corpo social unificado, de um parceiro colectivo por referência ao qual pode reivindicar de forma plena a sua identidade” (Leal, 1994:116). As visitas dos «forasteiros» aos Impérios de outras freguesias correspondem – no sentido desenvolvido pelo autor – a um mecanismo de representação e identidade da sua própria freguesia. Assim o autor defende: “Ao mesmo tempo que o fluxo de forasteiros fornece à freguesia o parceiro colectivo indispensável à representação da sua identidade, para os próprios forasteiros essas visitas constituem também um mecanismo importante de reafirmação da pertença à sua própria freguesia” (Leal, 1994: 119).

É no quadro destas reivindicações identitárias que podem ser analisados os comportamentos sociais das Filarmónicas da Ilha Graciosa. Também elas procuram meios de expressar o seu sentido de pertença à freguesia onde a filarmónica está sediada. E é através das festas locais, que essa representação atinge grande dimensão, com expressão não só a nível visual, como também a nível de repertório e a nível de performance.

Por estas razões, as filarmónicas graciosenses tem uma importância significativa na vida social da Graciosa. Apesar da desatenção que a audiência revela em alguns momentos de performance, as pessoas são sensíveis à importância que elas assumem na participação das festas. As Filarmónicas são as insígnias dessas festas.

CONCLUSÃO

Este estudo dedicado em particular à Filarmónica Recreio dos Artistas procurou responder às questões que surgiram em torno da representatividade e da visibilidade que as filarmónicas assumem nas festas locais, com destaque para as Festas do Espírito Santo, e a importância que assumem para a população local. Para além dessas questões, os modos de sociabilidade e de identidade inerentes às filarmónicas – que estão relacionados com os laços de afinidade entre os músicos, as redes sociais em torno deles e os processos de rivalidade dentro e entre freguesias – revelaram-se aspectos importantes de análise.

No segundo capítulo subordinado ao tema “Filarmónica Recreio dos Artistas”, viu-se como os laços de parentesco e de afinidade têm um peso significativo na vida social do colectivo, tema posteriormente retomado no quarto capítulo. Nas filarmónicas em geral, mas em particular na Filarmónica Recreio dos Artistas, a família tem um peso significativo na instituição: a sua presença é sempre garantida nas várias ocasiões de encontro da filarmónica, como foram exemplo o Aniversário e a Coroação.

Deste modo, estes encontros – que promovem entre outras coisas o convívio entre os músicos e as pessoas a eles associados – funcionam como instrumentos reguladores da relação entre as pessoas pertencentes à Filarmónica. Nestas ocasiões, a reunião das pessoas que integram a Filarmónica é importante para a intensificação de laços entre elas.

No segundo capítulo viu-se igualmente que em ocasiões importantes do calendário civil, como o Natal e a Páscoa, os músicos que se encontravam deslocados da Ilha regressavam à filarmónica para colaborar, revelando a permanência de um significativo sentido de pertença à Banda. “É uma família”, como afirmou o Presidente da Direcção da Filarmónica Recreio dos Artistas numa entrevista em que tive oportunidade de realizar.

A Filarmónica Recreio dos Artistas foi assim interpretada à luz dos pressupostos desenvolvidos por autores como João Leal (*As Festas do Espírito Santo nos Açores*), Kimberly Holton da Costa (*Performing Folklore. Ranchos Folclóricos from Lisbon to Newark*) e Graça Índias Cordeiro (*Territórios e identidade: sobre as escalas de organização sócio-espacial num Bairro de Lisboa*).

Baseado numa pesquisa etnográfica sobre um bairro popular de Lisboa, desenvolvida na década de noventa, o estudo de Graça Índias Cordeiro (2001) propõe uma discussão em torno de identidades territoriais produzidas através do exercício de determinadas sociabilidades festivas dos bairros. A partir da constatação de que os bairros “se constituem como lugares sociais intermédios entre pequeníssimas unidades de vizinhança” (Cordeiro, 2001:128) a análise debruçou-se “sobre o nível de estruturação colectiva do próprio bairro, tentando identificar as instâncias que o promovem como unidade social territorializada, com algum nível de organização interna e representabilidade exterior” (Cordeiro, 2001:128). As Festas dos Santos Populares de Lisboa – momento festivo mais importante do bairro – que se constroem “sobre redes de interacção social, intra e extrabairro (...) contribuem fortemente (...) para a criação de sociabilidades próprias que não só fazem o bairro no seu quotidiano, como produzem ainda ideias, imagens, mitos e narrativas sobre ele e sobre a cidade” (Cordeiro, 2001:129). Nesse sentido, os convívios e outras ocasiões das filarmónicas da Ilha Graciosa, podem ser analisados em conformidade com as ideias desenvolvidas por Cordeiro (2001) da qual mostra como as sociabilidades festivas, em espaços restritos de intenso interconhecimento, contribuem para a construção social dos bairros, ou no contexto do presente estudo, das filarmónicas.

Desta forma podemos constatar o quão são importantes os laços familiares e outras redes de relações na construção social e identitária da filarmónica. A reiteração desses laços através desses convívios contribuem em grande parte para a continuidade da actividade do colectivo. A Filarmónica proporciona por isso ocasiões importantes de sociabilidade o que faz com que os músicos estejam na filarmónica não só “pelo gosto da música” mas também “pelo convívio e amizade” que a filarmónica proporciona.

Esse sentido de pertença e identidade expresso pelo discurso dos músicos e da população local atinge dimensões significativas nas festas locais. Tal como vimos no terceiro capítulo, subordinado ao título “O lugar das Filarmónicas nas festividades locais” as festas locais são elas próprias expressão dessa identidade local. Elas são o momento por excelência de exibição e performance das filarmónicas. Os concertos não só permitem a exibição de um repertório musical – que é resultado de um trabalho de muitos meses – como permite a exibição dos elementos simbólicos que distinguem cada filarmónica (de que é exemplo a farda).

No seu estudo “As elites, o quotidiano e a construção da distinção no distrito de Angra do Heroísmo durante a segunda metade do século XIX” Paulo Silveira Sousa num contexto em que “os espaços e as práticas de sociabilidade actuavam como estruturantes das disposições individuais e colectivas, e constituíam umas das mais importantes dimensões da vida quotidiana” (SOUSA, 2004:113) evidencia num dado momento, a importância que as Filarmónicas, em particular, assumiam nas festividades locais da época: “A criação de grande número de filarmónicas nas freguesias rurais, ocorrida sensivelmente a partir da década de 1870 (...) veio animar e colorir ainda mais as festas locais. Se num primeiro momento esteve associada aos pequenos espaços urbanos e ao patrocínio de morgados e grandes influentes políticos, o dinheiro da emigração (...) fez desenvolver e espalhar estas colectividades que concorriam entre si e eram fonte de prestígio para os lugares e para as freguesias” (SOUSA, 2004:117). Relativamente à espectacularidade das Filarmónicas num contexto de exibição, Sousa descreve: “Os músicos desfilavam como pequenas companhias de soldadinhos de chumbo. Calçados e vestidos com fardas próprias, de camisas alvas e metais brilhantes e polidos, eles eram como senhorinhos detentores de autoridade. Nas suas actividades abrilhantavam procissões, festas do Espírito Santo, touradas à corda e cerimónias eleiçoeiras (...) As filarmónicas tornaram-se parte do quotidiano das ilhas” (SOUSA, 2004:117).

Analisando à luz dos pressupostos de Sousa (2004), as festividades locais na Ilha Graciosa representam assim um momento festivo importante na reafirmação da identidade das freguesias da mesma forma que permitem uma maior representatividade das Filarmónicas. No sentido desenvolvido pelo autor “Estas festividades rurais, que reafirmavam a identidade de lugar enquanto sistema social unificado e reiteravam os laços sociais no âmbito da freguesia, eram ainda marcadas por uma intensa luta pelo prestígio entre os seus membros, funcionando, também, como um signo de prestígio colectivo do lugar” (SOUSA, 2004:118).

Nesse cenário de espectacularidade são expressos outras práticas de sociabilidade como são as rivalidades locais entre as bandas filarmónicas de uma mesma freguesia ou de diferentes freguesias. As informações fornecidas pelos vários informantes contactados contribuíram para uma melhor compreensão destes modos de sociabilidade e das formas como operam na vida social da população local.

Desta forma podemos constatar o quanto é significativo a perpetuação e actividade das Filarmónicas na Ilha Graciosa. Apesar da população local manifestar uma aparente

desatenção em relação à performance das filarmónicas, ela não é totalmente indiferente. Tal como José Gabriel Martins afirmou “a Banda faz parte do quotidiano local, e como tal não é uma surpresa, nenhuma novidade”. Por essa razão, as Filarmónicas não deixam de ter a importância merecida, somente é expressa de uma outra forma, mais atenuada em comparação com as pessoas que integram a própria filarmónica. No caso dessas pessoas envolvidas no colectivo, a expressão de um sentido de identidade e de pertença é bem forte pois essas mesmas pessoas fazem parte da vida social que a filarmónica propicia.

Na concretização deste estudo em muito contribuiu o trabalho de campo. De facto, o trabalho de campo constituiu uma das ferramentas metodológicas mais determinantes para alcançar os objectivos mais particulares do presente estudo.

Em primeiro lugar, a aproximação ao objecto de estudo – aos músicos da Filarmónica Recreio dos Artistas – revelou-se importante para o início de uma recolha substancial de informações relacionadas com a vida social desta como igualmente das restantes filarmónicas da Ilha.

O estabelecimento de uma relação entre o investigador e os músicos da Filarmónica – e ainda com outras pessoas envolvidas na vida social do movimento associativo – viu-se portanto como indispensável para a compreensão da lógica da construção e operacionalização dos modos de sociabilidades associados.

O primeiro contacto com o objecto de estudo surgiu com a integração na Filarmónica Recreio dos Artistas como instrumentista de oboé começando com a presença assídua nos ensaios e posteriormente com a participação em alguns concertos que marcaram o calendário festivo da Ilha Graciosa. Inicialmente a integração foi imediata. Para os músicos da Filarmónica Recreios dos Artistas, em particular, era a instrumentista de oboé e professora de violino da Escola Básica e Secundária da Ilha Graciosa. Surgiram-se assim algumas limitações no processo de recolha de informação. Apesar da colaboração da maioria dos músicos, foi difícil para mim, sair às vezes desse estatuto para ser somente observadora o que provocava um sentimento de estranheza da parte dos observados. Somente no final do trabalho de campo, não descurando a informação que os informantes disponibilizaram através dos inquéritos e em forma de entrevistas, é que senti uma maior abertura da parte dos músicos, que a própria convivência foi proporcionando. Por essa razão, a tese sofre de algumas limitações e insuficiências.

Apesar delas, o presente estudo pode contribuir em pequena parte para o conhecimento e divulgação das práticas musicais das Filarmónicas da Ilha Graciosa que até então só tinham sido estudadas por autores locais. Os estudos de caso sobre as Filarmónicas – que serviram de referência para a presente pesquisa – destacaram a escassez de estudos sobre as Filarmónicas questionando por sua vez a razão pelo qual o objecto (as Filarmónicas) não merece um olhar mais atento de parte dos etnomusicólogos, etnógrafos e antropólogos.

Desta forma, futuramente poderá ser feita uma pesquisa mais profunda dos comportamentos sociais associados a estas práticas musicais numa perspectiva de divulgar as tradições musicais do arquipélago dos Açores, que manifestam uma maior diversidade e fervor pelos movimentos associativos comparativamente com as estudadas no continente.

Deverá começar por uma pesquisa que aprofunde mais as referências bibliográficas. Indo ao encontro das limitações e insuficiências destacadas no presente estudo, a pesquisa bibliográfica deverá começar antes da exploração no terreno, e não se deve limitar somente à pesquisa de referências mas também a exploração profunda e dedicada da informação desses textos. O trabalho de campo em si deverá ser mais activo, envolvendo mais potenciais informantes, de forma a aumentar o leque de informação.

Numa oportunidade futura, conhecendo desde já a Ilha Graciosa, seria oportuno abranger as restantes filarmónicas da Ilha desenvolvendo o estudo à semelhança do que foi feito com a Filarmónica Recreio dos Artistas. Igualmente, se as condições do terreno permitirem, seria também de incluir os restantes colectivos associativos, centrando a pesquisa na visibilidade que transmitem para o exterior, que pode ser conseguida no decorrer das Festas do Espírito Santo onde a afluência de pessoas oriundas de diversos pontos geográficos é máxima.

Seria oportuno que esse estudo fosse mais centrado em torno das imagens produzidas e consumidas pelos que integram e os que são audiência da Filarmónica. Aliás, a análise dessas imagens era um dos objectivos primeiros a serem destacados neste estudo, uma vez que se inseria numa especialização do Mestrado em Antropologia, a especialização em Culturas Visuais. E que tivesse como ambição a recolha dessas tradições musicais um pouco à semelhança dos trabalhos desenvolvidos por Michel Giacometti que enriqueceram de modo substancial o conhecimento da cultura popular portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

I – OBRAS IMPRESSAS

BOISSEVAN, J. (1965), *Festa Partiti*. In: *Saints and fireworks: religion and politics in rural Malta*. The Athlone Press. University of London. New York: Humanities Press Inc, 74-96

CASTELO-BRANCO, Salwa (dir.) (2010), *Enciclopédia da Música em Portugal no séc. XX A-C*. Lisboa, Circulo de Leitores, 108-112

CASTELO-BRANCO, Salwa; NEVES, José Soares; LIMA, Maria João. (2001), “Representações da memória: primeiros resultados do inquérito aos grupos de música tradicional em Portugal”. *OBS*, 10, 11-22

CASTELO-BRANCO, Salwa; LIMA, Maria João. (1998) “Práticas Musicais: alguns indicadores preliminares”. *OBS*, 4, 10-13

CORDEIRO, Maria G. Í. (2001) “Territórios e Identidades: sobre escalas de organização sócio-espacial num bairro de Lisboa”, *Revista de Estudos Históricos*, 28, 125 - 142.

CUNHA, Jorge Borges (1991) *O Carnaval na Graciosa 1990*. Eurosigno, Ponta Delgada, Açores.

DANIEL, L. e SOARES, N. (eds.) (2004). *Graciosa-Açores: Guia do Património Cultural*. Atlantic view – actividades turísticas Lda.

GARCIA, Orlando; SÉCIO, João (2007), “Para uma análise tipológica do movimento associativo: estudo diagnóstico das associações culturais recreativas na cidade de Lisboa”. *OBS*, 15, 21-41

HOLTON, Kimberly da Costa (2005), *Performing Folklore. Ranchos Folclóricos from Lisbon to Newark*. Indiana University Press, 1-22

KLIMT, Andrea (2005), “Performing Portugueseness in Germany”. *Etnográfica* IX, 1, 103-121

LEAL, João. (1994), *As Festas do Espírito Santo nos Açores, um estudo de Antropologia social*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.

LOURO, Margarida Maria Monteiro (2006) *A Banda Filarmónica: um retrato social e cultural. O caso da banda comércio e indústria de caldas da rainha*. Tese de Mestrado em Culturas Regionais (Estudos Portugueses). Departamento de Estudos Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

LOUROS, Helena (2009) A Polissemia da performance. Dimensões performativas da Banda Filarmónica a partir da análise musical e da história social desse agrupamento. Um estudo de caso. Performa' 09, Encontros de Investigação e Performance. Universidade de Aveiro, Instituto de Etnomusicologia, Centro de Estudos em Música e Dança.

MAÇARICO, Luís Filipe (1998) *Um Antropólogo no Associativismo*. Lisboa: Territorial – Associação de Estudos Territoriais e Análise Regional.

PACHECO, Norberto da Cunha (2005) *Graciosa: As tradições e as paisagens de uma ilha*. Região Autónoma dos Açores. Graciosa

PACHECO, Norberto da Cunha (1997) *Tradições Musicais da Ilha da Graciosa*. Região Autónoma dos Açores. Graciosa

RUSO, Susana Bilou (2007) *As Bandas Filarmónicas enquanto Património: Um estudo de caso no concelho de Évora*. Tese de Mestrado em Antropologia (Patrimónios e Identidades). Instituto Superior de Ciências e Tecnologias de Empresa, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa.

SOSA, Paulo Silveira e (2004) “As elites, o quotidiano e a construção da distinção de Angra do Heroísmo durante a segunda metade do séc. XIX”, *Arquipélago História*, 8, 113-169

VASCONCELOS, Maria João Pinto (2007) *A orquestra Filarmónica 12 de Abril: um agrupamento musical em mudança (1980-2006)*. Tese de Mestrado em Ciências Musicais (Etnomusicologia). Departamento de Ciências Musicais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa

II – FONTES DA WEB

<http://www.bandasfilarmonicas.com/>

<http://filarmonicarecreiodosartistas.blogs.sapo.pt/>

<http://fuplrejuvenescida.blogspot.pt/>

<http://fupg.blogs.sapo.pt/>

<http://academiailhagradosa.com/>

<http://cm-gradosa.azoresdigital.pt/>

<http://cm-gradosa.azoresdigital.pt/Default.aspx?Module=ArtigoDisplay&ID=234>

http://www.palaciodosmusicos.com/index.php?option=com_content&task=view&id=486&Itemid=520

<http://www.rgradosa.blogspot.pt/>

<http://ilha-gradosa.blogspot.pt/>

<http://noticias-cores.blogspot.pt/2010/12/novas-instalacoes-do-museu-da-gradosa.html>

<http://tv2.rtp.pt/icmblogs/rtp/gradosa/index.php?k=Procissao-de-24-de-Maio.rtp&post=33453>

<http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/gradosa/?m=03&y=2011&d=06>

<http://tv2.rtp.pt/icmblogs/rtp/gradosa/?m=05&y=2011&d=20>

<http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/gradosa/?m=06&y=2011&d=12>

<http://tcf.blogs.sapo.pt/37792.html>

III – FONTES ORAIS – ENTREVISTAS

André Simas, Professor e Músico da Filarmónica Recreio dos Artistas, Santa Cruz da Graciosa

José da Cunha Bettencourt, Presidente da Direcção da Filarmónica Recreio dos Artistas, Santa Cruz da Graciosa.

José Gabriel Martins, Presidente da Direcção da Academia Musical da Ilha Graciosa, São Mateus da Praia

Luís Aguiar, Músico e Maestro da Sociedade Filarmónica União Praiense, São Mateus da Praia.

Isalino de Melo e Cunha, Responsável pela Comissão de Festas da freguesia de Santa Cruz, Santa Cruz da Graciosa

Natalino Félix, Funcionário Público e Músico da Sociedade Filarmónica União Praiense

Tiago Correia, Músico da Filarmónica Recreio dos Artista, Santa Cruz da Graciosa.

Vânia Bettencourt, Maestrina e Secretária da Assembleia Geral da Filarmónica Recreio dos Artistas, Santa Cruz da Graciosa

Sra. Silva, Sócia da Filarmónica Recreio dos Artistas, Santa Cruz da Graciosa

ANEXOS

INQUÉRITO APLICADO AOS MÚSICOS EXECUTANTES DAS FILARMÓNICAS DA ILHA DA GRACIOSA -AÇORES

INQUÉRITO

Nota: este inquérito destina-se a recolher dados para a elaboração de uma tese de Mestrado, no âmbito do Mestrado de Antropologia – especialização em Culturas Visuais – realizados na FCSH – UNL (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa)

Sexo: M ☐ F ☐ Idade:_____ Estado civil:_____

Naturalidade:_____

Residência/ Freguesia: _____

Habilitações Literárias: _____

Ocupação profissional: _____

1. Que idade tinha quando ingressou a Banda Filarmónica?

2. Quais os motivos que o(a) levaram a ingressar a Banda Filarmónica?

3. Quem o influenciou a ingressar na Banda Filarmónica?

4. Há quanto tempo se dedica à Banda?

5. Que importância tem para si a Banda Filarmónica?

6. O instrumento que executa é seu ou pertence à Banda?

7. Em alguma ocasião fez parte de outra Banda Filarmónica? Qual?

8. Recorreu ao ensino profissional de música ou somente na Banda (coloque um X)

| | | Tempo |
|---------------------|----------------------|-------|
| Ensino profissional | Escola Particular | |
| | Professor Particular | |
| | Conservatório | |
| Apenas na Banda | | |

9. Qual o número de familiares que foram ou são músicos na Banda Filarmónica a que pertence?

10. Qual a sua preferência quanto ao local de execução dos concertos da Banda?
(coloque um X)

| Actividade | Não gosto | Gosto | Gosto muito | N.A.* |
|--------------------------------|-----------|-------|-------------|-------|
| Tocar em cerimónias oficiais | | | | |
| Tocar em salas de espectáculos | | | | |
| Tocar em cerimónias religiosas | | | | |
| Tocar nas Ruas | | | | |
| Tocar em Coretos | | | | |
| Tocar em palcos improvisados | | | | |

* não aplicado

11. Qual a sua preferência pelo repertório da Banda? (coloque um X)

| Tipo de repertório | Não gosto | Gosto | Gosto muito | N.A. |
|-------------------------|-----------|-------|-------------|------|
| Marchas da Rua | | | | |
| Marchas de Procissão | | | | |
| Marchas Fúnebres | | | | |
| Marchas Concerto | | | | |
| Repertório de Orquestra | | | | |
| Repertório da Banda | | | | |
| Rapsódias | | | | |
| Música Ligeira | | | | |
| Hinos | | | | |
| Repertório Litúrgico | | | | |



Foto 1 Fundação da Filarmónica Recreio dos Artistas em 1913



Foto 2 Ensaio da Filarmónica Recreio dos Artistas (sala de ensaio)



Foto 3 Sede da Filarmónica Recreio dos Artistas (salão de festas)



Foto 4 Sede da Filarmónica Recreio dos Artistas (pátio)



Foto 5 Concerto de Boas Vindas ao novo Padre da freguesia de Santa Cruz



Foto 6 Concerto de Boas Vindas ao novo Padre da freguesia de Santa Cruz (participação da Filarmónica Recreio dos Artistas)



Foto 7 98º Aniversário da Filarmónica Recreio dos Artistas (participação do quarteto de trompas da Filarmónica)



Foto 8 98º Aniversário Filarmónica Recreio dos Artistas (participação do quarteto de saxofones da Filarmónica)



Foto 9 98º Aniversário da Filarmónica Recreio dos Artistas (participação da Orquestra Ligeira)



Foto 10 98º Aniversário da Filarmónica Recreio dos Artistas (participação do Conjunto Musical)



Foto 11 98º Aniversário da Filarmónica Recreio dos Artistas (entrega de prémios)



Foto 12 98º Aniversário da Filarmónica Recreio dos Artistas (O Baile)



Foto 13 Participação das Filarmónicas da Ilha Graciosa no Carnaval 2011



Foto 14 Participação das Filarmónicas da Ilha Graciosa no Carnaval 2011



Foto 15 Coroação da Filarmónica Recreio dos Artistas (Cortejo)



Foto 16 Coroação da Filarmónica Recreio dos Artistas (saída da Igreja)



Foto 17 Coroação da Filarmónica Recreio dos Artistas (entrada na sede)



Foto 18 Coroação da Filarmónica Recreio dos Artistas (almoço)



Foto 19 Coroação da Filarmónica Recreio dos Artistas (almoço)



Foto 20 Coroação da Filarmónica Recreio dos Artistas (concerto)



Foto 21 Coroação da Escola Básica e Secundária da Graciosa



Foto 22 Coroação da Escola Básica e Secundária da Graciosa



Foto 23 Coroação da Escola Básica e Secundária da Graciosa



Foto 24 Participação da Filarmónica União Progresso de Guadalupe na Coroação da Escola Básica e Secundária da Graciosa



Foto 25 Coroação do lugar do Rebutão (Filarmónica Recreio dos Artistas)



Foto 26 Coroação do lugar do Rebutão (Filarmónica Recreio dos Artistas)



Foto 27 Festa do lugar do Rebentão (Filarmónica Recreio dos Artistas)



Foto 28 Festa do lugar do Rebentão (Filarmónica Recreio dos Artistas)



Foto 29 Procissão do Santo António (Filarmónica União Popular Luzense)



Foto 30 Procissão do Santo António (Filarmónica União Popular Luzense)



Foto 31 Festa do lugar Bom Jesus (Filarmónica Recreio dos Artistas)



Foto 32 Festa do lugar das Dores (Filarmónica Recreio dos Artistas)



Foto 33 Festa do lugar das Dores (participação das Filarmónicas das freguesias de Santa Cruz e de Guadalupe)



Foto 34 Festa do lugar das Dores (participação das Filarmónicas das freguesias de Santa Cruz e de Guadalupe)



Foto 35 Festa do lugar das Dores (Filarmónicas diante do Império)



Foto 36 Festa do lugar das Dores (Filarmónicas diante do Império)



Foto 37 Participação da Sociedade Filarmónica União Praiense numa Coroação da sua freguesia



Foto 38 Participação da Sociedade Filarmónica União Praiense numa Coroação da sua freguesia



Foto 39 Participação no IV Festival de Bandas no Faial (Filarmónica Recreio dos Artistas)



Foto 40 Participação no IV Festival de Bandas no Faial – Desfile (Filarmónica Recreio dos Artistas)



Foto 41 Participação no IV Festival de Bandas no Faial – Desfile (Filarmónica Recreio dos Artistas)



Foto 42 Participação no IV Festival de Bandas no Faial (Filarmónica Recreio dos Artistas)

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----|
| Foto 1 Fundação da Filarmónica Recreio dos Artistas em 1913 | 108 |
| Foto 2 Ensaio da Filarmónica Recreio dos Artistas (sala de ensaio) | 108 |
| Foto 3 Sede da Filarmónica Recreio dos Artistas (salão de festas)..... | 109 |
| Foto 4 Sede da Filarmónica Recreio dos Artistas (pátio)..... | 109 |
| Foto 5 Concerto de Boas Vindas ao novo Padre da freguesia de Santa Cruz | 110 |
| Foto 6 Concerto de Boas Vindas ao novo Padre da freguesia de Santa Cruz (participação da Filarmónica Recreio dos Artistas) | 110 |
| Foto 7 98º Aniversário da Filarmónica Recreio dos Artistas (participação do quarteto de trompas da Filarmónica)..... | 111 |
| Foto 8 98º Aniversário Filarmónica Recreio dos Artistas (participação do quarteto de saxofones da Filarmónica)..... | 111 |
| Foto 9 98º Aniversário da Filarmónica Recreio dos Artistas (participação da Orquestra Ligeira) | 112 |
| Foto 10 98º Aniversário da Filarmónica Recreio dos Artistas (participação do Conjunto Musical)..... | 112 |
| Foto 11 98º Aniversário da Filarmónica Recreio dos Artistas (entrega de prémios) ... | 113 |
| Foto 12 98º Aniversário da Filarmónica Recreio dos Artistas (O Baile) | 113 |
| Foto 13 Participação das Filarmónicas da Ilha Graciosa no Carnaval 2011 | 114 |
| Foto 14 Participação das Filarmónicas da Ilha Graciosa no Carnaval 2011 | 114 |
| Foto 15 Coroação da Filarmónica Recreio dos Artistas (Cortejo) | 115 |
| Foto 16 Coroação da Filarmónica Recreio dos Artistas (saída da Igreja) | 115 |
| Foto 17 Coroação da Filarmónica Recreio dos Artistas (entrada na sede)..... | 116 |
| Foto 18 Coroação da Filarmónica Recreio dos Artistas (almoço) | 116 |
| Foto 19 Coroação da Filarmónica Recreio dos Artistas (almoço) | 117 |
| Foto 20 Coroação da Filarmónica Recreio dos Artistas (concerto) | 117 |
| Foto 21 Coroação da Escola Básica e Secundária da Graciosa..... | 118 |

| | |
|--|-----|
| Foto 22 Coroação da Escola Básica e Secundária da Graciosa..... | 118 |
| Foto 23 Coroação da Escola Básica e Secundária da Graciosa..... | 119 |
| Foto 24 Participação da Filarmónica União Progresso de Guadalupe na Coroação da Escola Básica e Secundária da Graciosa | 119 |
| Foto 25 Coroação do lugar do Rebentão (Filarmónica Recreio dos Artistas)..... | 120 |
| Foto 26 Coroação do lugar do Rebentão (Filarmónica Recreio dos Artistas)..... | 120 |
| Foto 27 Festa do lugar do Rebentão (Filarmónica Recreio dos Artistas)..... | 121 |
| Foto 28 Festa do lugar do Rebentão (Filarmónica Recreio dos Artistas)..... | 121 |
| Foto 29 Procissão do Santo António (Filarmónica União Popular Luzense)..... | 122 |
| Foto 30 Procissão do Santo António (Filarmónica União Popular Luzense)..... | 122 |
| Foto 31 Festa do lugar Bom Jesus (Filarmónica Recreio dos Artistas) | 123 |
| Foto 32 Festa do lugar das Dores (Filarmónica Recreio dos Artistas)..... | 123 |
| Foto 33 Festa do lugar das Dores (participação das Filarmónicas das freguesias de Santa Cruz e de Guadalupe) | 124 |
| Foto 34 Festa do lugar das Dores (participação das Filarmónicas das freguesias de Santa Cruz e de Guadalupe) | 124 |
| Foto 35 Festa do lugar das Dores (Filarmónicas diante do Império) | 125 |
| Foto 36 Festa do lugar das Dores (Filarmónicas diante do Império) | 125 |
| Foto 37 Participação da Sociedade Filarmónica União Praiense numa Coroação da sua freguesia..... | 126 |
| Foto 38 Participação da Sociedade Filarmónica União Praiense numa Coroação da sua freguesia..... | 126 |
| Foto 39 Participação no IV Festival de Bandas no Faial (Filarmónica Recreio dos Artistas) | 127 |
| Foto 40 Participação no IV Festival de Bandas no Faial – Desfile (Filarmónica Recreio dos Artistas)..... | 127 |
| Foto 41 Participação no IV Festival de Bandas no Faial – Desfile (Filarmónica Recreio dos Artistas)..... | 128 |

| | |
|---|-----|
| Foto 42 Participação no IV Festival de Bandas no Faial (Filarmónica Recreio dos Artistas) | 128 |
|---|-----|